



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS-UFGD  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE**



**ANGELICA GONÇALVES DE SOUZA**

**O PAPEL DO MST NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE  
EDUCADORES DO CAMPO: UM ESTUDO DAS INTENCIONALIDADES  
FORMATIVAS QUE EMERGEM A PARTIR DOS ENCONTROS DE  
EDUCADORES DA REFORMA AGRÁRIA NO MT- ASSENTAMENTO  
ANTÔNIO CONSELHEIRO**

**Dourados-MS**

**2022**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS-UFGD  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO E TERRITORIALIDADE



ANGELICA GONÇALVES DE SOUZA

**O PAPEL DO MST NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE  
EDUCADORES DO CAMPO: UM ESTUDO DAS INTENCIONALIDADES  
FORMATIVAS QUE EMERGEM A PARTIR DOS ENCONTROS DE  
EDUCADORES DA REFORMA AGRÁRIA NO MT- ASSENTAMENTO  
ANTÔNIO CONSELHEIRO**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Grande Dourados – Faculdade Intercultural Indígena, para obtenção do Título de Mestre em Educação e Territorialidade.

**Linha de pesquisa:** Educação e Diversidade.  
**Área de concentração:** Desenvolvimento e Políticas Públicas.

**Orientadora:** Professora Dr<sup>a</sup>. Raquel Alves de Carvalho

Dourados –MS

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).**

S729p	<p>Souza, Angelica Gonçalves de.</p> <p>O papel do MST no processo de formação continuada de educadores do campo : um estudo das intencionalidades formativas que emergem a partir dos encontros de educadores da reforma agrária no MT, Assentamento Antônio Conselheiro. / Angelica Gonçalves de Souza. – Dourados, MS : UFGD, 2022.</p> <p>Orientadora: Raquel Alves de Carvalho Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) – Universidade Federal da Grande Dourados.</p> <p>1. Educação do campo. 2. Transformação da forma escolar. 3. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. I. Título.</p>
-------	--

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central – UFGD.**

**©Todos os direitos reservados. Permitido a publicação parcial desde que citada a fonte.**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
FACULDADE INTERCULTURAL INDÍGENA –FAIND  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
TERRITORIALIDADE



## Angelica Gonçalves de Souza

### *O PAPEL DO MST NO PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE EDUCADORES DO CAMPO:*

*Um estudo das intencionalidades formativas que emergem a partir dos  
encontros de educadores e educadoras da reforma agrária no MT-  
Assentamento Antônio Conselheiro*

Esta dissertação foi julgada e aprovada pela presente banca examinadora para a obtenção do título de Mestra em Educação e Territorialidade pela Faculdade Intercultural Indígena da Universidade Federal da Grande Dourados.

Dourados, 31 de janeiro de 2021.

**Prof. Dr. Eliel Benites**  
Diretor da Faculdade Intercultural Indígena/FAIND  
**BANCA EXAMINADORA**

**Profª Drª Raquel Alves de Carvalho**  
Orientadora/PPGET/UFGD

**Profª. Drª Monica Castagna Molina**  
Membro externo/Fe/UNB

**Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira**  
Membro Externo / SEEDF

**Prof. Dr. Rodrigo Simão Camacho**  
Membro interno/PPGET/UFGD

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, Nadir Sancra de Souza e Valdec Francisco de Souza, de quem orgulhosamente sou apaixonada. Ambos trabalhadores da agricultura familiar, com pouco grau de escolaridade, além de me dar a vida, sempre incentivaram a estudar e lutar pelos nossos objetivos.

Ao meu filho Francisco, minha inspiração que me enche de alegria, e me faz acreditar que um mundo mais justo ainda é possível e que a luta é constante.

Ao meu companheiro, Magnivaldo, pessoa que me incentiva a estudar, batalhar e lutar por nossos direitos enquanto trabalhadores/as. A você meu agradecimento por partilhar comigo os momentos de vitória e angústias.

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida (principalmente no momento de tanto sofrimento que a humanidade passou, devido a pandemia de Covid-19) e por possibilitar tantas conquistas e vitórias em minha vida, entre elas, concluir mais esta etapa de formação acadêmica, um desejo imensurável possível que, infelizmente abarca a minoria dos educadores/as.

A professora Raquel, por me receber e me acolher com meu projeto de pesquisa, pessoa sensível, humana e compreensiva. Sempre serei grata por sua orientação, comprometimento e dedicação, tenho orgulho de dizer que fui sua primeira orientanda de mestrado, uma sabedoria imensa de lidar com todas as situações, sempre incentivando e dedicando seu tempo ao Movimento da Educação do campo, um exemplo de ser humano.

A minha família, meus pais, irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhada.

Ao coletivo do PPGET que um dia acreditaram que um projeto de mestrado nesta proporção de diversidades fosse se tornar realidade, nos proporcionando tantos conhecimentos, saberes e momentos riquíssimos de troca de experiências.

A secretaria do PPGT, Adriana Fiori, por sempre estar à disposição em todos os momentos que solicitávamos, pessoa querida e atenciosa.

Aos companheiros e companheiras do Setor de Educação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), que se doaram para organização e realização dos encontros de educadores e educadoras da Reforma Agrária, na qual sem incentivo financeiro faz destes momentos únicos e de grandes aprendizados para os sujeitos do campo.

Aos educadores e educadoras da Escola Ernesto Che Guevara que participaram dos encontros, quanto aos que não se encontram mais lá, e os que continuam, gratidão por contribuírem para que esta pesquisa fosse possível.

A minha amiga Franciely Zenatt, o presente que o mestrado me deu, muito acolhedora e amiga, está à disposição sempre que preciso.

A minha amiga/irmã Angela Cristina, por me permitir a viver vários momentos de sonhos juntas no projeto de Educação do Campo, pessoa maravilhosa que me apoia e me incentiva a persistir sempre, gratidão a Deus por ter a oportunidade de conviver com você nas loucuras da vida.

Ao Wagner, além de ser nosso representante de turma, sempre dedicado, prestativo, atencioso, responsável. Uma pessoa muito querida, que posso chamar de amigo.

Aos companheiros de mestrado, por partilhar de suas experiências riquíssimas e acreditar neste sonho, em especial ao André, Alessandra e Manoel, Wagner e Franciely.

À Banca, pelas contribuições na organização desse processo de escrita, prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Monica Castagna Molina, Prof<sup>o</sup> Dr. Rodrigo Camacho por fazer sugestões riquíssimas na qualificação. Agradeço ao Prof<sup>o</sup> Dr. Marcelo Fabiano Rodrigues Pereira, por aceitar nosso convite e integrar a banca de defesa e fazer observações atentas ao refinamento dele.

## A Educação do Campo

(Gilvan Santos)

*A educação do campo, do povo agricultor  
Precisa de uma enxada, de um lápis e de um trator*

*Precisa do educador pra trocar conhecimento*

*O maior ensinamento é a vida e o seu valor*

*Dessa história nós os sujeitos*

*Lutamos pela vida, pelo o que é de direito*

*As nossas marcas se espalham pelo chão  
A nossa escola, ela vem do coração*

*Se a humanidade produziu tanto saber*

*O rádio, a ciência e a cartilha do ABC*

*Mas falta empreender a solidariedade*

*Soletrar essa verdade, está faltando acontecer*

(Cantares da Educação do Campo, MST, 2006).

Pra vida continuar  
(Zé Pinto)

*Já que você me sorriu  
Vamos fazer parceria,  
Você pega o violão  
Que eu escrevo a poesia.  
Pra falar de educação  
Nessa nossa cantoria  
Pra falar de educação  
Nessa nossa cantoria*

*Que Paulo Freire nos ilumine de lá  
De onde ele deve estar com sua pedagogia  
Aqui na terra vamos lutando por ela  
Aprendendo nesta guerra, soletrar cidadania.*

*Já que você decidiu  
Dê as mãos, vamos simhora  
Porque pela estrada afora,  
Vamos juntar muita gente,  
Pois no campo vai florir  
Uma educação decente*

*Pra começar, quando vi o sol raiar  
Vi que soletrar a vida é bem mais que o B A Bá  
É contar subtrair e somar  
Dividir felicidade pra vida multiplicar*

(Cantares da Educação do Campo, MST, 2006).

SOUZA, Angelica Gonçalves. **O papel do mst no processo de formação continuada de educadores do campo:** Um estudo das intencionalidades formativas que emergem a partir dos encontros de educadores e educadoras da Reforma Agrária no MT- Assentamento Antonio Conselheiro. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade). Faculdade Intercultural Indígena, Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados- MS, 2022.

## RESUMO

A presente pesquisa aborda como temática o processo de formação dos encontros de educadores e educadoras da reforma agrária fomentada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais de Sem Terra (MST), o *locus* da pesquisa é o Centro Municipal de Educação Ernesto Che Guevara no Assentamento Antonio Conselheiro Tangará da Serra, no estado de Mato Grosso. Com o objetivo geral de analisar a proposta formativa do MST, na formação de educadores e educadoras e nas ações que estes e estas protagonizam nas escolas do campo na região do médio norte de Mato Grosso. E tendo como específicos: Discutir a concepção de formação continuada de educadores e educadoras, e de sujeitos que o MST vem trabalhando, mediante os processos formativos presentes nos Encontros de Educadores da Reforma Agrária-MT; Identificar os princípios da proposta formativa dos Encontros dos Educadores da Reforma Agrária que estão sendo apreendidos pelos participantes e colocados em ação na comunidade local do Assentamento Antônio Conselheiro. E, por fim, identificar os desafios da escola do campo em agregar os princípios de formação humana e social sugeridos pelo MST e que intencionam a transformação humana e social na perspectiva da classe trabalhadora do campo. A partir dos dados levantados através da pesquisa bibliográfica integrada à pesquisa de campo (entrevistas), foi possível compreender com estes resultados, que as formações protagonizadas pelo MST se materializam nas práticas pedagógicas da referida escola. Dessa forma, entende-se que a transformação da forma escolar só é possível quando se tem um coletivo de profissionais da educação que ao vivenciarem por um período um processo formativo, desafiam a ressignificar seus planos de aula, mesmo sabendo que este processo é árduo, mas, porém, compensador. Ao término deste trabalho, espera-se que a presente pesquisa possa contribuir com reflexões sobre a formação de professores das escolas do campo, e sobre algumas das potencialidades e dificuldades no enfrentamento do desafio do Movimento da Educação do Campo.

**Palavras-chave:** *Educação do Campo, Transformação da forma escolar, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.*

## ABSTRACT

*The present research approaches as a theme the formation process of the meetings of educators of the agrarian reform promoted by the Movement of Rural Workers of Sem Terra (MST), as locus of the research Centro Municipal de Educação Ernesto Che Guevara in the Settlement Antonio Conselheiro Tangará da Serra, in Mato Grosso. With the general objective of analyzing the training proposal of the MST, in the training of educators and in the actions that these and these carry out in rural schools in the mid-north region of Mato Grosso. And having as specific: I Discuss the concept of continuing education of educators, and subjects that the MST has been working, through the training processes present in the Meetings of Educators of Agrarian Reform — MT; II Identify the principles of the training proposal of the Agrarian Reform Educators Meetings that are being learned by the participants and put into action in the local community of the Antônio Conselheiro Settlement. III Identify the challenges of the rural school in aggregating the principles of human and social formation suggested by the MST and that intend the human and social transformation in the perspective of the rural working class. From the data collected through the bibliographic research integrated to the field research (interviews) it was possible to understand with these results, that the formations carried out by the MST are materialized in the pedagogical practices of that school. In this way, we understand that the transformation of the school form is only possible when there is a collective of education professionals who, when experiencing a training process for a period, challenged to re-signify their lesson plans, even knowing that this process is arduous, but nevertheless, compensator. It is hoped that this research can contribute to reflections on the training of teachers in rural schools, and on some of the potential and difficulties in facing the challenge of the Rural Education Movement.*

**Keywords:** *Rural Education, Transformation of school form, Landless Rural Workers Movement.*

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> -Gráfico representativo da atuação dos educadores/educadoras.....	53
<b>Figura 2</b> - Fotos de alguns momentos dos encontros de educadores/as da Reforma Agrária.....	80
<b>Figura 3</b> - Família da entrevistada (Rosana) no barraco do acampamento .....	84
<b>Figura 4</b> – Marcha organizada pelo MST .....	85
<b>Figura 5</b> - Mapa de localização do Assentamento Antonio Conselheiro, estado de Mato Grosso.....	87
<b>Figura 6</b> - Mapa do Modelo de parcelamento – “Raio de Sol”, aplicado no Assentamento Antônio Conselheiro .....	88
<b>Figura 7</b> - Localização da Escola Ernesto Che Guevara .....	89
<b>Figura 8</b> - Foto da Escola de palha .....	90
<b>Figura 9</b> – Foto da Escola de madeira .....	91
<b>Figura 10</b> - Foto da Escola de alvenaria .....	93
<b>Figura 11</b> – Foto da Mística de abertura da semana pedagógica.....	98
<b>Figura 12</b> – Foto dos Elementos da mística de abertura Semana Pedagógica 2015. . .	99
<b>Figura 13</b> – Foto da Mesa de abertura do 1º Seminário práticas pedagógicas contra –hegemônicas na formação de educadores de escolas do campo.....	100
<b>Figura 14</b> - Foto da Mística de abertura do 1º Seminário práticas pedagógicas contra – hegemônicas na formação de educadores de escolas do campo.....	102
<b>Figura 15</b> - Foto de um dos momentos de Formação específica com educadores/as Ernesto Che Guevara .....	103
<b>Figura 16</b> - Foto de encerramento da formação.....	105
<b>Figura 17</b> – Foto dos Momentos de mística na especialização .....	107

<b>Figura 18</b> -Foto dos Momentos de socialização de trabalhos na especialização.....	107
<b>Figura 19</b> – Fotos dos Momentos de socialização de trabalhos.....	109
<b>Figura 20</b> - Fotos de visitas as 07 escolas do Campo.....	114
<b>Figura 21</b> - Foto da Mesa de abertura I Encontro de formação da Juventude camponesa de Tangará da Serra.....	116
<b>Figura 22</b> - Fotos do I Encontro da Juventude Camponesa .....	117
<b>Figura 23</b> – Foto da preparação para as místicas do II Encontro da Juventude Camponesa.....	122
<b>Figura 24</b> - Fotos de alguns momentos do II Encontro da Juventude Camponesa .....	123
<b>Figura 25</b> - Fotos da passeata contra a reforma da BNCC .....	125

## LISTA DE QUADROS

<b>Tabela 1</b> - Boletim diário da Covid 19 no município de Tangara da Serra/MT.....	25
<b>Quadro 1</b> - Registro dos encontros de educadores da Reforma Agrária .....	49
<b>Quadro 2</b> – Sobre a motivação para participar dos encontros.....	54
<b>Quadro 3</b> – Sobre se tornar educador/a da Educação do Campo .....	56
<b>Quadro 4</b> – Sobre a utilização dos conteúdos das formações.....	58
<b>Quadro 5</b> – Sobre a materialização dos conteúdos.....	60
<b>Quadro 6</b> – Sobre os temas dos próximos encontros .....	64
<b>Quadro 7</b> – Sobre a escolha das temáticas dos encontros.....	66
<b>Quadro 8</b> – Sobre as contribuições dos encontros .....	69
<b>Quadro 9</b> – Sobre os avanços e limites dos encontros.....	71
<b>Quadro 10</b> – Sobre a periodicidade dos encontros .....	74
<b>Quadro 11</b> – Sobre o funcionamento atual dos encontros .....	76
<b>Quadro 12</b> – Sobre os registros dos encontros .....	78
<b>Quadro 13</b> - Cronograma dos passos para o planejamento.....	103
<b>Quadro 14</b> – Sobre o desafio de ser protagonista .....	118
<b>Quadro 15</b> – Sobre aprendizagem/conhecimento.....	119
<b>Quadro 16</b> – Sobre a importância do II Encontro da Juventude Camponesa.	119

## LISTA DE SIGLAS

<b>BNCC</b> - Base Nacional Comum Curricular.
<b>CAPES</b> - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.
<b>CECAPE</b> - Centro de Formação e Pesquisa Olga Benário.
<b>CEFAPRO</b> - Centro de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores.
<b>CETEC</b> - Centro Transdisciplinar de Educação do Campo.
<b>ENERA</b> - Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária.
<b>FAIND</b> - Faculdade Intercultural Indígena.
<b>FUP</b> - Faculdade UnB Planaltina.
<b>GPT</b> - Grupo Permanente de Trabalho em Educação do Campo.
<b>INCRA</b> - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.
<b>LEdoC</b> - Licenciatura em Educação do Campo.
<b>MEC</b> – Ministério da Educação.
<b>MST</b> - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.
<b>MT</b> - Mato Grosso.
<b>OMS</b> - Organização Mundial de Saúde.
<b>PPP</b> - Projeto Político Pedagógico.
<b>PPGET</b> - Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade.
<b>PRONERA</b> - Programa Nacional de Reforma Agrária.
<b>SECADI</b> - Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão.
<b>SEDUC</b> - Secretária de Estado de Educação.

<b>SEMEC</b> - Secretaria Municipal de Educação.
<b>UFMG</b> - Universidade Federal de Minas Gerais.
<b>UFSC</b> - Universidade Federal de Santa Catarina.
<b>UNEMAT</b> - Universidade do Estado de Mato Grosso.
<b>UnB</b> – Universidade de Brasília.
<b>UNIFESSPA</b> -Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará.
<b>UFGD</b> - Universidade Federal da Grande Dourados.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>18</b>
<b>CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEUS CONTEXTOS.....</b>	<b>27</b>
1.1-Histórias da educação do campo: os congressos e principais conquistas legais.....	27
1.2-Currículo e Educação do campo.....	36
<b>CAPÍTULO II- MOVIMENTOS SOCIAIS CAMPONESES E EDUCAÇÃO DO CAMPO .....</b>	<b>38</b>
2.1-Reforma Agrária: O processo de luta pelo território camponês.....	38
2.2-Movimentos Sociais do campo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).....	40
2.3-Movimentos sociais e Educação do Campo.....	43
2.4-O MST e a formação dos educadores no MT e no município Tangará da Serra: Princípios e Diretrizes de formação de educadores no MST.....	47
<b>CAPÍTULO III - ASSENTAMENTO ANTONIO CONSELHEIRO E A ESCOLA DE INSERÇÃO DE EGRESSOS E EGRESSAS DOS ENCONTROS DE EDUCADORES/EDUCADORAS DA REFORMA AGRÁRIA .....</b>	<b>82</b>
3.1-De Acampamento a Assentamento: Parte do processo de luta e conquista .....	82
3.2-Escola Ernesto Che Guevara .....	88
3.3-A Transformação da forma Escolar: Memória dos avanços na história da Educação do Campo, protagonizado pela Escola Ernesto Che Guevara enquanto era uma escola estadual.....	95
3.3.1- Construtores do futuro: O processo de formação dos educadores e educadoras da escola Ernesto Che Guevara.....	100
3.3.2-A Semana Pedagógica.....	102
3.3.3-Seminário práticas pedagógicas contra –hegemônicas na formação de educadores de escolas do campo .....	103
3.3.4-Formação: participação na etapa da especialização .....	104
3.3.5-Práticas pedagógicas interdisciplinares .....	106
3.3.6-Socialização das Práticas Educativas da Escola Estadual Ernesto Che Guevara....	110
3.3.7-Auto-organização dos estudantes: Os encontros da juventude camponesa.....	111
3.3.8-.I Encontro de formação da Juventude camponesa de Tangará da Serra .....	113
3.3.9-.II Encontro de formação da Juventude camponesa de Tangará da Serra.....	121
3.3.10-Além da Sala de aula: Movimentação BNCC .....	124
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>126</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>128</b>
<b>ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA .....</b>	<b>133</b>
Anexo 1 - roteiro para entrevista com os organizadores/coordenadores do setor de educação do MST – MT .....	133
Anexo 2 - roteiro para entrevista com os educadores e educadoras egressos dos encontros que atuam ou atuaram na escola foco desta pesquisa, escola Ernesto Che Guevara .....	134

## INTRODUÇÃO

### **Formação como resistência**

Para situar os leitores e pesquisadores do tema, farei com uma breve apresentação de minha trajetória de formação de vida, acadêmica, luta e resistência na terra.

Sou Mato-grossense, natural do município de Cáceres, nascida em 24 de julho de 1988, filha de Valdec Francisco de Souza, natural do estado da Bahia. E filha de uma capixaba, dona Nadir Sancra de Souza, a quarta filha de um total de quatro irmãos. Hoje, mãe do pequeno Francisco. Minha família sempre foi de agricultura familiar de subsistência, vivemos da terra e na terra.

Mesmo sendo uma família de baixa renda, como poucos, ao nascer tive a oportunidade de já termos um pedacinho de terra para chamar de “nosso”, assim, meus pais plantavam, colhiam, e seguiam com um sonho de dias melhores. Meu pai alfabetizado e minha mãe não alfabetizada, o que não foi motivo para que não nos incentivassem a estudar e acreditar que para o camponês também é possível sonhar nas oportunidades que um nível superior nos oferece.

No ano de 2001, vindos de município vizinho, chegamos ao Assentamento Antonio Conselheiro, município de Barra do Bugres, no estado de Mato Grosso, esta mudança foi necessária para permanecermos na terra, pois a nossa não era tão boa para o cultivo de sementes. Como não participamos deste processo riquíssimo de acampamento, nossa família adquiriu o lote por meio de compra de família que não se adaptou ao local.

Foi neste momento que conheci a luta, a força e a resistência do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), mesmo muito nova com meus 13 anos de idade, ao chegar no assentamento já iniciei minha caminhada junto a este movimento que tanto resiste frente a tanta desigualdade social que enfrentamos todos os dias e, que nos cerca perante esta sociedade que chega ser “doente” de tanto que o capital exclui os trabalhadores e trabalhadoras.

Fruto de uma Educação pública, minha trajetória escolar se resume em escolas do Campo, ao chegar no Assentamento, pode-se afirmar que este ainda não contava com turmas de ensino médio, fazendo com que ao concluir o fundamental, me ausentasse dos estudos durante um ano. Diante destas condições que os filhos e filhas dos trabalhadores e trabalhadoras enfrentavam, sem possibilidade de seguir com a formação, a gestão escolar e os militantes do MST, buscaram parcerias e, já no ano de dois mil e três inicia o tão sonhado Ensino Médio para os filhos e filhas dos e das camponeses na Escola Estadual Paulo Freire. Em seu quadro de educadores, poucos haviam concluído a graduação, mas frente à tamanha luta, este não poderia ser empecilho e nem motivo para que os filhos dos camponeses não tivessem acesso à continuidade dos estudos.

Após a conclusão do Ensino Médio, aos dezessete anos, tive a oportunidade de assumir uma turma de Educação Infantil na Escola Paulo Freire, ficando deslumbrada em ser professora pela primeira vez, estava na posição em que vi, muitos anos, os meus professores. Já no ano seguinte, assumi a secretaria desta Escola, e por ali fiquei até o ano de 2012, assim só reforçava mais o meu papel na educação do campo.

Em meio ao trabalho, surgiu o desejo de me formar e ser professora, dessa forma iniciei o curso de Pedagogia em uma Universidade Particular na cidade de Tangará da Serra, mas continuava desenvolvendo o trabalho na escola. Em 2008, através do MST, surgiu a oportunidade de realizar o vestibular para Graduação em Licenciatura em Educação do Campo (LEdoC), pela Faculdade UnB Planaltina — DF (FUP), um curso que me possibilitaria o debate político, e me possibilitaria existir de forma acadêmica dentro de uma universidade pública, uma conquista de direitos aos camponeses. Um curso em que os camponeses e quilombolas pudessem ter momentos de trocas de experiências e assim foi durante quatro anos e meio, essa ousadia de uma "sem-terra" do Assentamento a Universidade Pública em Brasília — DF.

Com muito esforço, força de vontade, desafios, no ano de 2013 estava eu, uma "sem terra" com dois diplomas de nível superior, e que os desejos de ser professora neste momento de fato seria possível, e acreditar que o impossível está para quem não acredita em si. Sei que passei por momentos de

muitos desafios, mas que não me desmotivou a seguir meu caminho, um sonho que estava se tornando realidade.

Já no ano de 2014, ao concluir a graduação, tive a oportunidade de contribuir como educadora na Escola Estadual Ernesto Che Guevara, localizada no mesmo Assentamento, porém no Município de Tangará da Serra-MT. Escola esta, que também foi fruto de lutas de homens, mulheres, jovens e crianças que após a conquista das terras, trava lutas para a então sonhada Educação no e do Campo.

Neste mesmo ano de 2014, a convite de professores da UnB e por meio de um processo seletivo, tive a oportunidade de ingressar em uma especialização *lato sensu* em “Educação do Campo para o Trabalho Interdisciplinar nas Áreas de Ciências da Natureza e Matemática”. A oferta desse curso teve o envolvimento de várias universidades públicas federais, Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), tendo sido fomentado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) por meio do Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA); pelo Ministério de Educação por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

O curso foi ofertado em regime de alternância para sujeitos de áreas de reforma agrária egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo das áreas de Ciências da Natureza e Matemática sendo alunos oriundos das regiões norte, sul, sudeste e centro-oeste do Brasil. E lá estava novamente uma camponesa dando continuidade a um sonho que muitas vezes pareceu tão distante.

A partir desta experiência, pude participar de atividades de extensão da Universidade, que tinham como finalidade fortalecer a relação entre a Universidade e a Educação Básica. Nesta direção, em parceria com a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Santa Catarina(UFSC), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), organizamos atividades de extensão e eventos acadêmicos com a finalidade de contribuir com a formação dos sujeitos camponeses das escolas do campo.

O desafio de assumir como coordenadora pedagógica nesta escola em questão veio no ano de 2018, com o desejo de contribuir e proporcionar momentos de formação para os profissionais de educação ressaltando que, estas formações sempre contaram com a participação efetiva do MST.

Diante de toda esta trajetória de vida pessoal, acadêmica e profissional que mencionei nesta produção textual que, ao conhecer o edital de seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade UFGD/FAIND/MS, me motivou a fazer a seleção, tendo em vista que meu objetivo é contribuir ainda mais para a luta da Educação do Campo, na construção de uma proposta educacional que seja referenciada pelos sujeitos coletivos do campo, fortalecendo a formação destes sujeitos, buscando a elevação dos níveis de consciência da classe trabalhadora e contribuir com a produção do conhecimento científico nas discussões relacionadas à Educação e Diversidade, considerando as idiossincrasias da vida no campo.

Desta forma, um mestrado com as especificidades dos povos do campo e por alternância, tem muito a contribuir e oportunizar a participação deste povo, sendo que não precisamos nos desligar de nossas comunidades (seja do ponto de vista geográfico ou ideológico) para que possamos nos capacitar e contribuir com a nossa gente.

Neste contexto que a pesquisa em questão vai além de uma dissertação de conclusão de curso, é um momento de contribuir na escrita de forma organizada e refletida em relação aos encontros de formação de educadores e educadoras do campo, oferecidos anualmente pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no estado de Mato Grosso, acredito que, a presente pesquisa além de me proporcionar o título de mestre, prioritariamente dará um retorno a nossa comunidade de origem e ao Movimento da Educação do Campo.

Diante deste contexto e pelo interesse em compreender as influências da proposta formativa do MST-MT à diversidade social, política e econômica que tenciona a realidade dos sujeitos do campo, levantamos as seguintes problemáticas: em que sentido esta proposta formativa, desenvolvida pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, está contribuindo com o currículo e as ações desencadeadas pelos profissionais que estão nas escolas de Educação Básica do campo, considerando o recorte territorial da Região Médio Norte, em específico a Escola Ernesto Che Guevara no Assentamento Antonio Conselheiro no Estado de Mato Grosso? Desdobra-se desta questão a busca do entendimento de qual concepção de Educação este movimento social vem produzindo, mediante os processos de luta social, organização coletiva e projeto formativo que podem contribuir, explicar e transformar a vida dos camponeses, considerando as idiossincrasias da Educação do/no campo?

Nossa pesquisa tem como foco a formação de professores das escolas do campo, fomentada pelo Movimento dos trabalhadores rurais sem terra. Com o objetivo geral de analisar a proposta formativa do MST, na formação de educadores e educadoras e nas ações que estes e estas protagonizam nas escolas do campo na região do médio norte de Mato Grosso. E tendo como específicos: Discutir a concepção de formação continuada de educadores e educadoras, e de sujeitos que o MST vêm

trabalhando, mediante os processos formativos presentes nos Encontros de Educadores da Reforma Agrária — MT; Identificar os princípios da proposta formativa dos Encontros dos Educadores da Reforma Agrária que estão sendo aprendidos pelos participantes e colocados em ação na comunidade local do Assentamento Antônio Conselheiro. E, por fim, identificar os desafios da escola do campo em agregar os princípios de formação humana e social sugeridos pelo MST e que intencionam a transformação humana e social na perspectiva da classe trabalhadora do campo.

É de suma importância, lembrar o momento em que passamos em razão da pandemia da Covid 2019, que intensificou no estado de Mato Grosso especificamente em março de 2020. Neste caso, os efeitos da pandemia chegaram ao município de Tangará da Serra e no assentamento, o primeiro caso foi confirmado no município no dia 02 de abril de 2020, houve vários casos de contaminação pelo coronavírus e vítimas, com rostos, nomes e histórias. Famílias desestruturadas com perda de entes queridos. Isso causou um impacto direto na movimentação dentro do assentamento, sabemos que, por ser uma comunidade tradicional em que as pessoas se comunicam e transitam com facilidade, fica mais difícil o distanciamento social e os cuidados básicos como o uso de álcool em gel e de máscaras, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), como forma de conter a disseminação da Covid 19.

Na tabela 1, na página a seguir, pode-se observar como a contaminação no município de Tangará da Serra-MT.

**Tabela 1:** BOLETIM DIÁRIO DA COVID 19 NO MUNICÍPIO DE TANGARÁ DA SERRA/MT.

População	Casos confirmados	Recuperados	Monitoramento	Internados	Óbitos
103.750	19.193	18.586	219	17	363

**Fonte:** Saúde MT. Janeiro, 2022. (Adaptado pela autora).

Logo, diante de tantas incertezas, com o angustiante isolamento e distanciamento social, mudamos radicalmente o estilo de vida. Optamos por ficar com nosso Francisco que na época só tinha 4 anos e meio em casa, que antes ficava com a babá, uma rotina extremamente exigente nas aulas remotas e com tantos outros afazeres que nos é exigido no dia a dia. Este processo afetou a mim como ser humano, tive um tempo paralisada na escrita, no entanto o que importava naquele momento, era passar por este “furacão” com vida e cuidando dos nossos, o medo de ser contaminada pelo vírus, fazia com que não conseguisse concentrar nas leituras, uma reação de ansiedade e estresse com o momento da nova realidade.

Mas, sabemos que por ora faz se necessário para alcançarmos um objetivo proposto, o desenvolvimento desta pesquisa, não é fácil, porém, necessário. Então, chega o momento de retornarmos a leitura, escrita e reescritade um texto tão importante para minha trajetória e concluir esta pesquisa. Pensar que muitos educadores e educadoras gostariam desta oportunidade em estar onde sempre almejei, sonhei e se torna realidade, em fase final de um mestrado tão específico para os povos do campo e da floresta, me motiva, junto ao momento de cuidar da vida, podemos sim ser pesquisadores.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico que se propõe, para a realização desta pesquisa, é a qualitativa como possibilidade de compreender significados construídos pelos sujeitos, considerando suas crenças, valores e perspectivas diante da própria realidade conforme sugerem Creswell (2010) e Minayo (1994).

Nesta direção, Richardson (1999), defende a ideia de que pesquisas, no âmbito social, não podem reproduzir o mesmo paradigma positivista e neutro de ciência, pelo contrário, os fenômenos da realidade ganham novos sentidos quando entendidos e permeados pelas múltiplas determinações sociais, políticas e econômicas que incidem sobre a realidade. Por este motivo, a pesquisa qualitativa é vista como a mais adequada para a compreensão das influências do encontro dos educadores e educadoras da reforma agrária, na vida da comunidade e como, os sujeitos participantes internalizam a proposta formativa deste encontro nas ações efetivas de transformação social.

Nesta perspectiva, delimitando o tipo de pesquisa proposto por este estudo, foi realizada a pesquisa bibliográfica integrada à pesquisa de campo (entrevista) em uma escola pública do Assentamento Antonio Conselheiro no Estado de Mato Grosso: Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara, no Município de Tangará da Serra –MT.

O referido Assentamento é fruto de lutas e conquistas dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, homens, mulheres e crianças, organizados por um só objetivo, a terra para agricultura de subsistência, e a reponsabilidade em uma educação de qualidade para os sujeitos que ali residem (SOUZA; BRICK, 2017). No local da pesquisa, contou com a participação e colaboração de diferentes sujeitos que integram este projeto formativo, profissionais da Educação, que atuam ou atuaram na referida escola e coordenadores e ou organizadores do Setor de Educação do MST.

Os sujeitos participantes da pesquisa, que serão entrevistados são: cinco educadores/coordenadores das escolas, que não estão atuando nestas escolas pesquisadas, estes são sujeitos que participaram dos primeiros encontros de educadores/educadoras da reforma agrária; cinco educadores/coordenadores das escolas, que se encontram em atuação nas escolas.

Não houve seleção porque não há mais do que este número de educadores egressos das formações que continuam a contribuir nestas escolas pesquisadas. Quatro formadores e coordenação do MST, a escolha destes entrevistados se deu em relação ao mapeamento de quem coordenou e coordena o setor de educação do MST, regional e estadual.

Devido a pandemia do Coronavírus que se intensificou no mundo desde o ano de 2020, e, seguindo as orientações de distanciamento da Organização Mundial da Saúde (OMS), realizamos as entrevista de forma remota por meios digitais<sup>1</sup>, esta opção se fez necessário para prevenção do Covid 19, garantir a saúde dos entrevistados e entrevistadas e da pesquisadora. Sabemos que não é o melhor formato, pois, de forma presencial conseguimos captar gestos, emoções e as pessoas ficam mais a vontade para conversar.

Para a geração dos dados que foram analisados ao longo da pesquisa, realizamos o levantamento dos temas estudados nos encontros de educadores e educadoras, através de certificados dos participantes dos encontros, analisaremos o Projeto Político Pedagógico para observar se de alguma forma os temas estudados nas formações se materializam nos documentos oficiais da escola em forma de projetos e práticas cotidianas, além de utilizar, como instrumentos de pesquisa entrevista semiestruturada, entrevista com integrantes do setor de educação do MST e docentes egressos dos encontros.

Trabalhamos com dois roteiros de entrevista (anexo 1): Um para os organizadores e organizadoras dos encontros promovidos pelo setor de educação do MST e outro para os educadores e educadoras egressos das formações que estão e também que já não se encontram na escola foco desta pesquisa.

Para entender os caminhos desta pesquisa organizamos uma proposta de estrutura, com três capítulos.

No primeiro capítulo, nos propomos a contextualizar o processo de constituição da educação do campo e seus conceitos, com os principais acontecimentos históricos, conquistas legais e concepção da educação do campo.

---

<sup>1</sup> Foram encaminhados via whatsapp e e-mail para os participantes da pesquisa um questionário, alguns enviaram os áudios respondendo cada pergunta (que foi transcrita pela autora) outros já enviaram as respostas digitadas.

Já o segundo capítulo, descrevemos sobre os movimentos sociais e a Educação do campo: Retratando o processo de reforma agrária; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); Registramos formação continuada oferecida pelo MST aos educadores e educadoras da reforma agrária, com recorte especial no Centro de Educação Ernesto Che Guevara no assentamento Antonio Conselheiro – Tangará da Serra-MT.

Com o objetivo de registrar e analisar os encontros de educadores e educadoras da reforma agrária promovidos pelo MST e sua influência nos fazeres pedagógicos da escola do assentamento Antonio Conselheiro.

Já no terceiro capítulo, iniciamos contextualizando como se deu o processo de luta e conquista do Assentamento Antonio Conselheiro, local onde se encontra a escola e, estão inseridos os educadores e educadoras e entrevistados nesta pesquisa. Também apresentamos onde está situado o Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara e descrever o seu contexto, bem como a memória dos processos formativos protagonizado pelo Coletivo de Educadores/as da escola.

## **CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO DO CAMPO E SEUS CONTEXTOS**

### **1.1 Histórias da educação do campo: principais conquistas legais**

A Educação como princípio da dignidade humana, deve ser uma das prioridades na vida do ser humano, sabe-se que esta pode ser de contexto escolar ou não escolar. Neste sentido, será destacada a educação escolar, considerando a necessidade de frequentar um ambiente educacional de nível básico ou superior.

Conceber a educação como direito humano significa incluí-la entre os direitos necessários à realização da dignidade humana plena. Assim, dizer que algo é um direito humano é dizer que ele deve ser garantido a todos os seres humanos, independentemente de qualquer condição pessoal. Esse é o caso da educação, reconhecida como direito de todos após diversas lutas sociais, posto que por muito tempo foi tratada como privilégio de poucos. (HADDAD, 2012, p. 217).

Mediante a citação, observa-se que a educação é um direito que não deve ser negado, nem tampouco privilégios de somente uma classe social, mas de todas as classes sociais. Além disso, sabe-se dos limites e consequências que vários estudantes encontram para minimamente cursar a Educação Básica, desde sua organização familiar e o difícil acesso a uma unidade escolar.

Já no Art. 205, da constituição de 1988, fica explícito este direito da criança que não deve ter uma desigualdade social que impossibilita a sua frequência escolar. A “educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Sendo assim, observa-se que a constituição protege este direito, tendo em vista que a família também é responsável por possibilitar a Educação formal, para que todos tenham o mesmo direito, sem privilégios e desigualdade.

Em relação a educação formal, esta pesquisa irá centrar na Educação do campo que possibilita aos filhos dos camponeses uma formação inicial e também aos concluintes da educação básica a possibilidade de um ensino superior que abarca suas necessidades, tendo em vista sua permanência com igualdade de condições.

Nesta direção com uma discussão e com um pluralismo de ideias, destaca-se a valorização da educação do campo que vem sendo forjada por movimentos sociais organizados e centrados em um objetivo comum. A educação do Campo, onde estão os sujeitos trabalhadores do campo e seus filhos e filhas.

Existe uma discussão em relação a nomenclatura e ao paradigma da Educação do campo no Brasil, que começam a ser construído no final dos anos 90. Dessa forma, discutir educação do campo no Brasil nos remete voltar a um tempo histórico e compreender o que significou a educação rural. Dentro dos marcos normativos, pode-se citar a constituição de 1946, que no âmbito da educação rural e urbana oferecia uma formação que se preocupava em preparar o estudante para o mercado de trabalho, expressada da seguinte maneira:

[...] III - as empresas industriais, comerciais e agrícolas, em que trabalhem mais de cem pessoas, são obrigadas a manter ensino primário gratuito para os seus servidores e os filhos destes; IV - as empresas indústrias e comerciais são obrigadas a ministrar, em cooperação, aprendizagem aos seus trabalhadores menores, pela forma que a lei estabelecer, respeitados os direitos dos professores [...]. (BRASIL, 1946, Art. 168).

A proposta faz com que as empresas assumam a responsabilidade do ensino primário em seus ambientes de trabalho, percebe-se que o Estado se desresponsabiliza com a oferta do ensino para com a população.

O modelo brasileiro de educação rural apresenta uma série de elementos, os quais aparecem na legislação, nas instituições pedagógicas, no currículo e mesmo nas “recomendações” dos organismos internacionais, que possibilitam traçar um esboço da educação rural brasileira. Os discursos eram permeados da arrogância de um grupo que falava pelos povos do campo, e a escola se configurava como um instrumento ou aparelho, que deveria cumprir os objetivos que esta classe dominante determinava. (CARVALHO, 2016. p. 149).

De acordo com a citação, observa-se que são evidentes os problemas enfrentados na educação rural pela classe trabalhadora, há uma imposição do que se ministrava e como seria o currículo das escolas que se localizam no campo, imposto pela classe dominante.

De certa forma, havia uma manipulação, um poder de um ajuntamento de pessoas que falavam por aquela população, por uma gente que vivia no campo. Os discursos pedagógicos em torno da educação rural no Brasil que ocorreram a partir dos anos de 1930, foram predominantemente a disputa entre o discurso ruralista e a tendência urbanizadora.

Anísio Teixeira, um dos representantes do discurso ruralista, afirmava que a escola rural tem funções específicas, que deveriam ser observadas, a saber:

1. Educar as crianças e os adultos, do ponto de vista da vida que vão levar na comunidade rural a que pertencem;
2. Manter uma série de atividades extraclasse, fazendo por atingir a própria vida da comunidade, melhorando e enriquecendo os hábitos de sua vida doméstica e social;
3. Obter uma cooperação eficaz com a comunidade rural, para que todos apreciem devidamente a instituição escolar e a suportem moral e economicamente, se for preciso;
4. Cooperar na criação de outras instituições sociais de caráter educativo (clubes, associações, etc.) e estimular o seu desenvolvimento;
5. Estabelecer a comunicação dos adultos com outros centros ou com o governo, para facilitar o seu desenvolvimento;
6. Estabelecer a comunicação dos adultos com outros centros ou com o governo, para facilitar o seu progresso ou bem-estar econômico e social;
7. Organizar em 'centro de comunidade', para reuniões, conferências, festas, etc.;
8. Transformar-se, assim, naturalmente, na força social mais poderosa da comunidade, com o que facilitará o exercício de suas funções, bem como promoverá e estimulará todas as demais forças sociais, econômicas e culturais. (TEIXEIRA, *apud* CARVALHO, 2016, p.153).

Nota-se que Teixeira traz aspectos pontuais para que possam de certa forma considerar que os estudantes da educação rural consigam ter minimamente particularidades relevantes para um bom aprendizado.

Já a tendência urbanizadora que disputava a educação rural com os defensores do discurso ruralista, tinha como um dos defensores Fernando Azevedo, este alegava que:

A educação rural deve tender [...] a elevar ao nível das cidades a mentalidade rural, estendendo até os campos os bens materiais e espirituais da cidade e alargando-lhe o horizonte geográfico e mental além dos limites em que se confinam as atmosferas sociais "dos grupos relegados na sombra ou subtraídos, pela distância, ou pelo abandono, às influências dos centros urbanos. [...] a educação rural é e deve ser um processo de assimilação "pelos grupos; [...] tem por fim promover o movimento dos grupos rurais no sentido vertical, a passagem de um „nível "para outro mais elevado, cujo padrão se encontra nos quadros urbanos. (AZEVEDO *apud* CARVALHO, 2016, p.156).

Tanto a tendência urbanizadora quanto o discurso ruralista, eram propostas pensadas para os povos do campo sem a participação destes, por serem chamadas de exógenas, pois não representavam seus anseios e não consideravam seus saberes. De acordo com Miguel Arroyo (1999):

[...] a imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos é que para escolinha rural qualquer coisa serve. Para mexer com a enxada não precisa de muitas letras. Para sobreviver com uns trocados [...], não precisa de muitas letras. Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo, tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha cai não cai, onde uma professora que quase não sabe ler, ensina alguém a não saber quase ler. (ARROYO, 1999, p.17).

Consequentemente, nesta conjuntura, as escolas do campo, na grande maioria, sofrem com infraestruturas precarizadas. Não há suporte para que os educadores possam preparar aulas utilizando metodologias que atendem os anseios dos estudantes da educação do campo.

Porém, no ano de 1996 foi legalmente aprovada pelo Conselho Estadual de Educação, a Escola Itinerante no Rio Grande do Sul, umas das primeiras experiências, que sofreu várias críticas, mas, fez com que o MST evidenciasse a real função da Educação.

A Escola Itinerante foi criada no âmbito do Movimento Sem Terra, para garantir o direito à educação das crianças, adolescentes, jovens e adultos em situação de itinerância, enquanto estão acampados, lutando pela desapropriação das terras improdutivas e implantação do assentamento. É uma escola que está voltada para toda a população acampada, o barraco da escola itinerante, é construído antes do barraco de moradia e tem também a função de se converter em um centro de encontros de toda comunidade acampada. (MST, 2002).

Uma experiência riquíssima pedagógica de caminhar junto, acompanha as famílias acampadas até o momento que chegam aos assentamentos, e assim, vai se formando práticas educativas de formação voltada para o saber dos camponeses.

Diante desta discussão que vem surgindo, há uma necessidade de políticas públicas que atenda a especificidade da Educação do campo, dessa forma Carvalho (2016), destaca momentos importantes para a discussão da temática.

Um marco importante das lutas sociais para a educação do campo, já no período de redemocratização do Brasil, foi a Articulação por uma educação do Campo, movimento que nasceu como resultado de uma caminhada que se iniciou em julho de 1997, quando o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) realiza o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (I ENERA)[...] neste encontro, lançou-se o desafio para que entidades parceiras ampliassem a discussão em torno da reivindicação de políticas públicas ... (p. 164 - 165).

Assim sendo, a partir destas discussões neste encontro que intensificou-se os debates em torno do movimento da educação do campo, a partir deste encontro originou-se outra etapa de diálogos sobre o tema, desta vez foi a I conferência Nacional por uma Educação Básica do campo.

Para Kolling; Nery e Molina (1999, p.13) A I Conferência Nacional: Por uma Educação Básica do Campo “foi um processo de reflexão e de mobilização do povo em favor de uma educação que leve em conta, nos seus conteúdos e na metodologia, o específico do campo”. Contudo, esta conferência traz um importante debate no ano de 1998.

(...) I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, que ocorreu em Luziânia-GO, entre os dias 27 a 31 de julho de 1998. Teve como organizadores as seguintes instituições: MST, UNICEF, UNESCO, CNBB, e UNB. [...] A conferência foi o momento em que de forma mais orgânica e articulada os movimentos sociais e sindicais evidenciam a necessidade do debate sobre políticas públicas de educação para o meio rural e desenvolvem análises a respeito da ausência do poder público, bem como a tendência do capital à destruição das forças produtivas: trabalho, trabalhador, meio ambiente e cultura. (CARVALHO, 2016, p.165).

Ficou evidente com todos estes parceiros na organização do evento que havia uma necessidade urgente de discutir a temática da conferência, para que a educação pública do campo alcançasse qualidade, com intuito de existir uma movimentação entorno de instituições que se desafiavam ampliar o diálogo. Para que se firmassem um projeto de ação a ser desenvolvido, houve um compromisso que foi feito pelos participantes, abaixo, esses compromissos

1. Vincular as práticas de educação básica do campo com o processo de construção de um projeto popular de desenvolvimento nacional.
2. Propor e viver novos valores culturais.
3. Valorizar as culturas do campo.
4. Fazer mobilizações em vista de conquista de políticas públicas pelo direito à educação básica do campo.
5. Lutar para que todo o povo tenha acesso a alfabetização.
6. Formar educadores e educadoras do campo.
7. Produzir uma proposta de educação básica do campo.
8. Envolver as comunidades neste processo.
9. Acreditar na nossa capacidade de construir o novo.
10. Implementar as propostas e a ação dessa conferência.(KOLLING; NERY; MOLINA,1999, p.92-94).

Diante do exposto, nota-se que há um desejo de mudança no que se refere à educação do campo, em que as políticas públicas devem ser concretizadas para o sujeito que vive no campo. Agora, ainda mais, existe um comprometimento das entidades parceiras durante a Conferência, sabendo que desafios sempre surgirão durante o percurso.

Fruto da Articulação por uma Educação do Campo, e outro marco importante nesse contexto, em que podemos assinalar como a primeira grande conquista dos sujeitos sociais coletivos do campo no âmbito da legislação educacional em nível federal, foi a Resolução CNE — CEB nº1, de 03 de abril de 2002, que institui as Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo. (CARVALHO, 2016, p.169).

Desta forma, após a primeira conferência, a luta pela construção de uma Educação do Campo, forjada pelos sujeitos do campo, com qualidade social e vinculada às necessidades e às especificidades destes povos que vivem nos territórios campestres, ganha projeção e começa a se concretizar, com as conquistas de formação que, ainda no ano de 1998, nasce no Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária — PRONERA, que tem como objetivos.

Art. 12. Os objetivos do PRONERA são: I - oferecer educação formal aos jovens e adultos beneficiários do Plano Nacional de Reforma Agrária - PNRA, em todos os níveis de ensino; II - melhorar as condições de acesso à educação do público do PNRA; III - proporcionar melhorias no desenvolvimento dos assentamentos rurais por meio da qualificação do público do PNRA e dos profissionais que desenvolvem atividades educacionais e técnicas nos assentamentos. (BRASIL, 2010).

Sendo uma iniciativa governamental, mas que foi fruto de intensas lutas dos movimentos sociais durante suas reivindicações e suas mobilizações. Desta forma, é um programa que é regulado pelo decreto nº 7.352/2010, que fortalece uma perspectiva de sociedade atuante, uma classe trabalhadora que seja digna e crítica, que respeite as especificidades, a luta por direito e por reconhecimento e fortalecimento dos povos do campo. Que estes, tenham direito a uma Educação formal diante das suas realidades.

Já no ano de 2003, o desenho da política de educação do campo foi gerada e gerida por um GT permanente de trabalho, denominada GPT, Grupo Permanente de Trabalho em Educação do Campo, onde tinha participação constante dos movimentos sociais.

O Grupo Permanente de Trabalho — GPT de Educação do Campo foi instituído no âmbito do Ministério da Educação, pela Portaria nº. 1374 de 03/06/03, com a atribuição de articular as ações do Ministério pertinentes à Educação do Campo, divulgar e debater a implementação das Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo a serem observadas nos projetos das instituições que integram os sistemas municipais estadual de ensino, estabelecidas na Resolução CNE/CEB nº.01 de 3 de abril de 2002. (RAMOS, 2004 p. 5).

Foi uma política forjada com luta de classe e que os movimentos sociais estavam lá construindo juntos, não foi dado e nem pensado de cima para baixo. Foi construído com os povos do campo a partir das diversas representações da base.

Foi fundamental nesse processo de discussão a contribuição de entidades como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, Contag – Confederação Nacional de Trabalhadores na Agricultura, CPT - Comissão Pastoral da Terra e CEFFAs - Centros Familiares de Formação por Alternância - entre outras, que construíram ao longo dos últimos anos ricas experiências de Educação do Campo tanto fora do sistema oficial de ensino quanto em parceria com este. (RAMOS, 2004 p.5).

Pode-se observar a grandeza do envolvimento dos Movimentos, todas estas representatividades faz com que de fato o compromisso e a luta é perceptível, a luta coletiva é um fator determinante para fortalecer as experiências e trabalhar com diferentes saberes.

Seguindo com as conquistas legais, vale explicitar que segundo Carvalho (2016), “em 2004 no âmbito da Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade SECAD-MEC foi criada a Coordenação Geral de Educação do Campo” (p.170). Passa então a ter um espaço próprio para discussão dos interesses da educação do campo.

Neste mesmo ano de 2004 é realizado a II Conferência Nacional por uma Educação do Campo. Esta conferência foi realizada entre os dias 02 e 06 de agosto. Assim como a I Conferência, a II também saiu com um documento de reivindicações:

1. Universalização do acesso da população brasileira que trabalha e vive no e do campo a Educação Básica de qualidade social por meio de uma política pública permanente.
2. Ampliação do acesso e garantia de permanência da população do campo à Educação Superior por meio de uma política pública permanente.
3. Valorização e formação específica de educadoras e educadores do campo por meio de uma política permanente.
4. Formação de profissionais para o trabalho no campo por meio de uma política pública específica e permanente.
5. Respeito à especificidade da Educação do Campo à diversidade de seus sujeitos. (CARVALHO, 2016, p.171 - 172).

A importância de debates e diálogos em favor da educação do campo faz com que os sujeitos envolvidos abordem e assumam o compromisso diante destas conferências. São marcos importantes para as conquistas legais que a educação do campo vem forjando durante anos.

Avançando nas discussões das conquistas, em relação ao ensino superior, destacam-se as Licenciaturas em Educação do Campo, sendo uma proposta contra-hegemônica que nasce com o intuito de garantir aos camponeses o acesso a formação inicial de nível superior, sendo que, neste caso, os educadores e educadoras que já atuam nas escolas do campo, com uma metodologia em alternância que possibilita o acesso ao ensino superior sem sair de suas comunidades, onde os tempos formativos interligam Tempo Universidade e Tempo Comunidade.

Antes de instituir-se oficialmente, o Procampo teve sua proposta formativa executada com base em experiências piloto desenvolvidas por quatro instituições públicas de ensino superior: Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB) — na primeira turma, em parceria com o Instituto Terra (Itterra) —, Universidade Federal da Bahia (Ufba) e Universidade Federal de Sergipe (UFS). A partir destas experiências, a Secadi ampliou a possibilidade de execução dessa graduação, lançando editais públicos, nos anos de 2008 e 2009, para todas as instituições que desejassem concorrer à sua oferta. Como decorrência deste processo, em 2011, 30 instituições universitárias ofertam a Licenciatura em Educação do Campo, abrangendo todas as regiões do país. (MOLINA; SÁ, 2012, p.469).

Nesse sentido, o curso tem como proposta, formar educadores comprometidos para atuar nas áreas rurais. Segundo Molina (2021), há uma articulação de três dimensões: docência por área de conhecimento, gestão de processos educativos escolares e gestão de processos educativos comunitários.

Além das dimensões de atuação, para Molina e Sá (2012), o curso tem uma inovação determinante, os componentes curriculares são organizados em quatro grandes áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; e Ciências Agrárias.

Em relação as conquistas legais da Educação do Campo, percebe-se que são consideráveis para o desenvolver uma educação que forme profissionais responsáveis, críticos que sejam atuantes e que tenham respeito e responsabilidade com os povos do campo.

## **O Retrocesso...**

Já na contramão destas conquistas, pode-se destacar um retrocesso dos marcos legais em relação a educação. Este item inicia-se destacando a revogação das diretrizes nacionais de formação inicial de nível superior, sendo a resolução nº 2, de 1º de julho de 2015, e a nova versão de Diretrizes, aprovadas pela Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019 e homologada pela Portaria nº 2.167, de 19/12/2019. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Em síntese, destaca-se o que compunha a resolução de 2015:

... o texto, em suas dezesseis densas páginas, é um convite à reflexão teórica, filosófica, política e ética sobre o que é a docência, o que a compõe, quais são suas dimensões, como se formam os professores, que papel cabe ao Estado nesse processo, que princípios norteiam a base comum nacional para uma sólida formação para o magistério da educação básica, entre outras questões que cercam a temática. (BAZZO, 2019, 676)

Já com as alterações aprovadas pela resolução de 2019:

... um documento denominado *Proposta para Base Nacional Comum da Formação de Professores da Educação Básica*. O texto apresentava as competências profissionais docentes, com base em três dimensões: conhecimento profissional, prática profissional e engajamento profissional. Antecedido de dez competências gerais docentes, as três dimensões, denominadas de competências específicas vinham acompanhadas das correspondentes habilidades. (BAZZO, 2019, 667 – 668).

Fica explícito que, no corpo do texto da resolução de 2015, se valorizava os conhecimentos dos professores, no qual, seguiam alguns princípios norteadores, com projetos concretos, há um reconhecimento da atuação profissional no sentido de valores a serem considerados, diante de um processo de formação.

Já na contramão, a resolução de 2019, se articula mais em competências profissionais, que submete a um mercado de trabalho que almeje o produto, ou seja, alguém que deposita o conhecimento, não aquele que será formado numa perspectiva que valoriza os conhecimentos já adquiridos e que tenha que ser valorizados.

Para que ter uma construção da identidade, deve-se ter uma política de valorização dos profissionais do magistério, que contemple, entre outros, os valores éticos.

## **1.2 Currículo e Educação do Campo**

De acordo com Moreira e Silva (1997, p. 28), “o currículo é um terreno de produção e de política cultural, no qual os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação e recriação e, sobretudo, de contestação e transgressão”. Conseqüentemente, esta estrutura de organização deve ser um processo social, uma organização coletiva e conjunta de ideais.

De maneira geral, o campo brasileiro tem se constituído como espaço de luta no fazer cotidiano, sendo que, os movimentos sociais vêm protagonizando e reivindicando novas concepções de educação, que de fato possibilita uma reflexão sobre os saberes e fazeres camponeses. Lida-se com situações e contexto bem distintos todos os dias, dessa forma, o fazer permanente e a existência dos processos educacionais dos sujeitos do campo tem que ser pensado dentro do contexto social e cultural da classe trabalhadora.

A educação do campo deve compreender que os sujeitos possuem história, participam de lutas sociais, sonham, têm nomes e rostos, lembranças, gêneros, raças e etnias diferenciadas. Cada sujeito individual e coletivamente se forma na relação de pertença à terra e nas formas de organização solidária. Portanto, os currículos precisam se desenvolver a partir das formas mais variadas de construção e reconstrução do espaço físico e simbólico, do território, dos sujeitos, do meio ambiente. O currículo precisa incorporar essa diversidade, assim como precisa tratar dos antagonismos que envolvem os modelos de agricultura, especialmente no que se refere ao patenteamento das matrizes tecnológicas e à produção de sementes. Incorporar não somente ao currículo, mas ao cotidiano da escola, a cultura da justiça social e da paz é tarefa fundamental para um projeto político de educação do campo que se pretenda emancipatório. (RAMOS, 2004 p.37).

Dessa forma, pensar ao uma proposta curricular, deve respeitar para quem será pensando e com quem será pensado, bem como respeitar as visões de mundo dos envolvidos, a dimensão do processo e a construção coletiva do processo formativo. Desde um currículo que permeia na educação básica ou que seja para formação de professores.

Além do mais, deve também respeitar o contexto social que estes sujeitos estão inseridos, garantir que a identidade e histórias destes sujeitos, estudantes, professores e professoras sejam priorizadas e destacadas, para que a escola e seus fazeres se conecte a vida dos sujeitos envolvidos.

No ponto de vista das autoras Gadelha e Silva (2012),

O currículo deve possibilitar no processo de formação de professores, perspectivas de reflexão, indicando uma construção de conceitos numa condição emancipatória, sustentada na interação do papel fundamental do professor formador e em formação, onde a práxis se constrói na dinâmica entre o atuar e o refletir, entre a teoria e a prática. (p.414).

Desta forma, falar de currículo, possibilita o fortalecimento e o aperfeiçoamento de formações, tal perspectiva configura uma estratégia de conceitos a atender uma demanda. Arroyo (2003), faz importantes questionamentos no que se refere aos currículos,

Como pensar currículos, conteúdos e metodologias, como formular políticas e planejar programas educativos sem incorporar os estreitos vínculos entre as condições em que os educandos reproduzem suas existências e seus aprendizados humanos? (p. 6)

Com estas indagações do autor, percebe-se que há ainda muitas dúvidas no que se refere a currículo escolar, sendo que este não só perpassa os conteúdos formais, nos faz pensar que é importante compreender as condições que o indivíduo está inserido. Os responsáveis por pensar a organização curricular de uma escola, os educadores e educadoras que organizam suas metodologias de ensino em sala de aula, devem respeitar os contextos, não devem “apagar” a identidade que já fora construída.

O currículo escolar da educação do campo, deveria ser construído não para os/as interessados e interessadas, mas sim com interessados e interessadas, que são os protagonistas principais, sendo estes, comunidade escolar e local.

[...]experiências sociais dos educandos: os saberes, a cultura, os modos de lerem seu mundo, de se entenderem como crianças, adolescentes, jovens ou adultos. São, porém, tentativas inovadoras tensas. E essas tensões passam pela disputa com os conteúdos curriculares oficiais, que ignoram os sujeitos e a especificidade de suas vivências e de seus tempos de formação, socialização e aprendizagem, propondo conteúdos abstratos, descontextualizados. (ARROYO,2012, p.739).

No entanto, nota-se o seguinte um desafio, articular os conteúdos que perpassam por diferentes saberes e contextos sociais, superando a lógica fragmentada, a busca pelo diálogo levando em consideração a ação e reflexão. A dialogicidade é um fator primordial que deve ser levado em consideração, para construção de um projeto formativo, que permita perceber que a educação está além da escola, pois, perpassa por diferentes saberes e lutas sociais.

## **CAPÍTULO II - MOVIMENTOS SOCIAIS CAMPONESES E EDUCAÇÃO DO CAMPO**

### **2.1 Reforma Agrária: O processo de luta pelo território camponês**

O processo de Reforma Agrária no Brasil se deu tardiamente a partir do final dos anos 50 e início dos anos 60, quando a reivindicação pelas “reformas de base” (agrária, urbana, bancária e estudantil) tomou corpo e passou a fazer parte das discussões populares.

De acordo com Stedile (2012), “Reforma Agrária é um programa de governo que busca democratizar a propriedade da terra na sociedade e garantir o seu acesso, distribuindo-a a todos que a quiserem fazer produzir e dela usufruir”. (p.659).

Dessa forma, é necessária uma discussão mais aprofundada de como se deu e como está o processo de Reforma Agrária no Brasil. De fato, esta distribuição de terras acontece como é necessário aos camponeses que dela necessitam para sobreviver?

Sabe-se que, a uma demanda considerável de famílias que lutam buscando promover uma democratização de terra para que possam minimamente plantar para a sobrevivência familiar. Diante destas considerações, Stedile (2012), nos permite compreender mais sobre o processo de Reforma Agrária:

[...] no Brasil, há ainda a possibilidade e a necessidade de uma Reforma Agrária do tipo clássico, pois existem em torno de 120 milhões de hectares de terra considerados grandes propriedades improdutivas — e que, portanto, não desempenham sua função social. (p.666)

Assim, observa-se na afirmação do autor que há uma grande extensão de terras improdutivas que estão sob a reponsabilidades de poucos grandes latifundiários e que dessa forma não desenvolvem sua função social.

Em relação a função social da terra, pode-se enfatizar pela (LEI Nº 8.629/1993 COMENTADA POR PROCURADORES FEDERAIS (2018) que diz:

Inicialmente, é de se ter em conta que o cumprimento da função social, de acordo com o art. 186 da Constituição Federal, depende do adimplemento simultâneo de quatro pressupostos, a saber: (I) aproveitamento racional e adequado da terra; (II) utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente; (III) observância das disposições que regulam as relações de trabalho; (IV) e exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores. (p.79).

Nesse sentido, quando não há uma função social da terra e ela se torna improdutiva, acontece o processo de Reforma Agrária que se torna possível através de lutas, sendo a maioria de pessoas organizadas pelos movimentos sociais do campo.

Fabrini (2011) faz uma consideração em relação a conquista da terra,

A partir da terra conquistada se desdobram novas lutas num processo que articula acampamento-ocupação e assentamento, permitindo a espacialização das lutas e territorialização camponesa, ou seja, a partir do domínio de um pedaço de espaço as lutas se ampliam. Nesse sentido, o território, base e “chão” onde se erguem as lutas, [...] As lutas camponesas se alimentam da força do território. (p.07).

Os camponeses articulados e organizados conquistam seu “pedaço de chão”, no entanto, as lutas e mobilizações não param por aí, sendo que, a um processo de direitos por permanência em seus territórios, devendo conter no mínimo recursos e garantias de projetos, que os fazem dignos de permanecer neste território que por muito tempo se erguem as lutas e as conquistas.

Território Fernandes (2012), faz compreender melhor esta discussão, que este território camponês ele é, e pode ser compreendido como sítio, o lote, a propriedade familiar ou comunitária, dessa forma também pode-se considerar a comunidade, o assentamento, um município onde predominam as comunidades camponesas como território.

Estes, são espaços de afirmação de pertença a este território que, a tempos vem sendo um local de disputa, de lutas, mobilizações, resistência e garantia de sobrevivência para estes pequenos grupos de famílias organizadas e que, juntas buscam um mesmo objetivo, o de viver e sobreviver dignamente.

Camacho (2008) faz uma importante observação em relação a questão agrária sendo que, “podemos afirmar que no Brasil possuímos uma questão agrária ainda longe de solução. O Brasil é o quinto país do mundo em extensão territorial, logo, o problema de acesso à terra não era para existir dentro do espaço brasileiro (p.41)”, assim, destaca-se que ainda há uma exclusão com as famílias organizadas, mesmo com esta extensão de terra considerável.

Deve haver momentos de debates, para que estas questões possam ser observadas, que a exclusão do acesso à terra pelos camponeses seja considerada e que estes possam garantir seu “espaço” de produção de alimentos para permanência das famílias no campo, no campo da reforma agrária.

## **2.2 Movimentos Sociais do campo: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**

Vem façamos a nossa liberdade<sup>2</sup>  
Braços fortes que rasgam o chão Sob a sombra de nossa valentia  
Desfraldemos a nossa rebeldia  
E plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos punho erguido Nossa força nos leva a edificar  
Nossa pátria livre e forte  
Construída pelo poder popular

Braço erguido ditamos nossa história  
Sufocando com força os opressores  
Hasteemos a bandeira colorida  
Despertemos esta pátria adormecida  
O amanhã pertence a nós trabalhadores! [...]

[...] Nossa força resgatada pela chama  
Da esperança no triunfo que virá Forjaremos desta luta com certeza  
Pátria livre operária e camponesa Nossa estrela enfim triunfará! [...]

Ademar Bogo

---

<sup>2</sup>Trecho do hino do MST – “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra” composição Ademar Bogo.

Falar dos movimentos sociais do campo, se dá em compreender melhor como se ocorre o processo da conquista pela terra na intencionalidade destes movimentos. No entanto, compreende-se melhor estas influências dos movimentos sociais do campo que são grupos de famílias organizadas que buscam um mesmo objetivo, a conquista de direitos negados a séculos. Desta forma, destacamos a atuação do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra).

Para Fernandes (2012) pode-se compreender que:

Sendo um dos movimentos que mais se destaca O MST tem sido muito atuante na busca de seus objetivos de luta pela terra. Sua história está associada à luta pela Reforma Agrária e ao desenvolvimento do Brasil. Nasceu da ocupação da terra e se reproduz por meio da espacialização e da territorialização da luta pela terra. (p. 498),

Na discussão de organização por Reforma Agrária, organiza famílias para mobilizar e lutar por direitos de conquista da terra para os camponeses, Fabrini, (2002), *apud* Fernandes, (2012 p.747) traz esta afirmação “No Brasil, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) é uma das mais expressivas referências da luta de resistência camponesa pela terra e por territórios.”

Para Caldart (2001) “O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná” (p.207). No entanto, as demandas de lutas sociais se materializam com um dos movimentos que por sua vez representassem os povos camponeses que sonhavam com o acesso à terra.

Para Gohn (1997), “O MST transforma-se no maior movimento popular do Brasil nos anos 90. Entre 1994 e 1997, a atuação do MST se ampliou consideravelmente, ele elaborou projetos para a frente que passou a ser sua maior bandeira de luta: a reforma agrária”.

Outro destaque nos anos 90 é que as políticas são formuladas para segmentos sociais, numa perspectiva que privilegia áreas temáticas – problema e não mais os atores sociais organizados em movimentos. Desta forma, os sujeitos das ações transfiguram – se em problemáticas: a fome, o desemprego, a moradia, os sem – terra, os sem – teto etc. O MST, por exemplo, passa a ser considerado um interlocutor para a formulação de uma reforma agrária para o país e não um simples movimento organizado por forças de oposição ao governo, com propostas radicais e socializantes, como era a visão que permeava o tratamento que o poder público dispensava anteriormente àquele movimento. (GOHN, 1997, p. 312).

Para autora, o MST nos 90 anos protagoniza com ações concretas, diante da atual situação naquele momento, que transfigurava com a “pobreza”. Nesta situação, a reforma agrária forjada pelo MST, vem com uma intencionalidade de sanar parte destas dificuldades que os sujeitos vivenciavam.

Desta forma, os sujeitos organizados pelos trabalhadores rurais sem terra realizam as ocupações de terras, para que ela se torne um bem de produtividade, desse modo, ao adquirir este espaço, há momentos de formação por setores, para que estes acampamentos-assentamentos sobrevivam e mantenham firmes, mesmo diante de situações que podem desestruturar estes grupos organizados.

Nesse sentido, o Movimento se divide em setores que formam a coordenação dos assentamentos, compostos por representantes de cada um dos setores abaixo:

1. Relações Internacionais;
2. Secretaria Nacional;
3. Sistema Cooperativista dos Assentados;
4. Frente de massa;
5. Educação;
6. Formação;
7. Comunicação;
8. Finanças;
9. Projetos. (FERNANDES, *apud* CASSIMIRO, 2003, p.44).

Estes setores do MST ficam com a responsabilidade de desenvolver um conjunto de atividades para superar os desafios que vão aparecendo ao longo dos períodos de desenvolvimento dos assentamentos e estão em movimento constante.

Após a conquista da terra, a necessidade de uma infraestrutura básica para que estas famílias consigam permanecer nessas terras que já foram conquistadas, é uma questão territorial que Germani (2010) traz a contribuição no sentido de que:

O que perpassa e articula a questão agrária e os movimentos e grupos sociais, sejam de trabalhadores rurais sem terra, [...], por grandes obras de infraestrutura em sua luta por e na terra é a questão territorial. Esta compreensão não minimiza ou simplifica a questão específica de cada segmento, mas potencializa a força da resistência e da correlação de forças. (p.12).

Nota-se que há uma questão de resistência na luta pela terra, os grupos organizados que se intensificam, trabalhadores e trabalhadoras que se juntam para a conquista de sua terra e de uma mínima infraestrutura que os acolha. Assim, há uma força na resistência quando se trata de trabalhadores, no entanto, também percebe-se uma correlação de forças por parte dos grandes latifundiários, e o capitalismo que sufoca a classe trabalhadora.

Salienta-se que o MST, tem uma forma expressiva de organização que para Fernandes (2012)

[...]Em cada estado onde iniciou a sua organização, o fato que registrou o seu princípio foi a ocupação. Essa ação e sua reprodução materializam a existência do MST, iniciando a construção de sua forma de organização, dimensionando-a. A luta é dimensionada em vários setores de atuação do movimento, como a produção, a educação, a cultura, a saúde, as políticas agrícolas e a infraestrutura social. (p.498).

Destarte, há uma preocupação do MST não somente com a conquista do território. Sabe-se que, logo após esta conquista, há uma necessidade de organização de vários setores importantíssimos para que as famílias que ali residem possam ter vida digna de direitos já conquistados.

### **2.3 Movimentos sociais e Educação do Campo**

Na discussão sobre os movimentos sociais, Arroyo (2003) reconhece sua importância como influenciadores, tanto no pensamento educacional, quanto em uma proposta formativa alinhada à luta histórica dos trabalhadores e trabalhadoras, que buscam, além de direitos sociais, acesso a uma Educação pública, gratuita e que seja de qualidade referenciada pelos sujeitos.

Isto significa que a aprendizagem dos direitos (saúde, moradia, terra, segurança, proteção à infância e inclusão social) é uma intencionalidade educativa, não obstante, os movimentos sociais têm uma construção histórica e teórica que contribui amplamente na formação dos atores sociais.

Santos (2009) ratifica esta perspectiva ao situar o papel dos movimentos sociais na elevação da consciência social e cultural, no entendimento dos direitos sociais, na organização coletiva e na compreensão das circunstâncias que acirram as lutas de classes.

A referida autora reforça o papel dos movimentos sociais como importantes agentes formativos na elevação dos níveis de consciência dos sujeitos. Esta concepção dialoga com o que Freitas (2011) defende sobre a percepção de educação que vai além da escola, mas reconhece o papel de agências formativas, do meio social, como os movimentos sociais, que muito contribuem com o projeto de Educação e de sociedade da classe trabalhadora.

A respeito da formação de Educadores na perspectiva da Educação do Campo e do projeto educativo alinhado à reforma agrária popular é importante afirmar que, a característica de origem deste trabalho foi a luta de escolas públicas dentro das áreas de assentamentos e acampamentos, motivo de criação de coletivos de educação do MST.

Nos anos de 1990, o desejo de romper com as barreiras de uma “escolinha rural”, levou os movimentos sociais, que trabalhavam em espaços camponeses, se organizarem em torno do Movimento chamado "Por uma Educação do Campo". Com o entendimento de que as metodologias curriculares deveriam dialogar com o território, com a realidade, com a cultura e a identidade dos sujeitos locais, Caldart (2012) enfatiza:

Um dos traços fundamentais que vêm desenhando a identidade deste movimento *por uma educação do campo* é a luta do povo do campo por políticas públicas que garantam o seu direito à educação, e a uma educação que seja no e do campo. *No*: o povo tem direito a ser educado no lugar onde vive; *Do*: o povo tem direito a uma educação pensada desde o seu lugar e com sua participação, vinculada à sua cultura e às suas necessidades humanas e sociais. (p.18).

Por vários anos, as escolas do campo se submetiam a um currículo e metodologia de escolas urbanas, para essas práticas chamamos de "Educação Rural". Caldart explicita como surge esse novo paradigma.

A educação do campo nasceu como mobilização/pressão de movimentos sociais por uma política educacional para comunidades camponesas: nasceu da combinação das lutas dos sem — terra pela implantação de escolas públicas nas áreas de reforma agrária com as lutas de resistência de inúmeras organizações e comunidades camponesas para não perder suas escolas, suas experiências de educação, suas comunidades, seu território, sua identidade. (CALDART, 2008, p. 71).

Pode-se compreender que os Movimentos Sociais têm uma contribuição importantíssima nesta conquista. Defendem a luta, a resistência e a organização das comunidades camponesas. Portanto, preocupam com a metodologia e os conteúdos que nortearão o ensino nestas escolas. Assim sendo, acreditam que é possível a produção de conhecimentos em escolas do campo que mantenham e ressignifiquem as memórias coletivas, as identidades culturais, as tradições vivenciadas por comunidades tradicionais.

Seguindo nesta discussão Caldart (2012) afirma que, paulatinamente, o MST percebeu que as lutas deveriam ser coletivas, visando políticas públicas para o conjunto da população trabalhadora do campo. Assim, seria necessário forjar uma concepção de escola e de educar que fosse capaz de compreender a realidade mais ampla, coerente com o projeto histórico dos trabalhadores e trabalhadoras do campo, com as teorias sociais e pedagógicas que tivessem foco na perspectiva da classe trabalhadora. Esta nova concepção de formação humana passou a ser conhecida como a Educação do Campo.

Uma escola que pense como ensinar a partir do sujeito. Nota-se que os autores reafirmam a importância do respeito a identidade e os direitos a políticas públicas de um currículo que atenda todos estes anseios.

(...) a luta pela Educação do Campo tem origem na materialidade dos problemas socioeconômicos e educacionais enfrentados pelos camponeses e, conseqüentemente, na busca de soluções por parte dos movimentos socioterritoriais camponeses. Por isso, na Educação do Campo, a discussão sobre o Campo - disputas/conflitos de territorialidades, modo de vida camponês, identidade territorial camponesa, movimentos socioterritoriais etc. — precedem a discussão pedagógica. (CAMACHO, 2019, p.41).

Falar em educação do campo, na perspectiva desses movimentos sociais que protagonizaram esse novo paradigma, é necessário reconhecer a luta desses para fomentar políticas públicas que auxiliem e que garantam as especificidades da educação do campo, respeitando e fortalecendo os direitos já conquistados e avançando para a conquista de outros tantos ainda necessários.

Recuperar essa concepção mais alargada de educação como formação e humanização plena pode ser uma das contribuições mais relevantes da pedagogia dos movimentos para a educação formal e não — formal. Para o representar e agir pedagógicos. Alargar esse foco supõe ver os educandos para além de sua condução de aluno, de alfabetizando, de escolarizando... para ver — los como sujeitos de processos sociais, culturais, educativos mais totalizantes, onde todos estão imersos seja na tensa reprodução de suas exigências tão precárias, seja na tensa inserção em lutas tão arriscadas onde tudo está em jogo. (ARROYO, 2003, p. 37).

Para Arroyo (2003), os movimentos sociais têm uma participação fundamental na vida dos estudantes, estes não se devem somente ter a compreensão do processo de educação que se materializam em sala de aula. Eles devem atravessar as cercas por princípios fundamentais de dignidade, de direitos, lutas de uma vida digna que vai além, promover articulação para uma Educação Contra-hegemônica, que não sejam neutros e sim conscientes de processos fundamentais articulando a teoria e prática.

Os movimentos sociais articulam coletivos nas lutas pelas condições da existência popular mais básica. Aí se descobre se aprendem como sujeitos de direitos. É importante constatar que enquanto o movimento operário e os movimentos sociais mais diversos apontaram nestas décadas essa matriz pedagógica, um setor de pensamento pedagógico progressista nos levava para relações mais ideológicas: o movimento cívico, a consciência crítica, os conteúdos críticos como matriz formadora do cidadão participativo (ARROYO, 2003, p. 32).

Desta forma, entende-se que é preciso para que de fato esta realidade de sujeitos de direitos se materialize, é necessário que os movimentos sociais continuem se articulando num movimento constante histórico que protagonize formações que enraíze o processo de humanização e emancipação.

Uma escola do Campo não é, afinal, um tipo diferente de escola, mas, sim é a escola reconhecendo e ajudando a fortalecer os povos do campo como sujeitos sociais, que também podem ajudar no processo de humanização do conjunto da sociedade, com lutas, sua história, seu trabalho, seus saberes, sua cultura e seu jeito. Também pelos desafios da sua relação com o conjunto da sociedade (CALDART, 2010, p.110).

Nesse sentido, surge a demanda de formações, para promover uma prática docente capaz de garantir ao educador uma nova postura pedagógica, que compreenda os desafios que vivenciam cotidianamente com os seus educandos e que compreenda que a raiz de tudo é o respeito com o ser humano e classe trabalhadora.

## **2.4 O MST e a formação dos educadores no Mato Grosso e no município Tangará da Serra: Princípios e Diretrizes de formação de educadores no MST**

Formar educadores e educadoras, subsidiando com elementos necessários para compreender a realidade e com compromisso em transformar essa realidade com justiça social, tem sido o desafio histórico apresentado pelos movimentos sociais organizados do campo.

Aqui, iremos centrar nas experiências formativas que vêm sendo construídas ao longo dos encontros dos educadores e educadoras da Reforma Agrária no Mato Grosso. Esses encontros ocorrem anualmente e segue os princípios propostos pelo Setor de Educação e Militantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra — MST, no Estado de Mato Grosso.

Esses princípios, conforme o MST (1996), abrangem a relação entre teoria e prática; a realidade como base da produção do conhecimento; conteúdos formativos socialmente úteis; trabalho como princípio educativo; educação dentro dos processos políticos, econômicos e culturais; formação permanente dos educadores e educadoras; educação para a transformação social e humana.

As intencionalidades formativas dos encontros são várias, considerando as especificidades dos educadores e educadoras do campo e abrangem temas relacionados à conjuntura política, social e econômica com vistas a fornecer a estes, uma compreensão da totalidade dos fenômenos da realidade.

Entre as estratégias formativas destacam-se as palestras, análises de conjuntura, trocas de experiências entre os profissionais da educação de escolas do campo, momentos culturais, diálogos e debates que trazem para a pauta saberes, especificidades e diversidades da Educação do Campo.

Em anos alternados, a formação destes educadores e educadoras ocorre em nível estadual e regional. No primeiro nível, são atendidos educadores e educadoras de todo o estado e, no segundo, os que são provenientes da Região do Médio Norte de Mato Grosso, entre os quais os educadores estão os educadores do Município de Tangará da Serra.

Abaixo, segue um quadro de registros das temáticas abordadas e os períodos de alguns encontros dos educadores, promovido pelo MST, no estado de Mato Grosso.

Nota-se que ao fazer uma breve análise destes dados descritos neste quadro, observa-se que a um intervalo grande na cronologia em relação aos encontros de educadores/as. Até este tempo, foi registrado através de certificados de participantes efetivos nas formações.

Entende-se por estas informações que, por se tratar de uma formação continuada no âmbito social, político e educacional, não há uma preocupação em certificar todos os encontros oferecidos pelo Setor de Educação do MST.

Diante das temáticas abordadas nos encontros, de início, o que nos chama atenção é que neste primeiro período que se tem de registros, ano de 2003, não tem exposto os temas abordados, em seguida, já no ano de 2011 em diante, observado que é recorrente nos encontros o momento de conjuntura, a uma necessidade aparente de conjunturar os sujeitos participantes além de vários outros temas debatidos, tem uma abordagem significativa em relação a conjuntura política, agrária, social e educacional.

**Quadro 1 - REGISTRO DOS ENCONTROS DE EDUCADORES DA REFORMA AGRÁRIA**

<b>Registro dos encontros de educadores da Reforma Agrária em Mato Grosso</b>			
<b>Grosso</b>			
Data	Programação/Temáticas abordadas	CH	Local/abrangência
25 a 27/04/2003	Obs.: Não tem registro de Programação/Temáticas	30h	<i>Barra do Bugres/Regional</i>
15 a 18/07/2011	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conjuntura política e agrária;</li> <li>• Conjuntura da Educação em MT;</li> <li>• Política da educação do campo em MT;</li> <li>• O MST e a escola;</li> <li>• Debate por regional sobre o funcionamento e estruturação do Setor de educação em MT;</li> <li>• Apresentação das experiências das escolas do campo;</li> <li>• Agroecologia e educação do campo;</li> <li>• Os impactos dos agrotóxicos na saúde e no meio ambiente;</li> <li>• Jornada da juventude; jornada dos sem terras; Campanha fechar escola é crime.</li> </ul>	30h	<i>Cuiabá/Estadual</i>
07 a 09/06 2012	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conjuntura política, agrária, educacional e a</li> </ul>	20h	<i>Cuiabá/Estadual</i>

	<p>organização dos trabalhadores;</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Paradigmas da Educação do Campo;</li> <li>• Experiências desenvolvidas a partir do encontro de educadores de 2011.</li> </ul>		
27/09/2014	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de conjuntura;</li> <li>• Debate sobre educação do campo (visão institucional e visão dos movimentos sociais);</li> <li>• Apresentação das experiências das escolas;</li> <li>• Criação do comitê regional de educação do campo.</li> </ul>	12h	<i>Barra do Bugres/Regional</i>
04 a 07 02/2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Conjuntura política internacional e do Brasil;</li> <li>• Conjuntura agrária e os desafios da Reforma Agrária Popular;</li> <li>• Jornada socialista sobre o internacionalismo;</li> <li>• Desafios da formação;</li> <li>• Balanço político e orgânico;</li> <li>• Os desafios da Educação do Campo;</li> <li>• Organização do setor de educação do MST/MT</li> <li>• Planejamento do 2º encontro nacional dos</li> </ul>	40h	<i>Cuiabá/Estadual</i>

	educadores da Reforma Agrária.		
09 a 12 07/2015	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Estudos voltados para Educação do campo;</li> <li>• Análise de conjuntura; situação da educação em Mato Grosso, debate sobre pátria educadora;</li> <li>• Debate sobre Reforma Agrária Popular;</li> <li>• Amostra das práticas pedagógicas de todas as escolas presentes;</li> <li>• Pedagogia do movimento; Educação do Campo, educação da classe trabalhadora;</li> <li>• Balanço político da educação em Mato Grosso;</li> <li>• Noite Cultural com apresentação de teatros e de poesias em homenagem aos 20 anos do MST em MT;</li> <li>• Manifesto dos educadores e das educadoras da Reforma Agrária.</li> </ul>	30h	<i>Cuiabá/Estadual</i>
17 e 18 06/2016	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de conjuntura (MST);</li> <li>• Balanço político da educação e suas perspectivas;</li> <li>• Educação do Campo;</li> </ul>	16h	<i>Tangará da Serra/Regional</i>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Noite Cultural.</li> </ul>		
11 a 14 09/2017	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Soberania alimentar;</li> <li>• Educação ambiental;</li> <li>• Educação do Campo na Perspectiva freirena;</li> <li>• Residência Agrária.</li> </ul>	40h	<i>Tangará da Serra/Regional</i>
03 e 04 11/2018	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise de conjuntura política e social;</li> <li>• Financiamento da educação;</li> <li>• Formação política e resistência;</li> <li>• Formação Cultural;</li> <li>• A Educação do campo na perspectiva da transformação social e seus desafios.</li> </ul>	20h	<i>Nova Olímpia /Regional</i>

**Fonte:** Quadro elaborado pela autora a partir dos certificados emitidos nos eventos de formação continuada do MST no estado de MT, em especial a região pesquisada.

Pode-se perceber diante deste quadro que as temáticas abordadas nesses encontros, vêm acompanhando a pauta do debate nacional de Educação do Campo um importante momento de dialogar sobre os princípios norteadores de uma educação de qualidade que faça sentido para os filhos dos camponeses. Potencializar, socializar as experiências e práticas desenvolvidas nas escolas do campo é muito importante, para existir e resistir a tamanho esquecimento que as escolas do campo enfrentam.

## **2.5 Registro e análise das entrevistas**

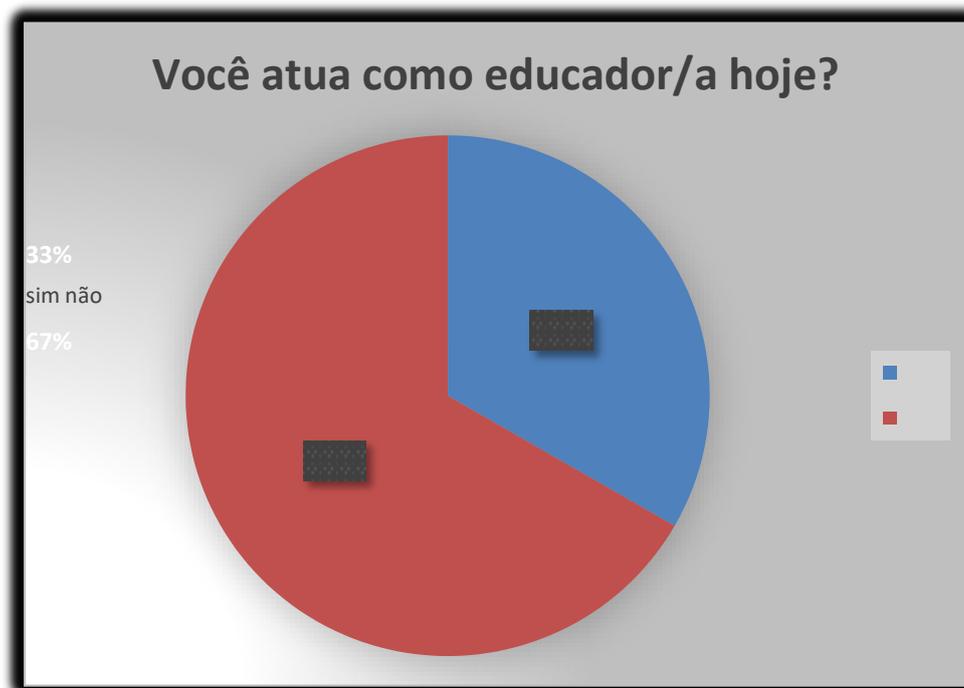
Para realizar a análise das entrevistas, foi mantida as falas dos sujeitos nos quadros, com o objetivo de apresentar o conjunto de material empírico como parte das fontes pesquisadas e que poderão também servir a outras pesquisas futuras.

## Entrevista semiestruturada – Educadores/as egressos/as dos encontros de educadoras e educadores da reforma agrária

A primeira questão, por ser objetiva, optou-se por um gráfico representativo para melhor visualizar a conjuntura, bem como para não identificar as entrevistadas e os entrevistados, por seu local de trabalho.

**Figura 1 - GRÁFICO REPRESENTATIVO DA ATUAÇÃO DOS EDUCADORES/EDUCADORAS**

### Pergunta 1 - Você atua como educador/a hoje?



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

A segunda questão refere-se a motivação das entrevistadas e dos entrevistados para participar dos cursos de formação de educadoras e educadores da reforma agrária, procurando compreender a expectativa destes e destas.

**Quadro 2 – SOBRE A MOTIVAÇÃO PARA PARTICIPAR DOS ENCONTROS**

Questionário	Questão 2 - O que o motiva ou motivou a participar dos encontros de educadoras/educadores da reforma agrária?
Entrevistada L.G.C	<b>O aprendizado porque a gente como educador que já trabalhou na educação na cidade a gente não tem, a gente acaba não tendo o conhecimento né da Educação do Campo, então quando você tem esta formação voltada para Reforma Agrária é questão de aprendizado.</b>
Entrevistada N.F	A motivação é por ser filha de agricultor e por participar das atividades laborais da família no/do campo até os 16 anos. E principalmente por ver tantas exclusões dos povos camponeses na busca por educação de qualidade. <b>Toda formação me fortaleceu como educadora.</b>
Entrevistado J.M.G	<b>A identificação da nossa luta pela educação do campo, dentre esta a qualificação dos educadores e educadoras e a troca de experiência e o conhecimento adquirido entre outras pessoas de diferentes regiões, ou seja, a troca de experiência né quando fala de diferentes regiões.</b> Então isso é muito importante porque a gente vê várias experiências de outras localidades e isso vem agregar e somar e contribuir para com a luta né.
Entrevistado C.J.A	<b>Eu sempre fiz parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem terra MST, foi por onde eu consegui ser assentado né pela luta pela terra, então, é eu tenho ideologicamente né uma tendência, faço parte da luta né, sou um militante da luta é, em prol da classe trabalhadora, então, e moro no assentamento sou assentado. então isso tudo me motivou a participar a discutir os rumos da educação né a organização da Educação no assentamento, e discuti aí os conceitos de Educação do campo né a conquista da terra uma parte da luta, aí depois a gente é passa a lutar para transformar esta conquista por esse território né como Conquista política também, é para que a gente tem uma educação que possa ir de encontro aos nossos princípios e reconhecer nós como Trabalhadores.</b>
Entrevistada E.A.C	<b>Muito aprendizado com os encontros, e também uma forma de contribuir com nossos alunos.</b>
Entrevistada A.C.A	<b>Primeiro o que me motivou foi o fato de ser assentada em um assentamento de Reforma Agrária, conquistado pela luta dos trabalhadores e trabalhadoras do MST, e no Movimento uma das frentes mais importantes é a educação, a formação permanente dos trabalhadores e trabalhadoras, sempre buscando estar ligados à sua realidade de camponeses. Também porque entendo, que a educação não acontece somente em sala de aula, mas em todos os espaços em que a vida acontece, então temos</b>

	<b>que ser todos educadores e estarmos em constante formação, especialmente em uma formação que pense a nossa realidade, que contribua para superação de nossos desafios e possibilite compreendermos nosso papel frente ao modelo de exclusão e destruição de nossa classe, aí colocado para nós.</b>
Entrevistado W.A.B	<b>O que motivou a participar do encontro foi que literalmente é um espaço que possibilita muitas discussões e reflexões sobre o futuro da escola do campo né e também sobre a atual situação então nesses encontros que teve aconteceu tanto dentro da escola quanto também em acampamentos, para mim enquanto professor foi muito rico né porque eu nunca tinha conhecido também um acampamento e daí a tenta tirar ideias né e levar para dentro da escola e ai sim, essas ideias elas vão ser aplicada na prática né seja na melhoria do ensino ou da própria escola também.</b>
Entrevistada M.G.P.S	<b>Foi a necessidade de atualização, o professor tem que estar sempre atualizada Buscando Novas práticas pedagógicas e agregando novos aprendizados, durante os encontros pude perceber que algumas atividades mencionadas na temática estava de acordo com o que eu estava trabalhando em minha sala de aula todo o conhecimento que adquiri no encontro foi de suma importância para o meu conhecimento.</b>
Entrevistada C.A.F	<b>Para adquirir conhecimento sobre a Educação do Campo na perspectiva da transformação Social e seus desafios.</b>
Entrevistada M.V.S.V	<b>Porque queria me aperfeiçoar mais sobre políticas públicas de educação do Campo.</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Para todos, a motivação passa pela necessidade de obter conhecimentos e se atualizar em assuntos relacionados a educação do campo. Além disso, é possível identificar o engajamento político e militante dos declaradamente que se identificam com a luta pela conquista e permanência na terra. Tendo em vista que umas das bandeiras de frente do MST é a educação, a formação permanente dos sujeitos, sabendo que estes processos acontecem em todos os espaços.

Já a terceira questão, faz referência da escolha em se tornar um educador/a de escola do campo, compreendo este espaço como um território do saber.

**Quadro 3 – SOBRE SE TORNAR EDUCADOR/A DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

<b>Questionário</b>	<b>Questão 3 - Por que ou como você se tornou educador/a de escolas do campo?</b>
Entrevistada L.G.C	<b>A primeira escola que eu atuei foi educação do campo que é onde eu prefiro trabalhar, é com a educação do campo, é a minha prioridade é onde eu me identifico.</b>
Entrevistada N.F	<b>Minha trajetória se iniciou no município de Salto do Céu M.T. Em uma escola do campo, estava estudando magistério e fui para a cidade após a formação, somente em 2000 voltei a atuar na escola do campo no Assentamento Antônio Conselheiro E.E. "Ernesto Che Guevara" e lá estou até hoje. Muito grata pela experiência.</b>
Entrevistado J.M.G	<b>Porque sempre morei no campo assim me identifiquei com a causa da luta por uma educação do campo que fosse construída pelo próprio sujeito coletivamente, né e aí demonstra que na verdade né não teria sentido se a gente não trabalhasse no coletivo e assim que Nós aprendemos né. É nos encontro, isso faz parte da nossa conjuntura e sem trabalhar dessa forma não tem como a gente buscar melhorias né, não tem como também a gente edificar esse conhecimento nosso, aonde que sabemos e temos a plena convicção que o trabalho coletivamente eles vem a enriquecer e dá um suporte a mais para educação na qual nós estamos lutando.</b>
Entrevistado C.J.A	<b>Particpei da luta pelo MST, tivemos a conquista do assentamento Antônio Conselheiro e hoje estou assentado no Antônio Conselheiro então foi aí que eu metornei né um educador né, um membro, uma parte de uma escola do campo.</b>
Entrevistada E.A.C	Sempre morei do campo, desde a minha infância, isso me motivou muito.
Entrevistada A.C.A	<b>Quando cheguei no Assentamento Antônio Conselheiro, ainda acampamento, fui contribuir no setor de educação do MST. Depois, por causa do Movimento, comecei a fazer o curso de Licenciatura em Educação do Campo, na Universidade de Brasília-UnB, este curso, que era por</b>

	<p><b>alternância, e específico para formar professores/as para atuar nas escolas do Campo, me ajudou a ver que é na contradição dos acontecimentos da vida, no cotidiano, que acontece a educação e que a formação tem que ter uma intencionalidade que deve estar voltada para a transformação dos sujeitos, contribuindo para que os mesmos se sintam também, responsáveis e capazes de contribuir no processo de ensino/aprendizagem e com as mudanças necessárias na sociedade. A partir desse curso sai mais da educação, atuando nos vários setores, inclusive na direção da escola Ernesto Che Guevara por cinco anos, período em que trabalhamos fortemente na formação de professores para o desenvolvimento de uma educação do e no campo, que fosse mais voltada e de acordo com nossa realidade e necessidade de camponeses. Claro que se fortaleceu as concepções de que todos somos educadores e de que educação acontece em todos os lugares, sendo assim a formação tem que ter intencionalidades.</b></p>
Entrevistado W.A.B.	<p><b>Eu me tornei professor da escola do campo através da contagem de ponto pela Seduc né o que motivou bastante também me envie para escola do campo foi que eu também já estudei né em uma escola do campo então isso também pesou na minha decisão né de forma positiva e acredito eu assim que a primeira experiência que eu tive lá na Ernesto Che Guevara foi muito enriquecedora né foi tão rico que eu nunca mais saí do campo eu acho que no dia que eu sai vou sentir muita falta.</b></p>
Entrevistada M.G.P.S	<p><b>Decidi ser Educadora porque é uma profissão gratificante poder proporcionar momentos de aprendizagem na minha comunidade a educação tem um papel transformador sendo uma pedagoga e morando em um assentamento senti a responsabilidade social de contribuir para transformação da minha comunidade.</b></p>
Entrevistada C.A.F.	Sem resposta.
Entrevistada M.V.S.V	<p><b>Como sempre morei na Zona Rural e por fazer parte de um grupo que acredita na reforma agrária.</b></p>

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Desta forma, a relação em trabalhar em escola do campo, vai além de morar e estudar em uma escola do campo da educação básica. De acordo com os entrevistados/as, a escola do campo possibilita o trabalho coletivo e fortaleceu na perspectiva e busca por melhorias, além de uma formação que propicia entender as contradições e instiga o debate.

Sabe-se que são nas contradições que enriquece e encoraja os momentos de discussões e os processos coletivos de troca de experiências.

Esta quarta questão, enfatiza a utilização de práticas formativas estudadas no decorrer dos momentos de formação dos encontros

**Quadro 4 – SOBRE A UTILIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS DAS FORMAÇÕES**

Questionário	Questão 4 - Após a participação nos encontros você continua utilizando as práticas formativas que foram desenvolvidas ao longo dos encontros, na escola do campo que atua? Se sim, descreva quais. Se não relate os motivos.
Entrevistada L.G.C	Neste momento a gente esta vivendo, <b>é um momento meio complicado dentro da educação</b> eu acho que é em todo o contexto da educação, então são poucas é, poucas é vamos colocar assim, <b>poucos temas que a gente vem trabalhando né, dentro da formação.</b>
Entrevistada N.F	Sim, certamente. <b>A experiência de trabalhos coletivos, com participação da comunidade na formação acadêmica, também com a prática de ouvir os educandos (acomunidade) e, ajudá-los na compreensão das problemáticas existentes. Os motivos mais evidentes é que ao se tratar da realidade, estes, sentem-se motivados, pois os assuntos/temas são significativos para eles/as.</b>
Entrevistado J.M.G	Eu coloquei sim, <b>porque este é o fortalecimento que vai garantir a educação com qualidade com a nossa própria realidade, assim podemos destacar o trabalho coletivo, o planejamento coletivo, o respeito e valorização dos diferentes saberes,</b> devemos partir do princípio que todos tenham conhecimento não só porque somos educador, portanto, todos tenham conhecimento mesmo claro com certeza sendo diferentes né.
Entrevistado C.J.A	Então, <b>é claro que eu continuo né, é buscando colocar em prática tudo aquilo que a gente discutiu né, esta política né, esta filosofia de educação, a gente procura implementar na escola, trazendo o debate né dá importância da educação do campo para que se consiga construir uma educação significativa na vida dos</b>

	assentados né, na vida dos educandos de assentamento né, para que a gente possa fortalecer a organização é do Campo né, e poder valorizar nossa cultura de camponês.
Entrevistada E.A.C	Antes da pandemia sim, agora fica um pouco complicado.
Entrevistada A.C.A	Sim, nos encontros falamos de conjuntura, sobre formação de professores, sobre racismo, homofobia, violência contra as mulheres, sobre a soberania alimentar, sobre as políticas públicas, ... enfim, sobre nossa luta e nossa resistência, e sempre procuramos trazer isto presente na formação na escola. Fiquei cinco anos na direção da escola Ernesto Che Guevara, e neste período iniciamos um processo de formação dos professores e professoras para organização de nosso currículo, para planejamento por área do conhecimento, tendo como foco o diagnóstico da realidade, numa perspectiva dos temas geradores de Paulo Freire. Foi um trabalho riquíssimo, que pode não ter alcançado seu objetivo principal, que era a mudança no currículo, mas oportunizou vários processos de formação com os sujeitos envolvidos, seja com relação aos planejamentos coletivos mais voltados para a realidade do Assentamento, ou pela participação mais consciente dos educandos e educandas nos encontros de formação e organização dos mesmos ou nas manifestações e greves na busca e manutenção de direitos, seja nas diversas atividades que fortaleçam o fazer camponês e a importância de sua organização. A tarefa de colocar em prática os conhecimentos adquiridos, visando a melhoria da comunidade e do mundo é de todos nós.
Entrevistado W.A.B	Com certeza né a participação nos encontros ela possibilitou a gente quanto professor né a desenvolver muitas práticas né dentro da escola que eu atuo hoje hoje eu tô numa escola do campo não é a mesma o qual eu trabalhei da primeira vez né no caso a Ernesto Che Guevara, hoje eu estou na Antonio Hortollani mas práticas agroecológicas né Tem realizado dentro da Escola Atual qual trabalho é dentro das disciplinas que eu trabalho também tem discutido também essa importância dos jovens né dentro do campo é tem discutido também possibilidade de trabalho, de empreendimentos, é possível jovem hoje crescer dentro do campo, dentro da propriedade dele, então enquanto professor eu tenho é aberto tanto essas discussões, como também realizada algumas práticas dentro das minhas disciplinas.

Entrevistada M.G.P.S	Enquanto atuava em sala sim <b>trabalhei a temática soberania alimentar educação ambiental resistência agrária.</b>
Entrevistada C.A.F.	Sim. <b>Quando estava em sala de aula sempre utilizei as conjunturas políticas e agrárias, Pedagogia do movimento; Educação do Campo; Educação da classe trabalhadora.</b>
Entrevistada M.V.S.V	Porque ela <b>não é pautada apenas pelo ensino entre as quatro paredes de sala de aula, além de aprender com os alunos, tem troca de experiência com outros educadores.</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Certamente estão utilizando, uns com mais frequência, outros com menos, mas um dos pontos principais é a compreensão que trabalhar os planejamentos coletivos voltados para a realidade da vida dos sujeitos do assentamento, e dessa forma seguindo as práticas de formação dos encontros dos educadores é uma questão em primordial.

Diante disso, a uma necessidade de uma educação significativa para a vida dos camponês assentados, e as formações do MST possibilita esta discussão ampla do respeito, da valorização, das práticas agroecologias, da questão de gênero, da cultura camponesa etc. Pode-se destacar também, que através das entrevistas nota-se que as temáticas desenvolvidas no decorrer das formações continuadas dos encontros, estão presentes nos desenvolvimentos dos planejamentos dos educadores/as, mesmo não estando atuando dentro da escola Ernesto Che Guevara.

Os participantes levam este conhecimento ao longo do seu percurso enquanto educador/a, comprometidos com uma Educação de qualidade e que fortaleça a discussão da Educação do Campo e dos sujeitos camponeses.

A questão 5, refere-se aos assuntos estudados nos encontros se são percebidos na materialização do dia a dia escolar.

#### **Quadro 5 – SOBRE A MATERIALIZAÇÃO DOS CONTEÚDOS**

<b>Questionário</b>	<b>Questão 5 - Você consegue perceber se as temáticas/assuntos estudados nos cursos de formação se materializa no cotidiano escolar? Se sim, onde e como?</b>
Entrevistada L.G.C	Acho meio difícil é, <b>nestes dois últimos anos foi um pouco mais complicado, os anos anteriores que eu trabalhei na</b>

	<p><b>educação do campo, sempre, buscamos sempre trabalharentro do cotidiano, dentro da vivencia do aluno, só que estes dois últimos anos agora, tá um pouco difícil trabalhar desta forma por vários motivos né.</b></p>
Entrevistada N.F	<p><b>Acredito que sim. Principalmente quando os estudantes buscam garantir os direitos adquiridos na luta dos pais, luta por permanência no campo, educação, saúde e fortalecer a agricultura familiar através da resistência, na formação escolar e participação dos debates socioculturais. Também por manter a identidade de trabalhadores do campo.</b></p>
Entrevistado J.M.G	<p><b>Sim, porque estudamos a conjuntura política né, numa parte abrangente, num todo né, a discriminação, o gênero, preconceito tanto racismo como sexual e, também dentro essas questões é colocadas também a auto sustentabilidade né, para garantir a permanência no campo principalmente dos jovens né da qual se a gente não tiver essa expectativa para garantir eles aqui dentro, eles vão estar indo para a zona urbana e aí nós vamos perder forças aqui dentro né. E aí também nas discussões a onde relata estes temas para desenvolver a temática apresentada, o grande exemplo de estudo tá dentro dos encontros da Juventude, O encontro sem Terrinha, o festival de poesias e vários outros cursos e encontros na escola solicitada e realizadas né, então esse trabalho é muito importante para dar a sequência desse trabalho da educação do campo, não tem como pensar na educação do campo sem ter esses encontros, esses encontros que vai fortalecer para que possamos garantir de fato uma educação do campo com a nossa realidade, e quero frisar ainda também, que nada disso também poderia ser realizado né se não tivesse também acontecido a base do MST né, e aí as reunião de base principalmente né fez com que hoje nós tivesse todos esses encontros através da reunião de base então que deram a sequência do surgimento então desses encontros.</b></p>
Entrevistado C.J.A.	<p><b>Certamente né, as questões estudadas do conceito de educação né, de ter uma educação que valorize a vida no campo né, que consiga fixar o homem no campo né, que valoriza a nossa cultura, é diária, primeiro é fazer acontecer essa educação numa escola do campo, já é uma umdesafio muito grande né, que todos os dias você precisa se alimentar de, Encontro de Formação política né, de participar de grupos que tenha o mesmo objetivo, dentro das escolas a gente enfrenta né, a ideologia contrária de educação libertadora né, é onde a maioria das pessoas só</b></p>

	<p>quer saber de ver o lado econômico, não quer ver a questão da formação das pessoas e, <b>conviver no campo é conviver com esta dificuldade né, com a visão das pessoas de queo campo é um lugar de atraso e, que as pessoas tem que ser formadas né, tem que se profissionalizar para sair do Campo. É no dia a dia a gente precisa combater esse pensamento né, de que a educação seja voltada para de fato fixar as pessoas no campo que esta educação seja significativa na vida desses alunos na vida dessas famílias.</b></p>
Entrevistada E.A.C.	<p><b>Sim muito com nosso próprios colega da escola.</b></p>
Entrevistada A.C.A.	<p>Sim, é <b>possível perceber</b>, quando os educadores e educandos começam a fazer as discussões, <b>organizar atividades que fortalecem o debate sobre determinados temas, começam a fazer as mudanças de comportamento visando melhorias, tanto no espaço escolar como em suas propriedades e famílias, quando a comunidade escolar começa a se responsabilizar pelo processo de ensino/aprendizagem percebemos que a formação está dando resultado. E foi possível perceber, pois podemos citar um exemplo que foi a organização e realização do Encontro da Juventude Camponesa, que aconteceu em nossa escola, por dois anos consecutivos, envolvendo jovens de cinco escolas estaduais. Encontros de três dias,organizados pelos próprios, que teve temas muito relevantes para a formação e organização dos jovens camponeses, muitos desses temas, fomentados pela discussão em sala de aula e sendo debatidos por profissionais e jovens durante o encontro. Outro exemplo foi o debate e o engajamento da comunidade escolar nas discussões da BNCC, bem como nas manifestações em protesto a mesma.</b></p>
Entrevistado W.A.B.	<p>Bom em relação as <b>temáticas de assuntos estudados nos cursos de formação hoje a eu acho que as escolas do campo elas estão muito assim, sem, (como é que fala), sem muita escolha de trabalho né porque muitas vezes agente tem uma ordem lá da Seduc e a gente precisa seguir aquilo</b>, então para sair daqui é muito difícil né eu acho que é escola do campo por ela não ter tanta autonomia enquanto escola do campo e ela precisa se submeter a grandes ordens da própria secretaria de educação ela acaba que que não trabalhando tanto esses assuntos né, Mas vira e mexe a gente enquanto corpo docente e também diversos funcionários da escola a gente tem trabalhado Porque a escola do campo ela preza muito essa questão do conjunto né tanto o corpo docente alunos com a</p>

	<b>comunidade. Então muitos eventos que a gente tem feito dentro da escola a gente tem envolvido a comunidade também isso é importante pra escola do campo esse conjunto esse trabalho no cotidiano da escola junto com a própria comunidade que ele se encontra.</b>
Entrevistada M.G.P.S	<b>Sim, o cotidiano de um assentamento congrega todos os assuntos discutidos na formação, não há como falar em sala de soberania alimentar ou educação ambiental sem que isso repercuta positivamente na vida dos alunos.</b>
Entrevistada C.A.F	<b>Sim, já planejava minhas aulas dentro das temáticas no que é a realidade da comunidade onde os alunos vivem na zona rural.</b>
Entrevistada M.V.S.V.	<b>Sim, baseado no que aprendi nos encontros de educadores do campo, vários conteúdos foram abordados com grandes diversificação que contemplava as escolas do campo, como respeito a diversidade e a participação da comunidade.</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

As temáticas estudadas nos encontros perpassa, por momentos da atual conjuntura política, agrária e educacional, soberania alimentar, Educação Campo etc. Estes são alguns dos temas que são debatidos, compartilhados e dialogados nos encontros, estamos discriminando alguns, para entender a proporção e abrangência destes momentos que são protagonizados pelo setor de educação do MST. Há momentos de compartilhamento de experiências das escolas do Campo realizado pelos estudantes e educadores/as, que mantêm a identidade dos trabalhadores do campo.

Para estes/as educadores/as que participaram dos encontros de formação continuada, acreditam que de alguma forma as temáticas são de fato internalizadas pelos participantes, e que se materializam no contexto escolar, os encontros são momentos para fortalecer “é um alimento” para seguir se organizando e são percebidos nas práticas e organizações da comunidade escolar.

A questão 6, se refere a sugestões de quais temas a serem abordados nos próximos encontros de formação.

**Quadro 6 – SOBRE OS TEMAS DOS PRÓXIMOS ENCONTROS**

<b>Questionário</b>	<b>Questão 6 - Para você, quais temas seriam relevantes estar presente nos encontros de formação dos educadores/educadoras da reforma agrária?</b>
Entrevistada L.G.C.	Os temas na minha opinião, acho que os temas tem que ser associado dentro de cada comunidade, tem que esta dentro da realidade de cada comunidade né, é voltado pra educação agraria.
Entrevistada N.F	<p><b>a- Políticas Educacionais;</b>  <b>b- Lutas para manter as Escolas do Campo Abertas;</b>  <b>c- Qualidade e Equidade na Educação do/no Campo;</b>  <b>d- Inclusão dos Estudantes do Campo no Ensino Superior nas escolas de Assentamentos;</b>  <b>e- Êxodo dos jovens camponeses para as cidades circunvizinhas dos assentamentos;</b>  <b>f- Políticas de inclusão e incentivo dos jovens na participação política, no esporte, arte e lazer dentro e forados assentamentos.</b></p>
Entrevistado J.M.G.	<b>É imprescindível a questão do homem sexualismo, com as pessoas respeitem os homens gays dentro da própria escola, aí temos também as drogas é que estão presente, nos encontramos sujeito e seres humanos se não se organizarmos tão importante frisar que no entanto o sujeito de seres humanos é senão se organizar vamos perder né, aí os nossos direitos né, os nossos , então por isso é que temos que estar em constantemente em luta né, para que possamos então né,é permanecer com nossos direitos e os nossos deveres entãoe através das lutas e foi assim que nós aprendemos enquanto MST.</b>
Entrevistado C.J.A.	Os temas, <b>planejamento, currículo né, a questão de fazer acontecer as políticas específicas para o campo né, fazer valer aquelas portarias e a discussão já que se tem né sobre a especificidades da Educação do campo, é a formação de professores e educadores na filosofia da educação do Campo né, é todos estes temas eles são atuais e ainda desafios né para educação do Campo.</b>
Entrevistada E.A.C.	Sempre a educação do campo, nós do campo somos muito esquecidos pelos órgão competentes.
Entrevistada A.C.A.	Penso que deve continuar trazendo para os debates, <b>temas como cultura, agricultura familiar e reforma agrária, identidade camponesa e de classe, as questões de gênero, bem como a questão da sustentabilidade e a</b>

	<p><b>geração de renda. Também temos que fortalecer o debate e formação acerca da ampliação dos processos coletivos de organização e produção de renda, como associações, cooperativas, mutirões, etc., pois só assim para tentar fazer frente ao modelo econômico massacrador que temos. Um trabalho permanente de formação, coletiva, política, econômica e de resistência.</b></p>
Entrevistado W.A.B.	<p>Há muitos temas né relevantes para serem discutidos esses encontros né de formação dos educadores e educadoras da reforma agrária, inclusive temas mais mais prático por exemplo, então assim eu sinto muita falta dentro das escolas eu não sei se existe ainda Mato Grosso uma escola do campo com ensino técnico né, então por exemplo <b>dentro das escolas do campo nós precisamos implantar mais ensinamentos técnicos visando a formação né, a formação daqueles jovens que estão ali, então por exemplo às vezes tem um jovem lá que trabalha com gado, Mas se a escola poder ensinar ele a trabalhar um pouco com outros tipos de Cultura né, é seria bom para esse jovem, então implantar o ensino (a gente) desses encontros é necessário a gente discutir a possibilidade do ensino integral dentro das escolas e também a preparação dessas escolas para essa formação.</b> Eu acredito que sim as escolas têm essa capacidade e, a gente precisa de bater isso porque hoje a gente tem debatido o ensino integral apenas para a zona urbana, só para a escola dentro da cidade, para escola do campo não precisa dessa formação, e realmente precisa sim então acredito que debater o futuro da escola do campo nesse sentido é necessário.</p>
Entrevistada M.G.P.S.	<p><b>Alimentação de qualidade sem agrotóxico; motivação e engajamento do aluno na vida escolar; acesso à universidade são 3 temas.</b></p>
Entrevistada C.A.F.	<p><b>Formação política e resistência; Formação cultural trabalho associado e agroecologia; A importância dos movimentos sociais na permanência dos jovens no campo;</b></p>
Entrevistada M.V.S.V.	<p>Como já faz tempo que não participo de encontro de educadores, talvez já está sendo contemplado o meu ponto de vista que é: <b>abordar mais as tendências da educação do campo e as mudanças ocasionadas pelas tecnologias.</b></p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Diante das sugestões de temas propostos pelos educadores/as, percebe-se e entende-se a real necessidade que os encontros de educadores continue, pois, estes processos de formações promovido pelo MST, fomenta o protagonismo e o trabalho coletivo e a permanência dos jovens no campo. Os assuntos propostos a serem abordados perpassa, por grandes áreas como: Educação, Cultura, sociedade, política etc. Um debate também importante é lutar e resistir para garantir que as escolas do campo permaneçam abertas para receber os filhos dos camponeses, para que estes não precisem se descolar para a cidade todos os dias.

As temáticas são atuais e relevantes, um desafio e um indicativo para o MST, com seus setores, não só de Educação, promover junto aos sujeitos do campo, possibilidades de momentos de qualificação e atualização dos profissionais que estão na base.

### **Entrevista semiestruturada – Organizadores/coordenadores do setor de educação do MST - MT**

Para contribuir com este questionário, foram entrevistados Organizadores/coordenadores do setor de educação do MST, a nível Estadual e Regional (coordenadores da região de Tangará da Serra) para entender como se dá este processo de formação.

A questão 1, versa sobre as escolhas das temáticas estudadas nos encontros de formação

**Quadro 7 – SOBRE A ESCOLHA DAS TEMÁTICAS DOS ENCONTROS**

<b>Questionário</b>	<b>Questão 1 - Como se dá escolha das temáticas estudadas nos encontros de educadores e educadoras da Reforma Agrária?</b>
Entrevistada I.M.M.	Para responder essa primeira questão de como se dá a escolha dos temas estudados nos <b>encontros de educadorese educadoras da reforma agrária é importante né afirmar que no movimento embora o tema da educação seja um tema muito importante inserido no conjunto dos desafios do nosso movimento, mas, também a gente atua enquanto um setor de educação, que está articulado também a nível nacional é aprofundando, debatendo, atualizando né os</b>

	<p><b>desafios da educação, atualizando sempre né a pedagogia do movimento né, então assim esse debate ele se dá a nível Nacional e a nível dos Estados né, então é nesse sentido que os temas são escolhidos,</b> o Encontro dos educadores e educadoras da reforma, é um importante espaço é de debate, de formação, de mística, de intercâmbio entre diferentes educadores do Estado, então, as temáticas são definidas né, é respondendo aos desafios que são nacionais e aos temas que são nacionais é do nosso movimento, e também <b>são temas escolhidos que venham responder os desafios estaduais né, e normalmente o encontro tem momentos de estudos, momento de debate em grupo, momento de socializar as experiências pedagógicas que estão acontecendo, momento de planejamento</b> né, então assim é, de acordo com as necessidades que a gente está tendo vai definindo os temas né que respondam né, aos desafios nacionais do movimento de cada período né, que estamos, <b>ao longo que vem desenvolvendo esses encontro e que respondam também aos desafios de ir avançando o processo da construção e das escolas do campo né, de como a gente ir avançando da pedagogia do movimento nas escolas.</b> É desculpa mais ainda seguindo o primeiro áudio né, é normalmente a definição do encontro né se decide né na direção do movimento né, <b>movimento coloca as estruturas, se busca construir esse encontro discutindo nas regionais e, sempre se constroi além do coletivo uma equipe que vai ser responsável da articulação e a construção do encontro em todas as suas dimensões.</b></p>
Entrevistada E.C.C.	<p>Na maioria das vezes é escolhida uma <b>comissão, essa fica responsável por discutir e definir quais temas serão abordados no encontro, a comissão deve levar em consideração temas que discutem à realidade agrária, e educacional (Educação do Campo).</b> Em todos os encontros é feita uma análise de conjuntura. As músicas, os poemas, as místicas sempre retratam o histórico de luta e resistência do Movimento e da comunidade.</p>
Entrevistado S.A.P	<p>Os Encontros de Educadores/as da Reforma Agrária, fazem parte dos planejamento anual das ações realizadas pelo MST, logo a <b>discussão da temática a serem estudadas passam pelo debate das instancias do movimento, porém, a escolha dessas temáticas são atribuições dos Coletivo deeducação, coletivo esse que é estadual e regional e local (nas escolas).</b> Dessa forma, conseguindo extrair temas da realidade local mais inserido está realidade âmbito global.</p>

Entrevistado A.M.R	<p><b>Quando vai se pensar um encontro Estadual dos educadores e das educadoras da reforma agrária, principalmente, a primeira coisa que é feito é criado uma equipe de organização né e, essa equipe de organização do encontro é discuti os temas que vai ser trabalhado durante os encontros né, por exemplo, de acordo com a necessidade do momento, também é feito um debate uma discussão é com as escolas para ver né, é as principais dificuldades, as principais demandas, em cima dessas demandas, em cima dessas dificuldades levantadas é, poessas escolas, por essas comunidades, por estes locais, aí é pensado então a temática da reforma agrária, a temática dos encontros de educadores da reforma agráriae também, os temas também eles são pensados para questão da organicidade da própria Educação do Campo né, então quando levanta um tema para ser discutido por exemplo a Organização das escolas do Campo né, ele tem uma esse tema a ser debatido esse tema a ser debatido eletem uma intencionalidade de articulação, de melhoria no pensar da Educação do campo de modo geral né, e também é pensado temas para se fazer a reflexões né, reflexões de como que está a educação do campo no estado, como que os governantes estão pensando a educação do Campo né, sempre também no início dos encontros (da reforma) dos educadores da reforma agrária éfeito uma análise de conjuntura para a gente entender também o momento é que tá passando o país, quem são as pessoas que estão comandando né, tanto nosso estado, quanto a nível Nacional, mas as temáticas elas são pensadas, além de ser consultada as escolas para ver quais são os melhores temas a ser trabalhado, tem uma equipe que pensa também e que faz uma proposta de pauta de temas a serem debatidos e discutidos nos encontros.</b></p>
-----------------------	--

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Para tanto, os encontros de educadores/as da reforma agrária, fazem parte das ações do MST no estado, onde acontece a nível, regional ou estadual. Primeiro é organizado uma equipe, um coletivo para conduzir os processos e os caminhos a seguir durante os encontros de formação continuada. Dessa forma, além de consultar as escolas sobre as temáticas a serem abordadas, estas são direcionadas respondendo os desafios atuais, a conjuntura atual que está passando ao longo dos períodos.

São momentos de muita articulação que, além das palestras que abordam várias dimensões, há os tempos de música, poemas e místicas retratando o contexto que as escolas estão inseridas e a resistência das comunidades.

A uma preocupação na questão da organicidade da Educação do Campo, um fator primordial, que é pautado para entender como este processo está alinhado e articulando dentro das escolas do campo conquistadas pelo MST.

Na segunda questão, pode-se destacar a contribuição destes encontros no processo de formação dos sujeitos e sujeitas, trabalhadores e trabalhadoras do campo.

**Quadro 8 – SOBRE AS CONTRIBUIÇÕES DOS ENCONTROS**

Questionário	Questão 2- Como o encontro de educadores/educadoras da reforma agrária pode contribuir na organização e no processo de formação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo?
Entrevistada I.M.M.	O encontro dos educadores e educadoras historicamente tem sido um espaço muito importante né, primeiro se falando que uma boa parte né dos companheiros e companheiras também assentados e assentadas, camponeses né, é levando em consideração que no encontro a gente <b>também sempre envolve a participação dos próprios educandos e educandas, das diferentes escolas que também participa, e se estamos falando dos educadores e educadoras né, então os encontros também participa dos trabalhadores que estão inseridos no processo da educação, não só o professor que tá em sala de aula né, as direções, merendeiras, todo mundo que tem também dentro dessa perspectiva da Educação do Campo é, uma tarefa importante na totalidade do funcionamento da escola, do processo da educação. Então, o encontro vai reforçando nesse debate de como avançar na formação dos sujeitos sociais, de como a escola cada vez mais se insere no contexto da comunidade e vice-versa né, entender que a escola é uma ferramenta né, para levar uma educação crítica que permite os diferentes sujeitos envolvidos nela, o seu entorno a entender a sua realidade, e ao entender a sua realidade, poder lutar, se organizar para melhorar as condições de vida no campo.</b> Então, nesse sentido quanto mais formação, capacitação dos educadores e educadoras tem, melhor vão desenvolver a sua tarefa a sua missão de educadores e educadoras e sendo assim seguramente contribuir muito com o processo de organização dos Trabalhadores no campo né, então porque <b>a escola na</b>

	<p><b>comunidade ela tem um papel fundamental né, ela é um instrumento importante é que pode abrir porta e caminho para o debate para reflexão, para que a comunidade possa enfrentar da melhor forma possível todos os problemas que a comunidade possa tá enfrentando né, porque a escola pode ser uma importante articuladora de toda a comunidade</b> através dos educadores, dos educandos, dos pais né, da família, enfim de modos que é nesse processo, nesse vínculo escola-comunidade educadores comprometidos com a educação libertadora, crítica é, tem um papel importantena formação dos trabalhadores do campo.</p>
Entrevistada E.C.C.	<p>O encontro de educadores/educadoras da reforma agrária, <b>contribui diretamente na vida desses educadores, pois os mesmos se colocam como protagonistas nesse processo,as formações estão atreladas a vida, ao dia a dia da sala de aula, a luta e as dificuldades encontradas na comunidade.</b> Os educadores estão ligados diretamente no processo, ajudando a pensar, normalmente e dividido grupos de trabalhos onde cada grupo fica responsável por uma tarefa,dessa forma toda se ajudam e os encontros acontecem da melhor maneira possível mesmos com os limites que encontramos.</p> <p style="text-align: center;">Acredito que o encontro educadores/educadoras da reforma agrária seja um alicerce que contribui diretamente na prática profissional desses educadores.</p>
Entrevistado S.A.P.	<p>A formação do ser humano é bastante ampla, logo um educador(a) quanto mais preparado for, maior será a sua contribuição no espaço onde atua. O Encontro de Educadores e Educadoras. É nessa linha de pensamento que esses encontros são organizados. Apesar de ter como participantes principais educadores e educadoras que estão vinculados a escolas, os debates não se restringe discutir a escola fechadaem si. <b>Sendo assim, os encontros além de debater questões didáticas e pedagógicas, também se discute, política, agricultura, ralações de gênero entre outros. Assim o educador(a) poderá contribuir além da produção do conhecimento que já é uma função inerente da escola, bem como em outras áreas da formação humana.</b></p>
Entrevistado A.M.R	<p>O encontro dos educadores da reforma agrária, assim como eu disse no áudio anterior, ele é <b>um espaço de organização é desses trabalhadores da educação,</b> por que, por que as escolas do campo elas enfrentam né todas as dificuldades e o descaso do poder público, então, quando a gente se reúne né é educadores de diferentes escolas do campo, esses momento tem uma <b>intencionalidade da gente fazer uma reivindicação coletiva para os governos atuais, para</b></p>

	<p><b>que eles possam olhar, com um outro olhar para a educação do campo, então, esses espaços são espaços de articulação, são espaços de que a gente pensa a organicidade, e que a gente pensa como que a educação do campo vai é continuar né nesse âmbito das políticas públicas por exemplo né, sem é o apoio das políticas públicas necessário, então assim esse espaço ele é um espaço de organização né, de articulação e de estudo, e ele contribui também para o processo de formação dos educadores e educadoras que estão nas nossas escolas, para eles entender de onde surgiu a educação, por quê que este conceito é importante né, é pensar que é ele surgiu também da organização dos movimentos sociais, é dos Trabalhadores ribeirinhos de todos os trabalhadores né de forma geral.</b></p>
--	--

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Na fala dos entrevistados/as, há uma boa articulação com os trabalhadores e trabalhadoras do campo, pois, estas formações têm sido um espaço de grandes avanços e debates envolvendo esses camponeses. No entanto, parte dos educadores/as, também são assentados/as, facilitando está interlocução entre, formação-escola-comunidade, a uma preocupação de como a escola do campo se insere no contexto das comunidades camponesas.

Todos estes elementos que são discutidos, são pensados para todos/as os profissionais da educação, não só para os educadores/as que estão atuando em sala de aula, são debatidos questões didáticas e pedagógicas, mas, também se discute, politica, agricultura, relações de gênero entre outros temas relevantes. Saem fortalecidos destes espaços, além de, reivindicações coletivas.

Já a questão 3, se refere aos avanços e limites encontrados nos encontros de educadores/as da reforma agrária.

**Quadro 9 – SOBRE OS AVANÇOS E LIMITES DOS ENCONTROS**

<b>Questionário</b>	<b>Questão 3 - Quais os avanços e limites dos encontros na escola e/ou regiões?</b>
Entrevistada I.M.M.	Importante essa reflexão, nós estamos vivendo um período muito, muito de uma ofensiva muito forte né, de uma ofensiva muito forte, as escolas do campo aos movimentos sociais né, as comunidades de resistência né, e toda essa ofensiva

né é de fato desse último período é de uma certa, como dizer, **limitações ao processo mesmo de articulação das escolas no campo né, então já começa dizendo que é um limite por ter frente à todas as ameaças, toda essa questão vamos dizer assim, de não ter concurso, de não terem concurso, não ter um concurso diferenciado para as escolas do campo é que pudesse possibilitar é melhor condições,** vamos dizer assim dos profissionais né, que realmente queiram, que acredito na escola do campo, que pudesse fazer concurso sabendo que vai para uma escola do campo, **então né é diferente de que alguém faz um concurso muitas vezes não encontra vaga em outro espaço aí o que sobra uma escola do campo mas não gosta, não tem nenhum comprometimento com aquela escola, não tem nenhum comprometimento com aquele povo que tá ali, então é mais um trabalho um trabalho pesado que não é por amor,** por compromisso enfim, então essa situação tem gerado bastante dificuldade, porque muitas vezes vai quebrando essa capacidade da própria, da própria escola e das regiões avançar nessa articulação né, então assim, **então os limites é que nesse último período a gente não tem conseguido realizar os encontros nas regiões né, não ter conseguido realizar os encontros dos educadores da reforma agrária, nem a nível local, nem a nível Regional né, porque na verdade é um pouco a desestruturação do coletivo de educação nas regiões, tudo isso também é por conta de todo uma ofensiva que nós estamos vivendo desde o Governo Federal, como do governo estadual que afeta diretamente e nas nossas comunidades né, nas nossas escolas,** enfim, né então acho que esse é um limite muito, muito forte, quando a gente consegue ter um processo de articulação né, seja local na escola, seja a nível de região, seja a nível Estadual é, a construção da escola de ser uma escola viva, de ser uma escola ativa, que de fato se coloca na sua missão Educadora né em todas as suas dimensões é claro que o processo avança, então, **a educação não é só cumprir o livro didático, mas a vivência, a forma de organização, o nível de participação dos educandos e educandas né, como sujeitos desse processo né, o envolvimento da comunidade, tudo isso vamos dizer assim da vida da escola então,** especialmente vamos dizer assim, **nos estamos celebrando esse ano Centenário do Paulo Freire é o patrono da educação brasileira, tão atacado pela direita e, sempre acreditou que a escola tem que ser essa célula viva né, que articula, que ajuda potencializar as dimensões do ser humano, resgatar a cultura né, promover um processo de intercâmbio de ensino- aprendizagem onde a comunidade é, agarre as suas diferentes tarefas, perspectivas de vida né, e amor a terra né,**

	<p>então <b>pegar todo esse conhecimento para que de fato no nosso caso do campo é, a escola seja um elemento, enraíze as pessoas né, ajude que a nossa juventude né, é não só aprende a ler escrever, mas também ser crítica, a ler o mundo, é gostar do Campo né,</b> então assim é tantas questões se nos estiver é uma escola né, que te fato tem um processo organizativo, que se encontre que tenha um processo orgânico de debate político, pedagógico coletivo, todos só temos a ganhar nesse sentido, para que seja de fato uma escola e uma educação que de fato ensine para além do ler e escrever né, ensine as pessoas a de fato a avançar na construção da sua humanidade da emancipação humana.</p>
<p>Entrevistada E.C.C.</p>	<p>Os últimos encontros realizados observamos um maior <b>interesse dos educadores que não tem pertencimento a comunidade e ao MST em participar, tivemos como avanço também as parcerias com algumas universidades e grupos de pesquisa que vem nos auxiliando e contribuindo muito para que esses encontros aconteçam. Os limites são vários, tais como estrutura, alimentação, locomoção e entre outros.</b> Vale lembrar que o processo de formação é organizado e muitas das vezes financiado pelos próprios educadores do Movimento.</p>
<p>Entrevistado S.A.P.</p>	<p>Entre os principais avanços que podemos identificar com a realização dos encontros, podemos destacar: <b>Uma formação mais crítica e consciente dos educadores/educadoras, trocas de experiências, inserção de educadores com organizações sociais.</b> E entre os desafios há que destacar: Conseguir realizar encontros com maior frequência, ter participação de todos os educadores e efetivação do debate na base onde os participantes estão inseridos.</p>
<p>Entrevistado A.M.R.</p>	<p>A gente conseguiu fazer já bons encontros né estaduais, <b>então nossas dificuldades era fazer a transformar esse encontro é a nível de estado em organização na região né, então assim, por mais que ao acontecer o encontro Estadual os educadores voltavam com toda aquela mística para regiões, mas é a falta de pessoas para dar acompanhamento né, para tá puxando esses debates internos regionais, dificultava a continuidade do trabalho quando chegava na base, então seria acabava que cada escola né, na base ia fazendo, desenvolvendo as suas atividades, a sua organicidade própria, mas no encontroem si não foi capaz de criar um programa né, de criar um documento único que direcionasse todas as escolas do campo do estado, então era um encontro, era muito</b></p>

	<p><b>importante, era bom reanimava, reanimou a mística né de muitos educadores é educadoras, mas assim é houve limitações para ser feito estes encontros nas localidades e na região né, por vários motivos, entre eles, eu avalio que é pessoa né, disponível para está ajudando e contribuindo nessas organizações. Mas o avanço que eu acho que teve, foi referente a formação dos próprios educadores né, a gente ainda tem muitos educadores que estão nas escolas do campo que participaram desse encontros e que enxerga Educação do campo com outro olhar né, a partir dos estudos, a partir dos debates realizados nos encontros, então eu penso que esse é um avanço né, e outro avanço também é a própria defesa da Educação do campo internamente nas escolas né.</b></p>
--	--

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Nota-se que os desafios foram enfatizados nas entrevistas, podem-se destacar um deles, são profissionais que tenham um pertencimento maior com a comunidade, para que de fato as discussões e ações sejam multiplicadas dentro dos assentamentos, onde as escolas do campo estão inseridas, a uma fragilidade no processo de articulações destas escolas.

Uma sugestão de uma entrevistada que é, concursos específicos para escolas do campo, dessa forma, amenizaria esses limites, visto que, os sujeitos educadores realizariam o concurso público com a direção de onde iriam atuar, estes, poderiam de certa forma contribuir nas discussões dentro das comunidades, ao movimento da educação do campo que avance na construção da emancipação humana.

Também percebe-se avanços, desde parcerias com Universidades, o interesse de de mais educadores que não estão ligados diretamente ao MST em participar destes momentos de formação continuada, além de trocas de experiências e inserção dos educadores/as com organizações sociais, a defesa da Educação do Campo internamente nas escolas realizadas pelos sujeitos que participam dos encontros.

Nesta questão 4, é descrito quando iniciou e a periodicidade dos encontros de formação dos educadores/as da reforma agrária.

#### **Quadro 10 – SOBRE A PERIODICIDADE DOS ENCONTROS**

Questionário	Questão 4- A partir de quando se deu o início dos encontros de educadores e educadoras da Reforma agrária e qual sua periodicidade?
Entrevistada I.M.M.	<p>Aqui no Mato Grosso nós iniciamos em 1998, então veja que, bem no início do movimento né, 1995, 14 de agosto né, então é a data de fundação do movimento é, vamos dizer assim, celebrada com a primeira ocupação de terra organizada pelo movimento né, 14 de agosto de 95 e logo em 98 né, nós já fizemos o primeiro encontro dos educadores e educadoras do movimento, já nessa perspectiva de ir articulando né, 98 nós já estava com o movimento articulado na região sul né, já tinha avançado para o Sudoeste, já indo para médio norte né, iniciando o processo também na baixada Cuiabana, então, o movimento expandiu muito rápido no início da construção do nosso movimento aqui no Mato Grosso né. É num primeiro momento acontecia a nível Estadual a cada 2 anos, tinha um encontro Estadual dos educadores (estadual) e educadora da reforma agrária a cada 2 anos, aí nesse intervalo do ano que não era Estadual sempre fazendo os encontros regionais dos educadores e educadoras, então o certo é que num primeiro momento é, nos primeiros anos é tinha um processo muito forte dos encontros como esse elemento de articulação, de formação mesmo, nessa perspectiva de formação dos educadores e educadoras.</p>
Entrevistada E.C.C.	<p>Não sei responder exatamente quando se deu início aos encontros, porém o primeiro que participei foi no ano de 2011 no CECAPE no Município de Várzea Grande-MT.</p>
Entrevistado S.A.P.	<p>Os encontros começaram acontecer a partir do ano de 1996, mais esses encontros já são uma prática do MST desde de sua criação nos meados dos anos 80. Embora não haja nenhum regimento que determine a periodicidade desses encontros. Quando há condições para a realização ele acontece anualmente.</p>
Entrevistado A.M.R.	<p>Não me lembro bem certo a data mas acredito que 2012, a gente fez um encontro né, e a partir daí a gente vinha fazendo todo ano esses encontros né dos Educadores da reforma agrária. E aí eles acontecia né uma vez por ano né, que a gente tá organizava e os encontros da reforma agrária agora faz um tempo já que a gente não consegue organizar mais, até nesse último período por causa da pandemia né, e mais os encontros eles aconteciam uma vez por ano né.</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Em relação ao início destes encontros da reforma agrária, percebe-se que há uma divergência de datas, acredito que isso acontece, devido não se ter registros escritos de todos os momentos de formação que o MST protagoniza. Mas, dessa forma percebe-se que estes vêm acontecendo no Mato Grosso desde o início da fundação do movimento, que se dá a partir de 1996.

Já se teve uma periodicidade regular, a cada dois anos, estadual, no intervalo acontecia os regionais, no início os encontros aconteciam como elementos de articulação entre os educadores/as. No entanto, em decorrência da pandemia os encontros fragilizaram.

A questão 5, se refere sobre o atual funcionamento dos encontros no Estado de Mato.

**Quadro 11 – SOBRE O FUNCIONAMENTO ATUAL DOS ENCONTROS**

Questionário	Questão 5- Atualmente, os encontros de educadores e educadoras estão acontecendo no estado? Comente.
Entrevistada I.M.M.	<p>Infelizmente os encontros <b>não estão acontecendo né, então assim nós tínhamos previsto é um encontro dos educadores e educadoras depois de tanto tempo né, Nós planejamos o encontro de educadores e educadoras para acontecer em 2020</b> né, fizemos um muito bom encontro é do Movimento em fevereiro de 2020 e foi a última atividade aqui no estado grande, de planejamento, de balanço né, e nesse encontro onde tira as linhas Gerais para o plano de ação do movimento, foi <b>levantada necessidade de retomar a articulação dos educadores e educadoras das nossas escolas, então, planejamos para fazer né a perspectiva era para fazer nas férias de julho de 2020 é um grande encontro dos educadores é educadoras aí com a pandemia né que se instala em 2020 a partir de março, então até agora no momento todas as atividades presenciais tal, estão suspensa né, por toda essa situação tão triste que a gente tem vivido né, de tanta é, desse negacionismo que mata, enfim tantas vidas já ceifadas é no nosso país né, então foi suspenso, mas a gente tem assim que puder, esperamos que podemos é o próximo ano já ter condições de retomar o encontro dos educadores e educadoras do movimento</b> né, então tá na nossa (na nossa) meta, tá no nosso plano e, tá na decisão política da direção do movimento como uma necessidade importante, estratégica retomar com força é o processo de formação de articulação das escolas do Campo.</p>

Entrevistada E.C.C.	Não. O último encontro dos educadores foi realizado no ano de 2018, no acampamento Kenia Ferreira município de Nova Olímpia-MT.
Entrevistado S.A.P.	Não. Como comentado acima, se faz necessário as condições para que se realize. E uma destas condições é a financeira.
Entrevistado A.M.R.	Atualmente como eu disse né, os encontros, <b>eles não estão acontecendo é, até se pensou no início do ano passado, em construir a possibilidade de realizar um grande encontro dos educadores da reforma agrária, porém, devido ao período de pandemia não foi possível a realização, então a gente conseguiu esse ano realizar uma plenária né, uma plenária virtual, aonde a gente fez o debate né também sobre a questão do Centenário do Paulo Freire, sobre a importância da gente manter a articulação em prol da Educação do campo</b> , mas assim foram mais plenárias virtuais mesmo, e não teve não teve, sim muita é, não teve muito destaque assim para questão da organização do encontro em sim devido a essa situação mesmo da pandemia.

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Após um período sem realizar encontros Estaduais de educadores, estava previsto para acontecer no ano de 2020, mas devido a pandemia de Covid -19 que se instalou e intensificou no mundo em março de 2020, ficou impossibilitado que este processo de formação e articulação acontecesse. Sendo assim, os último encontro que aconteceu foi no ano de 2018 a nível regional.

No ano de 2021, o que se conseguiu realizar foi uma plenária virtual, além da importância da Educação do Campo o Centenário de Paulo Freire. Para uma entrevistada “[...] tá na nossa meta, tá no nosso plano e, tá na decisão política da direção do movimento como uma necessidade importante, estratégica retomar com força é o processo de formação de articulação das escolas do Campo”. Desta forma, observa-se que são momentos como estes que necessita-se para fortalecer esta discussão nos assentamentos.

Nesta última questão, a entrevista se deu em entender se há um registro dos encontros de educadores e educadoras.

Quadro 12 – SOBRE OS REGISTROS DOS ENCONTROS

Questionário	Questão 6 - Há um registro escrito dos encontros de educadores/educadoras? Estes encontros são certificados? Comente.
Entrevistada I.M.M.	<p>Os encontros tem registro sim, cada encontro né, então <b>tem um registo fotográfico tem relatórios né, toda memória, essa memória registrada do nosso encontro né, é um grande desafio nosso que talvez seja uma grande dificuldade e/ou limitação ela está relacionada esse processo mais de sistematização, muitas vezes a gente tem o relatório bruto né, assim em linhas gerais do que foi encontro né, as temáticas é, lista de presença, todas essas questões, mas ainda falta muito esse desafio da gente sistematizar esse acúmulo é, que a gente tem desse processo dos encontros, da formação de todas as atividades no âmbito da educação que a gente tem desenvolvido aqui no Mato Grosso ao longo desses 26 anos</b> que já vamos completar do nosso movimento né, seja encontro de educadores, encontro de sem Terrinha né, nas regiões a nível Regional de todas as ações que fizemos né, é em relação à educação é por exemplo, de mobilização a nível Estadual enfim, então <b>é uma necessidade essa sistematização né, alguns encontros fizemos Certificadosné, em outros não, talvez os primeiros não temos não fizemos, alguns lembro perfeitamente que fizemos certificados, mas, mais certificados de ter um registro para a pessoa levar né, um, eu participei desse esta aqui meucertificado né, enfim né, mas eu acho que nessa retomada agora dos encontros né é bastante importante, aí a gente já tinha discutido esta questão de é, retomar com força estes processo da sistematização pouco melhor qualificada e, também essa questão da certificação por que isso também tem se tornado uma necessidade até por conta das exigências né, de contação de pontos e etc e tal, hoje ter um certificado nos encontros de formação, nos encontros de educadores é algo também muito importante para que os nossos educadores e educadoras também tenham esse documento, esse comprovante, que ajude também no seu processo seletivo, enfim, tanto para contar ponto como para seu processo de formação, mestrado, doutorado é muito importante ter também é, esse certificados para compor os seus currículos.</b></p>
Entrevistada E.C.C.	<p>Acredito que não haja registro desses encontros. Todos os encontros os participantes são certificados. <b>Os registros acontecem por escolas localizadas no assentamento em especial Escola Ernesto Che Guevara e Escola Paulo Freire ou por Universidades Parceiras.</b></p>

Entrevistado S.A.P.	Sim, há registro. Todos estes encontros são registrados com fotos, vídeos e elaborado um relatório sobre os mesmos.
Entrevistado A.M.R.	<b>Provavelmente no Centro de Formação Olga Benário é possível né, que há registro desse momento né dos educadores, há relatórios né, também do, desses encontros dos educadores da reforma agrária né, é muito provável que exista sim esses relatórios tá, e sempre foram certificados sim, cada é educador que participava do encontro recebia certificação.</b>

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir dos questionários respondidos.

Os entrevistados e entrevistadas coordenadores/as dos encontros enfatizam que há registros dos encontros, sendo, relatórios, memórias, fotografias. Mas também, enfatiza que há muita dificuldade e limitações, nesse processo de sistematização. Desta forma, estes registros sistematizados, se tornariam muito importante para o processo de Movimento da Educação do Campo.

Como diz uma entrevistada, os certificados também são importantes para contagem de pontos e para o currículo dos educadores/as, pois, ao participar o sujeito já tem uma perspectiva que terá um certificado para levar para casa ao final dos encontros.

Os registros foram solicitados pela pesquisadora ao responsável por fazer esta organização e sistematização no Centro de Formação Olga Benário, que está localizada no Município de Várzea Grande, no Estado de Mato Grosso, porém, até o momento não se teve sucesso, sabemos da dificuldade de pessoal disponível para esta organização.

No quadro 1, se tem um registro de alguns encontros de educadores/as da reforma agrária que aconteceu a nível Estadual e Regional, este foi organizado, resgatando certificados dos participantes dos encontros que receberam certificados ao final da formação.

Seguindo nesta direção dos registros, na figura 2 momentos de encontros de educadores /as da reforma agrária.

**Figura 2 - FOTOS DE ALGUNS MOMENTOS DOS ENCONTROS DE EDUCADORES/AS DA REFORMA AGRÁRIA.**



**Fonte:** Autora (2018).

Percebe-se nas falas dos educadores/as egressos dos encontros de educadores e educadoras da Reforma Agrária, a grandeza de participar destes momentos de formação. São acolhidas, momentos culturais, místicas, debates que fortalecem o trabalho docente em sala de aula e o compromisso com a comunidade, sendo que, alguns participantes de fato elencam os temas que desenvolveram em seus planejamentos, com muita intencionalidade formativa após os encontros.

A educação um fator primordial na vida do ser humano, mas quando este ensino vem com elementos que tem significado na vida dos estudantes, faz com que estes se sintam acolhidos e incentivados a permanecer na terra e da terra, lutando e resistindo.

As experiências compartilhadas pelas escolas do campo durante os encontros são fatores importantes que deve ser evidenciado pela classe trabalhadora, frente a este momento que estamos atravessando, estas atividades são processos de resistência. As singularidades de sujeitos e sujeitas deve ser respeitados. Dessa forma, o MST um movimento bastante atuante, e bem representativo, protagoniza estes momentos de formação que são significativos para educandos/as e educadores/as e toda comunidade envolvida.

O esforço feito no momento de constituição da Educação do Campo, e que se estende até hoje, foi de partir das lutas pela transformação da realidade educacional específica das áreas de Reforma Agrária, protagonizadas naquele período especialmente pelo MST, para lutas mais amplas pela educação do conjunto dos trabalhadores do campo. (CALDART, 2012, p.251).

Nessa perspectiva, Caldart reforça as intencionalidades formativas, protagonizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e que vem se tornando uma prática no Estado de Mato, esta força se nutre e cresce com muita intensidade e sempre lutam por mudanças de melhorias em todas as áreas, contribuindo com a transformação da forma atual que é imposto as escolas do Campo.

## **CAPÍTULO III - ASSENTAMENTO ANTONIO CONSELHEIRO E A ESCOLA DE INSERÇÃO DE EGRESSOS E EGRESSAS DOS ENCONTROS DE EDUCADORES/EDUCADORAS DA REFORMA AGRÁRIA**

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...

Paulo Freire

### **3.1 De Acampamento a Assentamento: Parte do processo de luta e conquista**

Existe um coletivo de trabalhadores e trabalhadoras que se propõem lutar por condições melhores de vida, estes compreendem que é necessário que as pessoas estejam organizadas e tenham objetivos comuns. Assim, surgem os acampamentos organizado pelo MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Fernandes (2012), faz uma contribuição a respeito do que é um acampamento:

Acampamento é um espaço de luta e resistência. É a materialização de uma ação coletiva que torna pública a intencionalidade de reivindicar o direito à terra para produção e moradia. O acampamento é uma manifestação permanente para pressionar os governos na realização da Reforma Agrária. (p.23).

E foi neste processo de lutas, mobilizações e resistência, que inicia as manifestações e acampamento no estado de Mato Grosso no ano de 1996, pessoas advindas de várias regiões e com diferentes ocupações, travam lutas para a conquista de território. Assim, chega também à região médio norte do estado.

Para conquista do território do Assentamento Antonio Conselheiro, vale ressaltar que vieram famílias oriundas de acampamentos de regiões distintas, entre elas, famílias do acampamento “Antonio Conselheiro” do município de Nova Olímpia e famílias do acampamento “Facão” da região do município de Cáceres, ambos do estado de Mato Grosso.

É bom a gente dizer quem eu era antes do acampamento, eu sempre fui filho de funcionário de fazenda e como meu pai faleceu cedo, eu me tornei funcionário de Fazenda. Então, na época em que o MST começou a fazer o trabalho de base na minha região, na região de Tangará da Serra lá da comunidade de Joaquim do Boche, foi mais ou menos entre os meses de setembro e outubro de 96, então o MST foi expandir a luta pela terra aqui na região [...] (Claudio, dados da pesquisa, 2020).

O entrevistado, hoje assentado, descreve sua trajetória neste percurso, como trabalhador de fazenda, viu na organização do MST, uma possibilidade de adquirir um pedaço de chão, percebe-se que, para se organizar um acampamento inicia-se com trabalho de base como diz o entrevistado, a todo um processo de discussão, nesse sentido Fernandes (2012) afirma que “a formação do acampamento é fruto do trabalho de base, quando famílias organizadas em movimentos sócio territoriais se manifestam publicamente com a ocupação de um latifúndio”.(p.23)

A gente recebeu o convite dos vizinhos da gente lá de Araputanga e, Amós (esposo) foi em várias reuniões antes de ir para o Facão acampar [...] ele ficou acampado por 6 meses né, aí aqui surgiu o novo acampamento que era o pessoal de Nova Olímpia, que tinha vindo para cá, tinha um mês mais ou menos que eles estavam aqui quando eu cheguei em julho de 96 [...] nos tinha Rariny (filha) muito pequenininha com 3 anos para 4 anos eu morria de medo ele falava não [...] é seguro vamos lá [...] (Rosana, dados da pesquisa, 2020).

Essa família, diferente do outro entrevistado, veio de outra região, mas todos com o mesmo objetivo, percebe-se no relato que, mesmo com medo de permanecer no acampamento, por não achar seguro, não a fez desistir do objetivo, pois, adquirir a terra para plantar é um querer no camponeses. Sabe-se que comprar muitas vezes se torna impossível, algo muito longe de se alcançar, e através de organizações de movimentos, este processo se torna viável.

Na figura abaixo, observa-se a família da entrevistada, em um barraco feito de palha de coqueiro, pois, naquele momento essa era as condições que se submetiam, mas resistiam frente ao capitalismo, esta é a realidade da classe trabalhadora, mas que acredita na possibilidade de oferecer a sua família um “lugar” para se viver bem e criar os filhos.

**Figura 3 - FAMÍLIA DA ENTREVISTADA (ROSANA) NO BARRACO DO ACAMPAMENTO.**



**Fonte:** Arquivo pessoal da entrevistada.

Participar de um acampamento é sinônimo de que pode haver mudanças na realidade de cada família, tendo em vista que muitas destas veem neste processo a possibilidade de conquista da terra, de um espaço que possam produzir seu próprio alimento e viver com dignidade. Para Fernandes (2012), “estar no acampamento é resultado de decisões difíceis tomadas com base nos desejos e interesses de quem quer transformar a realidade.” (p.23).

[...] a gente veio, passamos três anos acampados mesmo, então depois de ser sorteados os lotes como foi um sonho, a gente sonhava muito em ter um lugar nosso, um canto nosso, na rua ele não ia conseguir comprar um sítio da proporção que nós temos hoje, porque toda vida ele trabalhava de mecânico, era mesmo só para a gente viver mesmo, aí ele perguntou para mim, [...] a gente vai para lá porque? a gente vai ter um sítio a gente vai poder criar, plantar e vai ser melhor para nós [...] (Rosana, dados da pesquisa, 2020).

Estas decisões não são fáceis, porém, necessárias, anos de acampamento, mas quando se tem objetivo, sonho, se realiza. Esta é uma realidade concreta de pessoas que se propõe a lutar por seus direitos.

Para a conquista do território do Assentamento Antonio Conselheiro, houve lutas, mobilizações, marchas coletivas e muita resistência, dessa forma aconteceu acampamentos em frente ao INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em Cuiabá, ficando cerca de 40 dias. A partir desta concentração de mobilizações, se consegue o comodato na área que hoje é o Assentamento Antonio Conselheiro, ficando em período de acampamento até o ano de 1998, neste período sai o decreto de desapropriação.

As pessoas em fileiras, com seus símbolos de luta, bandeiras erguidas como forma de resistência e marcando território, é um símbolo muito importante no MST, vemos também um violão, retrata bem a cultura e a mística presente na luta pela terra. Cultura como uma arte proporcionando momentos de socialização e trazendo uma mistura de harmonia que realmente importa. Mística em um sentido sociopolítico e ideológico, realizada através da combinação de várias linguagens artísticas, tendo como objetivo revigorar as forças e (re)alimentar o esperançar militante individual e ou coletivo. E em, todos estes momentos se traz presente os elementos do manejo e cultivo a terra.

**Figura 4** – MARCHA ORGANIZADA PELO MST.



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora.

[...]neste período de maio até [...] o ano de 2000 as famílias ficaram em período de pré-assentamento onde estavam aguardando o parcelamento da área, onde um grupo de famílias já se distribuiu dentro da área para poder cuidar de toda a extensão, como a extensão é muito grande 3.8000 hectares, então, nós tivemos que fazer isso por conta de garantir que outros grupos não invadissem o território [...] (Claudio, dados da pesquisa, 2020).

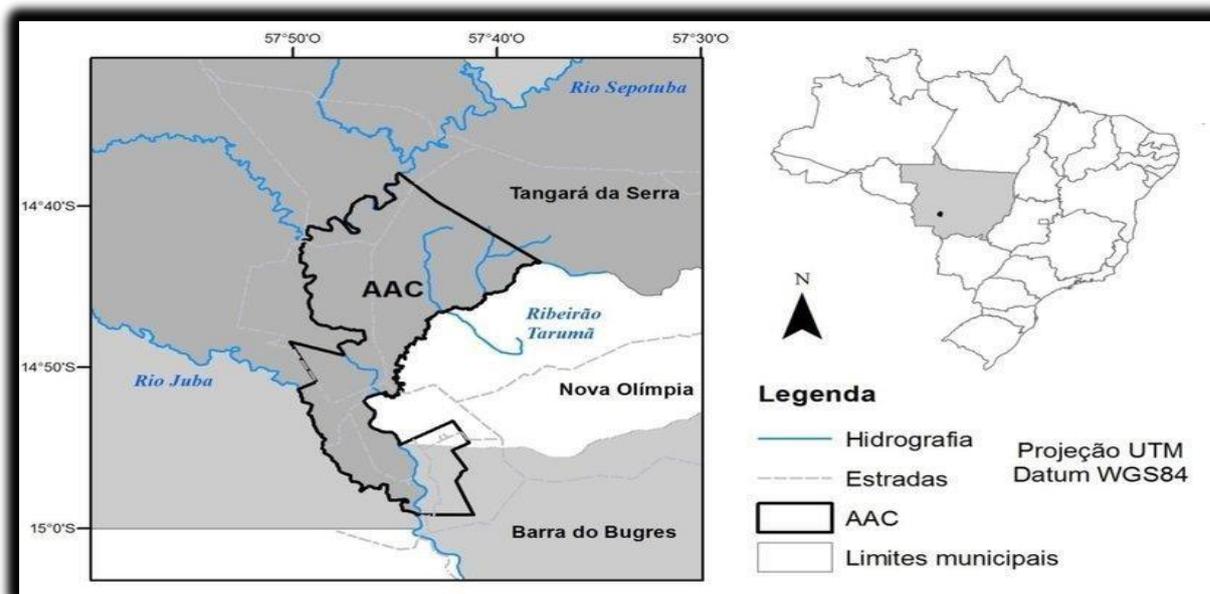
E com estas lutas e resistências, se dá o processo de assentamento, para a entrevistada (Rosana, 2020) “[...] a negociação do Assentamento Antonio Conselheiro se deu entre MST e Incra, aí o acordo foram eles que amarraram e precisavam de pessoas para estar na luta para aguentar o “rojão” [...]” Leite (2012) traz a seguinte consideração “Assim, em diferentes situações, número expressivo de trabalhadores que participaram de processos de ocupação de terra deixaram de ser acampado para se tornarem, num momento seguinte, assentados” (p.110). Iniciam suas projeções de como se organizarem neste espaço que agora é seu.

Segundo Souza (2013), a fazenda Tapirapuã onde foi fundado o Assentamento Antonio Conselheiro, contou com uma área de 37.258,81 hectares, envolvendo os três municípios: Tangará da Serra, Barra do Bugres e Nova Olímpia, ambos no estado de Mato Grosso, se encontra a 242 km da capital de Mato Grosso, Cuiabá.

Desse total, a área aproveitável foi de 24.218 hectares. Os demais ficaram para reserva, moradia ou inaproveitável. Ainda que a capacidade total do assentamento considerasse 900 famílias, segundo o MST, até 2010 o assentamento já abrigava 1200 famílias, chegando a 4.000 pessoas.

Feita a vistoria técnica, os lotes demarcados comportavam de 20 a 40 hectares, conforme aspectos físicos da área. Na figura abaixo, pode-se observar a dimensão do assentamento e sua abrangência a três municípios.

**Figura 5** - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO ANTONIO CONSELHEIRO, ESTADO DE MATO GROSSO.

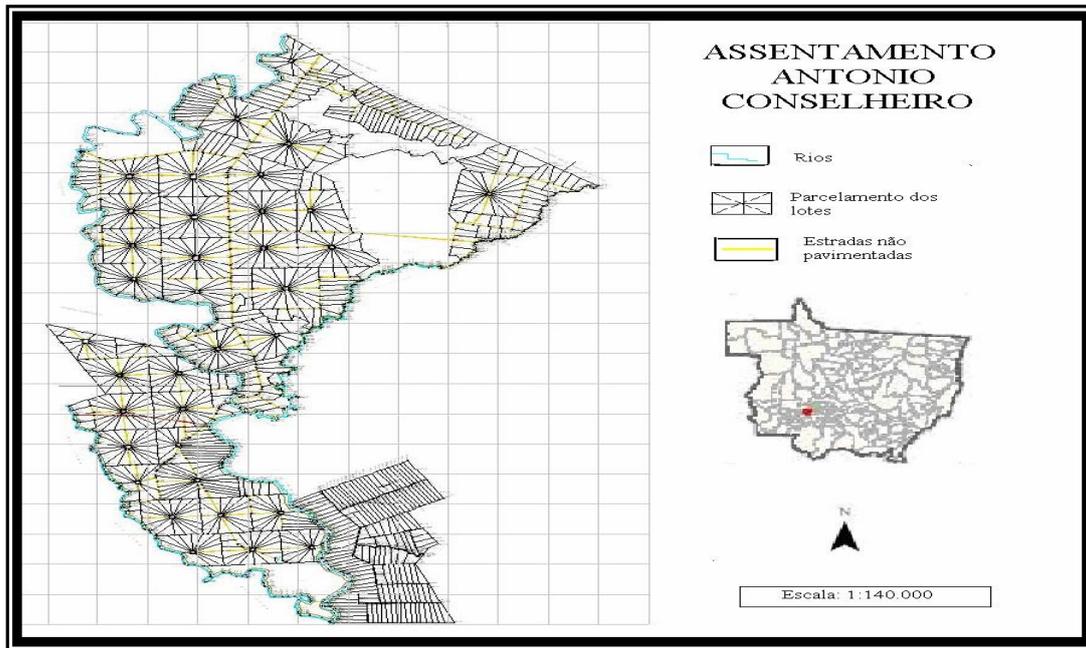


**Fonte:** Disponível em: [www.researchgate.net](http://www.researchgate.net). Acesso em 20 de nov. de 2020.

Para Souza (2013), sendo um dos maiores assentamento da América Latina, está dividido em uma área com 40 lotes conhecida como (Serra dos Palmares) outra denominada Irrigação com 12 lotes, além de 36 agrovilas com número variável de lotes em cada.

O parcelamento dos lotes foi projetado tipo “raio de sol”, o que facilitam sistema de cooperação, comunicação, entre as famílias e a implantação de infraestrutura próximo das mesmas tais como: sistema de água, energia elétrica, estradas, posto de saúde, transporte escolar e outros.(SOUZA, 2013).

**Figura 6** - MAPA DO MODELO DE PARCELAMENTO — “RAIO DE SOL”, APLICADO NO ASSENTAMENTO ANTÔNIO CONSELHEIRO.



Fonte: INCRA (1999) *apud* Mata 2008.

Vale ressaltar que hoje o assentamento conta com uma infraestrutura de escolas, postos de saúde, estradas, água potável, entre outras questões pertinentes a permanência de famílias no local. Sabemos que, ainda precária estas assistências básicas, mas que possibilita que o camponês permaneça na terra, fruto de resistência e persistência de pessoas que acreditam que a Reforma Agrária ainda pode ser possível.

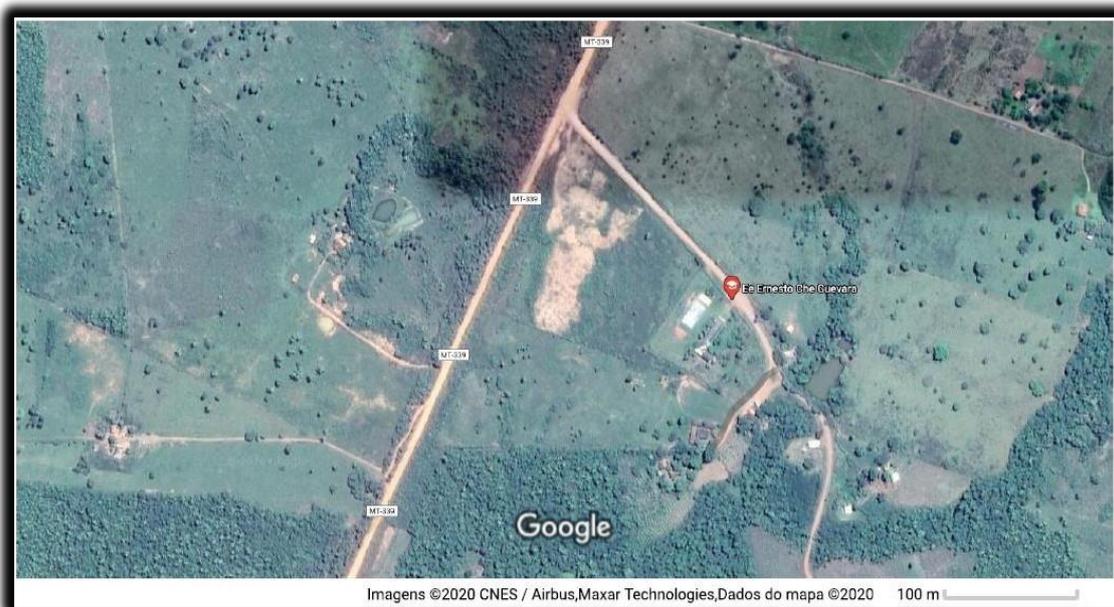
### 3.2 Escola Ernesto Che Guevara

O MST sempre teve a Educação e a Escola do Campo como uma de suas bandeiras de luta. Fruto de luta, e como parte deste processo nasce a Escola Ernesto Che Guevara a história desta escola se confundi com a história de conquista pela terra no Assentamento Antonio Conselheiro, que se construiu a partir de mobilizações e lutas frente à prefeitura do então Município de Tangará da Serra, como forma de resistir e garantir a identidade de camponês frente a esta sociedade tão excludente, permanecer e estudar no seu local era o principal objetivo da direção do MST naquela época.

Localizada na agrovila 01, lote 22 no Assentamento Antonio Conselheiro no Município de Tangara da Serra no Estado de Mato Grosso a Escola Ernesto

Che Guevara, sendo a primeira escola do Assentamento surge no ano de 1996 com o propósito de ensinar a partir da realidade, fazendo com que o contexto sócio histórico, fosse o princípio norteador do projeto político pedagógico (PPP, 2015, não paginado). Pode-se visualizar na figura 7, a localização da escola, ela fica a uns 2 mil metros da MT 339, tendo em vista que ela representa a ligação de Tangará da Serra ao Oeste de Mato Grosso, passando dentro do Assentamento.

**Figura 7-LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA ERNESTO CHE GUEVARA**



**Fonte:** Google Maps Satélite 2020.

As aulas, porém, neste momento, eram realizadas em barracos de palhas cobertos por lona preta, improvisando salas de aulas para atender minimamente as demandas educacionais, a vontade de estudar fez com que aquele povo permanecesse mobilizados e resistindo. Como pode-se observar na figura 8, além de estudar dentro das escolas de palhas, haviam momentos que se reuniam do lado de fora, embaixo de uma árvore, nesta imagem pode-se notar que, no verão o calor predominava e esta era uma opção para amenizar esta situação.

**Figura 8 - FOTO DA ESCOLA DE PALHA.**



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018).

Já no ano de 1998, a prefeitura dando retorno a luta realizada pela comunidade, doa uma escola desativada de madeira e apoiados neste momento pela prefeitura, os assentados constroem no Assentamento, uma estrutura física com melhores condições para dar continuidade ao atendimento a educação dos filhos dos assentamentos. (PPP, 2015, não paginado).

Nesta figura abaixo, pode-se observar, um grupo reunido na escola de madeira, não só na época, como nos dias atuais o MST, também utiliza das escolas para realizar reuniões, formações, eventos, entre outros.

**Figura 9** - FOTO ESCOLA DE MADEIRA.



**Fonte:** Arquivo pessoal da autora (2018).

E dando continuidade as estruturas para atender melhor os/as estudantes que no ano de 2005, inaugura a tão esperada escola de alvenaria, sendo assim, retorna o atendimento aos estudantes no período noturno, dando oportunidade aos assentados retornarem à escola.

Com o ensino noturno, o aumento de matrículas foi expressivo chegando a mais de cinquenta por cento do total já existente. Este mesmo ano, foi um marco importantíssimo para a comunidade em meios a tantos não reconhecimento a Escola Ernesto Che Guevara oficializa este nome perante a Secretaria Municipal de Educação de Tangara da Serra, com um projeto lei proposto por um membro do poder legislativo do município. (PPP, 2015, não paginado).

Em relação ao nome da escola, havia uma dualidade, uma relação cheia de conflitos, ela era chamada pelo poder público por “Tapirapuã”, e pelos assentados de Ernesto Che Guevara.

Neste contexto, inicia-se no ano de 2009, um processo de estadualização desta escola, assim neste mesmo ano através do Decreto Lei 2.124 se cria a Escola Estadual Ernesto Che Guevara.

No ano de 2014, por voto democrático como acontecia a cada biênio é eleita e assume a gestão escolar, Angela Cristina Alves fruto da Licenciatura em Educação do Campo/Linguagens da Faculdade UnB — Planaltina. Permanecendo na gestão, por cinco anos consecutivos.

E na organização destes processos democráticos, somente no ano de 2015 a escola conquista o direito de expedir documentos escolares. Nesta figura10, um momento de evento na escola de alvenaria, fruto de riquíssimos debates, lutas, mobilizações e conquistas de um povo que se organiza para o bem de uma comunidade.

**Figura 10** - FOTO ESCOLA DE ALVENARIA.



**Fonte:** Autora (2018).

Esta escola está em constante transformação, e busca através de encontros de formações continuada se orientar em um currículo que atenda a especificidade de uma Educação do/no campo, em destaque podemos citar a participação educadores/as a participação nos momentos de formação dos encontros de educadores/as da reforma agrária. Fazendo com que fortaleça a educação do campo nesta comunidade.

No ano de 2019, ao final do ano letivo e em culminância com o final do termo de cedência do prédio do município para o estado, e da decisão da gestão municipal em retornar a estrutura para o município, também assim o faz com a educação infantil, anos iniciais e finais do ensino fundamental, oficializando assim o retorno do nome Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara. (PPP, 2021, não paginado).

Neste contexto no ano de 2020, o estado de Mato Grosso passa por um processo de um tal “redimensionamento estrutural” da educação, tendo até fechamento de escolas. Dessa forma, a Escola Estadual Ernesto Che Guevara foi extinta do estado. Assim, hoje temos o Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara. Já o ensino médio é de responsabilidade de uma escola Estadual “Ministro Petronio Portela Nunes”, localizada em um distrito do município de Tangara da Serra. Ficando como extensão, sendo que os alunos são atendidos no mesmo prédio da escola Municipal.

A escola é vista pela comunidade como um eixo principal de expectativa de mudanças e acima de tudo de garantia de um futuro melhor. Os pais têm muitas expectativas em relação à escola de seus filhos e netos. Esperam que esta ofereça uma educação de qualidade, preparando-os para a vida, crescendo com consciência, responsabilidade e que se tornem cidadãos (ãs) de bem, solidários e conhecedores dos seus direitos e deveres, para que possam contribuir na construção de uma sociedade mais justa e humana.

Porém, a comunidade escolar apoia a implantação de projetos que trabalhe com Canteiros Sustentáveis e Práticas agrícolas. A escola procura corresponder e respeitar a estas expectativas e está sempre aberta ao diálogo e a ouvir sugestões da comunidade escolar e profissionais da educação, sobre os pontos positivos e negativos. (PPP, 2021, sem paginação)

Neste trecho retirado do PPP (em construção) do Centro Municipal de Ensino, notamos que a gestão garante esta questão dos princípios da formação humana e justa, e também procura inserir alguns projetos que visa as práticas de interesse dos camponeses. Dessa forma, o diálogo, tende ser uma fator primordial dentro de uma instituição de ensino, deva valorizar os percursos que foram realizados no período que era uma escola estadual.

A filosofia do MST, também sempre foi esta de valorizar a participação da comunidade, respeitando também os projetos que venha contribuir com as famílias em seus lotes. A criança deve aprender na escola e levar para sua família, e este processo tem que ser de mão dupla, não se pode repreender a criança com o conhecimento que esta traz consigo para dentro da escola.

Neste ponto de “ouvir sugestões da comunidade” é um processo rico, de uma gestão democrática e participativa, que precisa continuar, para que os estudantes que são atendidos nesta escola, conheçam e internalizam o verdadeiro sentido da realidade camponesa bem como suas contradições.

### 3.3 A transformação da forma escolar: Memória dos avanços na história da Educação do Campo, protagonizado pela Escola Ernesto Che Guevara<sup>1</sup>

#### *Construtores do futuro*

*Eu quero uma escola do campo  
que tenha a ver com a vida,  
com a gente querida e organizada  
e conduzida coletivamente  
Eu quero uma escola do campo que  
não enxergue apenas equações  
que tenha como “chave mestra”  
o trabalho e os mutirões  
Eu quero uma escola do campo,  
que não tenha cercasque não tenha muros,  
onde iremos aprendera sermos construtores do futuro.*

*Eu quero uma escola do campo  
onde o saber não seja limitado  
que a gente possa ver o todo  
e possa compreender os lados*

*Eu quero uma escola do campo  
onde esteja o ciclo da nossa semente  
que seja como a nossa casa  
que não seja como a casa alheia*

Gilvan Santos (Cantares da Educação do Campo. MST, 2006).

---

<sup>1</sup> Para a elaboração deste item, mostro a minha experiência pessoal enquanto educadora/ coordenadora, por este motivo, muitos dos relatos estarão em primeira pessoa.

Enquanto produto da Educação do Campo e parte desta história, quanta alegria poder dedicar este subcapítulo a registrar momentos riquíssimos que entre limites, desafios e oportunidades, conseguimos avançar na transformação da forma escolar. São elementos importantes que trago no decorrer desta caminhada coletiva e desafiadora, mas muito gratificante para contribuir com os processos de formação e história da educação do campo.

Como diz Gilvan Santos, (2016), “Eu quero uma escola do campo que tenha a ver com a vida com a gente, querida e organizada e conduzida coletivamente”, e é dessa forma que, com os sujeitos envolvidos nesta história conduzimos por um período estes processos formativos que iremos registrar e fazer uma reflexão da práxis.

### **3.3.1 Construtores do futuro: O processo de formação dos educadores e educadoras da escola Ernesto Che Guevara**

O processo de formação dos educadores/as da Ernesto Che Guevara se intensifica quando, eu, Angelica Gonçalves de Souza, me insiro a um grupo de 40 licenciados/as, professores/as das escolas do campo das regiões, norte, centro — oeste, sul e sudeste, em um processo de “Especialização *Lato Sensu* em Educação do Campo para o Trabalho Interdisciplinar nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática”, realizando nossa matrícula no curso em outubro de 2014. O curso foi ofertado para sujeitos de áreas de reforma agrária, egressos dos cursos de Licenciatura em Educação do Campo das áreas de Ciências da Natureza e Matemática

A oferta desse curso teve o envolvimento de várias universidades públicas federais, principalmente a Universidade de Brasília (UnB), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), tendo sido fomentado pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) por meio do Programa Nacional de Reforma Agrária (PRONERA); pelo Ministério de Educação por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI).

Todo este detalhamento da especialização é para dizer a abrangência do envolvimento das Universidades Federais que mais tarde seriam as parceiras no processo de formação da escola Ernesto Che Guevara.

Já entre 08 a 15 de dezembro de 2014, foi iniciada a primeira etapa da especialização, e com ela a proposta de como seria este processo de formação. Organizada a partir de tema gerador, numa perspectiva freireana, o plano de aula seria construído a partir de coletas de falas da comunidade, sendo assim, já iniciava um entendimento que esta seria uma formação que de fato não seria “posto de cima para baixo” e sim construído pelos e com os sujeitos das comunidades. Havia uma importância no exercício da coleta das falas significativas e da articulação com as escolas e educadores locais.

Ressalto ainda que, todos/as os/as acadêmicos/as, nas etapas de Tempo Universidade, eram acompanhados e orientados por professores/as das Universidades envolvidas que também os/as orientavam no Tempo Comunidade. Já, nós acadêmicos/as do estado de Mato Grosso, não tínhamos parceria com Universidade, desta forma, Angela Cristina Alves diretora da Escola Ernesto Che Guevara, foi convidada a iniciar um processo de tutoria, ela seria a ligação entre os estudantes de Mato Grosso/Universidade.

E no período de 28 de fevereiro a 09 de março de 2015, no segundo tempo Universidade, Angela enquanto tutora, foi convidada a participar da etapa. E após esta semana de aula, percebe-se que a proposta curricular apresentada e que seria desenvolvida durante a especialização nas escolas inserção dos/as acadêmicos/as, era a que sempre pensávamos para nossa escola. Dessa forma, retornamos para Mato Grosso com a responsabilidade de socializar com os demais educadores sobre a proposta de uma reorientação curricular na perspectiva freireana, e ver se estavam dispostos a aceitar este novo desafio. Sendo que, seríamos assessorados pelos professores/as das Universidades que estavam envolvidas do projeto da especialização.

### **3.3.2 A Semana Pedagógica**

Um momento em que os profissionais da unidade escolar, com orientação da equipe gestora, se reúnem na primeira semana do ano letivo, a planejar as ações e projetos que serão desenvolvidos durante o ano, este momento de formação envolve todos os segmentos da unidade escolar. E na Escola Estadual Ernesto Che Guevara a Semana Pedagógica do ano letivo de 2015 aconteceu no mês de março, esta organização é necessária porque, além de pensar nas ações que iremos realizar durante o ano letivo, nos dedicamos ao planejamento dos conteúdos, fazemos a leitura e adequações do Projeto Político Pedagógico, também organizamos as atividades de acolhimento e receptividade aos estudantes.

**Figura 11** – FOTO DA MÍSTICA DE ABERTURA DA SEMANA PEDAGÓGICA.



**Fonte:** Autora (2015).

Nesta imagem, pode-se observar um educador e uma educadora da Escola Ernesto Che Guevara lendo uma poesia, este foi o momento de abertura das atividades da semana pedagógica de 2015, que aconteceu logo em seguida do nosso retorno do Tempo Universidade da Faculdade UnB Planaltina. Apresentamos a proposta da reorientação curricular da escola Ernesto Che Guevara, e os educadores e educadoras aceitaram e entenderam que este era nosso objetivo, um currículo que atendesse a nossa demanda e nossa especificidade de escola de Educação Campo.

**Figura 12** – FOTO DOS ELEMENTOS DA MÍSTICA DE ABERTURA SEMANA PEDAGÓGICA 2015.



**Fonte:** Autora (2015).

Nesta imagem, que já fala por si, podemos observar vários elementos que compõem a ornamentação da mística: bandeiras, banners, flores e livros, ressaltamos que cada educador ao final do dia recebeu um livro como incentivo a caminhar no processo de reorientação curricular, o livro se tratava da biografia de Paulo Freire.

A partir deste momento, iniciou-se as discussões com as Universidades Federais e parceiros locais para realização de um seminário, para articular e fomentar estes momentos de formações, para a implantação de um novo currículo, baseado nas concepções do Movimento da Educação do Campo, em articulação com o pensamento de Paulo Freire.

### **3.3.3 Seminário práticas pedagógicas contra –hegemônicas na formação de educadores de escolas do campo**

Então, foi realizada uma grande mobilização com parceiros para que o seminário acontecesse da melhor forma, sendo que, o mesmo aconteceu nos dias 28, 29 e 30 de maio de 2015, na Escola Estadual “Ernesto Che Guevara”, localizada no Assentamento Antônio Conselheiro, no município de Tangará da Serra/MT.

Promovido pelo *Centro Transdisciplinar de Educação do Campo*(CETEC), a partir do Observatório da Educação do Campo/CAPES e da Especialização *Lato Sensu* em Educação do Campo para o Trabalho Interdisciplinar nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática, realizada com o apoio do PRONERAe da SECADI/MEC, o Seminário foi protagonizado pelo coletivo de educadores da Escola Estadual Ernesto Che Guevara.

O objetivo do Seminário foi aprofundar a reflexão teórica sobre o pensamento de Paulo Freire, a partir de temas geradores e elaborar o currículo para as escolas estaduais de educação básica do campo “Ernesto Che Guevara” e “Paulo Freire” do referido Assentamento.

**Figura 13** – FOTO DA MESA DE ABERTURA DO 1º SEMINÁRIO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTRA-HEGEMÔNICAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE ESCOLAS DO CAMPO.



**Fonte:** Autora (2015).

Esta é uma imagem da mesa de abertura do seminário representada pela, Diretora do Centro de Formação e Atualização Profissional (*Cefapro*), Assessora Pedagógica (Seduc), Secretária Municipal de Educação (Semec), Representante das Universidades Federais parceiras, Gestora da escola anfitriã, Diretor da Faculdade UnB Planaltina, representante da Universidade Estadual de Mato Grosso ( UNEMAT) e representante do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra ( MST) houve o destaque para a necessidade de dar atenção a função social para as escolas do campo.

Descrevi esta imagem da composição da mesa de abertura, para demonstrar a dimensão de parceiros envolvidos neste momento tão importante que é a discussão de formação dos educadores das Escolas do Campo.

O Seminário contou com a participação de profissionais da educação de 07 escolas do Campo:

1. Escola Estadual Paulo Freire
2. Escola Estadual Ministro Petrônio Portella Nunes
3. Escola Estadual Aparecido Paro
4. Escola Estadual Ernesto Che Guevara
5. Escola Estadual Marechal Candido Rondon
6. Escola Estadual Reinaldo Dutra Vilarinho
7. Escola Estadual do Campo Benedita Augusta Lemes.

Além de todos os/as professores/as das escolas do Campo convidados, contamos com vários professores/as das Universidades parceiras.

Vale ressaltar que estavam presentes 7(sete) professores do Curso de Especialização em Ciências na Natureza e Matemática, que acompanharam o curso que envolve as 4 (quatro) Universidades — Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESPA), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade de Minas Gerais (UFMG). Além dos Professores Dr<sup>a</sup>. Marta Pernambuco (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e Prof. Dr. Demétrio Delizoicov, UFSC, bem como o Diretor da Faculdade UnB Planaltina, Prof. Dr. Luis Antônio Pasquetti. (Memória do Seminário, 2015.)

**Figura 14** - FOTO DA MÍSTICA DE ABERTURA DO 1º SEMINÁRIO PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTRA -HEGEMÔNICAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE ESCOLAS DO CAMPO.



**Fonte:** Autora (2015).

Iniciou o seminário com uma mística que retratou a história da luta e da conquista da terra no Assentamento Antonio Conselheiro, teve participação dos profissionais da educação, estudantes e professores/as convidados/as, foi um momento muito importante para o evento.

Logo após a mística e a mesa de abertura, Cláudio José Alves, professor da Escola Ernesto Che Guevara, fez uma exposição sobre a atual conjuntura do Assentamento, destacando os avanços e desafios enfrentados pelos/as camponeses/as que ainda resistem na e da terra.

A Formação com todos os professores das escolas envolvidas se deu em dois dias com os professores Marta, Demétrio e Elizandro Brick fazendo a exposição e o debate com todos os educadores que estavam presente. As orientações foram feitas no sentido teórico prático do que vem a ser a implantação de um novo currículo fundamentado nas concepções da Educação do Campo, e no pensamento freiriano. Neste primeiro dia de trabalho, foram socializados com os educadores presentes as estratégias de atuação propostas por pela EdoC para e pelo pensamento freiriano para promover, junto com a comunidade escolar e a comunidade de seu entorno, a sensibilização; problematização; a pesquisa qualitativa; a seleção dos temas que traduzem as maiores contradições presentes na comunidade; a identificação de situações limite, (problemas, conflitos e contradições) passíveis de superação a partir da organização e lutas coletivas; a seleção interdisciplinar de conteúdos que possam contribuir para ampliar a compreensão destes problemas; a articulação entre os docentes para sua oferta; e a articulação das práticas e avaliação das mesmas, a partir do trabalho de um coletivo de educadores do campo. (Memória do seminário 2015.)

**Figura 15** - FOTO DE UM DOS MOMENTOS DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA COM EDUCADORES/AS DA ERNESTO CHE GUEVARA.



**Fonte:** Autora (2015).

O último dia do Seminário foi direcionado somente aos educadores/as da Ernesto Che Guevara, pois o coletivo de professores/as optou por construir um novo currículo da Escola baseado no pensamento Freiriano, com assessoria das Universidades parceiras, sendo os/as professores/as da especialização. Finalizamos o seminário com a sensação de dever cumprido e com um cronograma de planejamento para que o currículo fosse implantado já no início do ano letivo de 2016.

**Quadro 13** - CRONOGRAMA DOS PASSOS PARA O PLANEJAMENTO.

- Definir espaço e horários para trabalho coletivo da equipe da escola (Raimunda vai elaborar proposta).
  - Reunião terça-feira (02/06) para dividir trabalho e planejar detalhes.
    - Quem realizará cada tarefa?
    - Quais os prazos?
    - Quem se responsabilizará e coordenará o processo?

Definir cronograma de estudo de material relacionado ao método de pesquisa (quantitativa e qualitativa).

- Levantamento de dados secundários (quantitativos):
  - Fazer mapa da área – territorializar investigação.
  - Visitar ou acessar outras instituições e organizações para coleta de informações.
    - Bibliotecas públicas e universidades.
    - Associações da região.
    - Sites do Ministério do Desenvolvimento Social, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, do IPEA (consultar mapa desenvolvido digitalmente) e do IBGE/PNAD.
    - Pesquisa socioeconômica feita para instalação do IF.
    - Dados do programa de saúde da família.
- (Até 02/07) primeiras visitas e entrevistas na comunidade (cerca de 40 entrevistas, 5 famílias de cada agrovila) – levantamento e registro de falas significativas (Enviar para Angélica).
  - Alunos e pais envolvidos.
  - Formadores de opinião (quando forem figuras expressivas na comunidade):
    - Líderes comunitários;
    - Movimentos sociais;
    - Associações e cooperativas representativas na reunião;
    - Agentes de saúde;
    - Igreja;
  - Critérios:
    - Todas as agrovilas;
    - Diversidade de gerações;
    - Tanto quem trabalha no assentamento quanto quem trabalha fora.
- (02/07 primeira versão) – Confecção de dossiê. Eixos:
  - Educação;
  - Comunicação;
  - Transporte;
  - (Incorporar sugestão metodológica da Gláucia)
- Análise dos dados coletados:
  - (final de agosto) Definição de temas e discussão de contra-temas.
- (final de setembro) Círculos de investigação temática (retorno à comunidade).
- (até novembro) Discutir temas/conteúdos pertinentes para cada anos/séries.
- (até novembro) Discutir organização de temas/conteúdos dentro decada ano/série.

- (semana de planejamento em fev de 2016) Planejar primeiras semanas de aula.

**Fonte:** Memória (2015).

Vimos que os passos eram longos, mas que não seria impossível para um coletivo de educadores/as que grande parte vinham de formação junto ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, eram militantes que resistiam e estavam dispostos a reorganizar seus planos de ensino para além do livro didático.

**Figura 16** - FOTO DE ENCERRAMENTO DA FORMAÇÃO.



**Fonte:** Autora (2015).

Nesta imagem, encontram-se os/as professores/as da especialização e os educadores/as da Escola Ernesto Che Guevara. Encerramos o evento com muita responsabilidade, pois, sabemos que o novo e o diferente não é fácil, mas é compensador.

Diante de todas estas ações em promover as formações para contribuir no processo de formação, os educadores da escola foram convidados a participar da terceira etapa do Tempo Universidade, na Faculdade UnB Planaltina, junto aos demais estudantes da especialização. Com data já agendada para os dias 11 ao dia 19 de julho deste mesmo ano.

Além deste passo, vale também destacar que se constituiu, como resultado do evento um Coletivo de Escolas do Campo do território, que terá como funções, promover a continuidade da formação dos educadores da Escolas do Campo do Território, bem como buscar e articular outros cursos de Especialização, no qual todos os docentes possam se inserir, além de fazer lutas conjuntas para as várias demandas das Escolas do Campo da região. (Memória, 2015).

Sáimos com a responsabilidade de fazer um “movimento” para que estes educadores/as de fato pudessem se deslocar até Brasília-DF e fazer o diagnóstico das famílias dos/as estudantes da escola, para levar na etapa, bem como entrevistas realizadas a campo pelos/as educadores/as da Escola Estadual “Ernesto Che Guevara” durante o mês de junho de 2015, a metodologia foi um questionário prévio de questões para nortear as entrevistas, os/as educadores/as foram em duplas e trios para realizar este trabalho, ao final cada grupo sistematizou estas informações à sua maneira.

O diagnóstico da realidade local do Assentamento Antônio Conselheiro foi realizado e contou com uma abrangência de 09 agrovilas e uma comunidade, sendo uma amostra de 36 famílias entrevistadas, com um total de aproximadamente 128 pessoas.

### **3.3.5 Formação: participação na etapa da especialização**

Fizemos várias articulações com parceiros locais e conseguimos passagens aéreas para que 10 educadores/as pudessem participar da terceira etapa do Tempo Escola (TE3) da especialização em “Educação do Campo para o Trabalho Interdisciplinar nas áreas de Ciências da Natureza e Matemática” que aconteceu entre os dias 11 a 19 de julho ainda no ano de 2015 em Brasília, na Faculdade UnB Planaltina.

**Figura 17** – FOTO DOS MOMENTOS DE MÍSTICA NA ESPECIALIZAÇÃO.



**Fonte:** Autora (2015).

Nesta imagem, acontece um momento de mística de abertura das aulas, e já pode-se observar que os educadores/as da Escola Ernesto Che Guevara estão participando, como participaram de todos os outros momentos. Também se inseriram aos grupos de organicidade da turma para contribuir na organização das atividades que foram desenvolvidas durante a semana presente na Universidade.

**Figura 18** - FOTO DOS MOMENTOS DE SOCIALIZAÇÃO DE TRABALHOS NA ESPECIALIZAÇÃO.



**Fonte:** Autora (2015).

Como já mencionado, os/as educadores/as se envolveram nas atividades da turma da especialização, nesta imagem, pode-se ver uma educadora da Ernesto Che Guevara realizando apresentação de trabalhos feitos em grupos.

Uma semana de muita troca de experiências e, para mim, acadêmica da especialização e educadora da escola Ernesto Che Guevara, foi muito gratificante poder estar de fato dando continuidade a um processo de formação que fortalecesse o processo de discussão da Educação do Campo e que, pudéssemos de fato protagonizar uma mudança social na vida dos camponeses do Assentamento. Uma oportunidade real de implantação de um currículo que abordasse as problemáticas e as dificuldades dos/as nossos/as estudantes, onde estes/as, de fato pudessem ver um sentido do “que” e para “que” estudar os conteúdos propostos.

Ainda na Universidade se deu início a elaboração do plano de ensino de forma coletiva, e que sua conclusão se realizou no retorno a comunidade. Dessa forma, foram vários debates em relação a construção das problematizações, pois, de fato estamos organizando um plano de ensino para nossa comunidade.

No retorno para a comunidade, havia a tarefa de implementar essa prévia de planejamento geral com uma turma de estudantes, que seria a conclusão de um trabalho teórico — prático desenvolvido ao longo do Curso de Especialização. Já no primeiro da na escola, tivemos o momento em que nos reunimos com todos os educadores e socializamos os aprendizados com os que não tiveram a oportunidade de participar do Tempo Escola na Especialização: do processo de coleta de fala significativa à elaboração de planos de ensino. Fizemos essa discussão na escola dividida em partes: sobre a coleta das falas significativas; sobre a identificação do tem gerador, o contratema; sobre a formulação da problematização, etc. Com essa finalidade, fizemos vários encontros até o início do ano letivo de 2016, deixando para a semana pedagógica no início de 2016 a seleção de conhecimentos específicos das disciplinas a serem trabalhadas em vários níveis de ensino. Desse modo, o planejamento — piloto desenvolvido foi trabalhado em sala ainda no quarto bimestre de 2015. (SOUZA; BRICK, 2017, p. 48).

O trecho nos traz a compreensão que neste retorno para a comunidade, os/as educadores/as com mais entusiasmos já se organizavam para que no ano seguinte de fato a escola trabalhasse com um novo currículo, na perspectiva freireana.

Dessa forma para Souza e Brick (2017), a fala significativa/Tema gerador, selecionada e que foi trabalhado com os/as estudantes de uma turma do 1º ano do ensino médio, foi “O problema de nosso Assentamento é que está se perdendo a cultura do camponês de plantar, a maioria dos estudantes não vê perspectiva no Assentamento, só querem ir para cidade”. Foi um tema expressivo que orientou todo o plano de ensino.

Ressalto ainda que, este plano de aula foi desenvolvido por mim e duas educadoras, contou com planejamento de uma carga horária de 60 horas/aulas distribuídas nas disciplinas de: Biologia, Física, Química e Matemática. Mas que, por vários motivos não conseguimos de fato realizar com esta carga horária. De certa forma, a escola também tem outras atividades a serem desenvolvidas. Sobretudo, tivemos um resultado positivo em relação ao ensino/aprendizado dos/as estudantes envolvidos na prática de ensino.

**Figura 19** – FOTOS MOMENTOS DE SOCIALIZAÇÃO DE TRABALHOS.



**Fonte:** Autora (2015).

Os/as estudantes ao final do desenvolvimento do plano de ensino, realizaram uma feira na escola, onde comercializaram produtos da produção de seus lotes. De certa forma, ficou marcado para os/as estudantes e profissionais da Educação da escola, que há uma possibilidade de realizar o trabalho pedagógico a partir dos temas geradores na perspectiva freireana.

### **3.3.6 Práticas pedagógicas interdisciplinares**

A partir deste processo de formação, no ano letivo de 2016, o coletivo de educadores da escola desenvolveu vários projetos. Diante da proposta de trabalhar as práticas de forma interdisciplinares.

#### **1. Horta agroecológica da educação do campo no campo**

- Incentivar os educandos sobre a importância da produção agroecológica e saberes culturais;
- Implementar a horta orgânica na escola visando a produção de alimentos saudáveis;

#### **2. Sacola de leitura**

- Estimular a leitura nos educandos que apresentam dificuldade de aprendizagem, através de uma ferramenta que seja capaz de introduzir o hábito de ler no cotidiano e ao mesmo tempo em que proporcione uma participação dos pais e mães na vida escolar de seus filhos/as;

#### **3. Valores na educação do campo**

- Trabalhar a interdisciplinaridade na perspectiva de elevar ao trabalho pedagógico mais expressividade e conhecimentos vivenciados pelos educandos/as;

#### **4. Valorizando a cultura campesina**

- Resgatar a cultura campesina no Assentamento Antônio Conselheiro e região;
- Valorizar e demonstrar atitudes de respeito ao trabalho e ao homem do campo;

## **5. Educação do campo e a realidade campesina na arte cênica**

- Valorizar a igualdade de classe e etnia, fortalecendo a juventude camponesa, sua identidade e conscientizar sobre a importância de uma educação do campo no campo.

## **6. Plantio e manejo de plantas medicinais no ambiente escolar**

- Acessar os nomes científicos das plantas medicinais para que se possa proceder com orientações sobre o uso correto dessas ervas para a população com vistas à prevenção de intoxicações, assim como a divulgação da forma adequada de sua utilização, o aprendizado sobre as plantas medicinais, valores culturais e a utilização dessas plantas em seu próprio cotidiano;

Estas foram algumas das práticas educativas que foram desenvolvidas na escola Ernesto Che Guevara, a partir dos planos interdisciplinares, na perspectiva freireana. A participação, a disponibilidade dos educadores e estudantes fez com que, de fato, a prática acontecesse após os conteúdos serem ministrados em sala de aula.

### **3.3.7 Socialização das Práticas Educativas da Escola Estadual Ernesto Che Guevara**

Na continuidade das dinâmicas das formações e as trocas de experiências que a escola Ernesto Che Guevara vinha protagonizando, fomos convidadas a participar e contribuir no debate sobre a **Transformação da forma escolar** na perspectiva da **interdisciplinaridade, promovido pela** Faculdade UnB Planaltina – FUP, nos 01 a 05 de novembro de 2016.

Para esta tarefa, Angela e Eu, representando a escola, fomos até Brasília, no Seminário de Práticas Contra Hegemônicas: “Desafios para Transformação da Forma Escolar atual”. Como em outros eventos, este não foi diferente, momentos importantíssimos com os professores Luiz Carlos de Freitas e Mônica Molina, só enriqueceu mais ainda nosso debate e nossa compreensão sobre os Fundamentos da Transformação da Forma Escolar.

Nessa oportunidade, realizamos a apresentação das práticas interdisciplinares que vinham acontecendo na Escola, sendo que, outros/as educadores/as de outras localidades também socializaram suas experiências, que, nos fortaleceu ainda mais, para seguirmos acreditando que seria possível sim, mesmo com todos os desafios, potencializar as práticas educativas interdisciplinares.

### **3.3.7 Auto-organização dos/das estudantes: Os encontros da juventude camponesa**

Os Encontros da Juventude Camponesa de Tangará da Serra, foi realizado na Escola Estadual Ernesto Che Guevara nos anos de 2018 e 2019. O objetivo principal dos encontros de acordo com o projeto, foi promover, com a juventude camponesa, o debate e reafirmação da identidade como jovens do campo e sujeitos sociais, fortalecendo e incentivando a vivência coletiva, a auto-organização dos jovens camponeses e o seu protagonismo na opção pela luta e resistência em seus territórios. Um espaço importante de troca de experiência dos jovens alunos das escolas do campo da região de Tangará da Serra, visando dialogar e debater a ação dos mesmos e a organização coletiva deles em suas comunidades.

Para melhor conduzir a proposta das atividades definimos por um público, Juventude a partir de 14 anos de idade (matriculados na educação básica das escolas estaduais do campo), contemplando estudantes das escolas estaduais do campo: Reinaldo Dutra Vilarinho, Marechal Cândido Rondon, Paulo Freire, Cláudio Aparecido Paro, Ministro Petrônio Portela, Patriarca da Independência, Antônio Hortollani e Ernesto Che Guevara. Seguindo a dinâmica que, cada escola poderia inscrever 30 jovens, foram orientados também, a encaminhar 03 educadores para acompanhar os estudantes durante o evento.

Nos dois encontros os/as estudantes da escola anfitriã, organizaram uma equipe para preparar o evento, além das escolhas das temáticas a serem compartilhadas, os grupos de organicidade também foram muito importantes no planejamento do encontro.

### **3.3.8 I Encontro de formação da Juventude camponesa de Tangará da Serra**

O primeiro encontro aconteceu nos dias 12, 13 e 14 de novembro de 2018, tendo como tema :*Organicidade, trabalho e cultura: a juventude e a vida no campo*. Neste ano, eu estava como coordenadora pedagógica da escola, desta forma orientamos os/as estudantes, mas os deixamos protagonizar aquele momento de vivências, planejamento, atividades de divulgação do evento etc.

**Figura – 20 FOTOS DE VISITAS AS 07 ESCOLAS DO CAMPO**



E.E. Reinaldo Dutra Vilarinho



E.E. Marechal Cândido Rondon



E.E. Paulo Freire



E.E. Jucileide Praxedes



E.E. Ministro Petrônio Portela



E.E. Antonio Hortollani



E.E. Patriarca da Independência

**Fonte:** Autora (2018).

Esta visita as escola aconteceu no dia 18 de outubro de 2018, um momento de muito aprendizado, ver nossa estudante a frente das atividades, realizando o convite as escolas, nos deixou muito contentes e com uma certeza que algo de bom estávamos fazendo para estes/as estudantes.

O evento foi um sucesso, os/as estudantes se desempenharam nas atividades que foram propostas. Além, de Místicas, palestras e noites culturais, as tardes foram marcadas por várias oficinas: Teatro; Fotografia; Mídias digitais alternativas; Música; Dança; Capoeira; Prática circular para a exploração da identidade; Reaproveitamento de alimentos; Técnicas agroecológicas.

Como em outros momentos de formação, contamos com parcerias para que o evento se tornasse realidade, sendo: Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) de três universidades (Universidade de Brasília, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal do Mato Grosso), do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e do CEFAPRO (Centro de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores).

**Figura 21** - FOTO MESA DE ABERTURA I ENCONTRO DE FORMAÇÃO DA JUVENTUDE CAMPONESA DE TANGARÁ DA SERRA.



**Fonte:** Autora (2018).

Os/as participantes se organizaram em barracas e em salas de aulas que possibilitou a participação em todos os momentos sem precisar retornar todos os dias para suas comunidades. Como parte da proposta de organicidades, os participantes foram divididos nos GT (Grupo de trabalho) e contribuíram com todo o processo, uma aprendizagem riquíssima de um amplo protagonismo, e entender o trabalho como princípio educativo.

**Figura 22 - FOTOS DO I ENCONTRO DA JUVENTUDE CAMPONESA**



**Fonte:** Autora (2018).

Ao final do encontro, realizei uma entrevista semiestruturada com dois dos estudantes (1 sexo masculino R.M e outa do sexo feminino S.C.F.A) que protagonizaram o momento de formação, sendo assim, compartilho nesta oportunidade, um pouco das percepções que ficaram do encontro.

**Quadro 14 – SOBRE O DESAFIO DE SER PROTAGONISTA.**

Entrevistado/a	Questão 1- Qual o principal desafio em ser protagonista do 1º Encontro da Juventude Camponesa de Tangara daSerra?
R.M.	O principal desafio foi conciliar o fato de estarmos a frente da organização enquanto jovens participar das oficinas e auxiliar os outros estudantes que estavam participando como a gente.
S.C.F.A	eu vi que o principal desafio foi ficar à frente de um evento que na prática é totalmente diferente da teoria, ter participado de todo processo desde o início quando a coordenação nos trouxe a proposta foi como um baque, fiquei pensando, meu Deus será que isso vai funcionar? será que nossa juventude está preparada para oferecer um evento tão importante quanto esse, como nós tínhamos que fazer alguma coisa bonita que os jovens se interessassem e sentissem o desejo de voltar a participar, se envolver nas discussões que afinal é sobre o campo, sobre nossa realidade que, muitas vezes não damos o devido valor então a nossa tarefa de levar conscientização e informação devia ser bem feita [...] a missão que nos foi dada foi concluída com sucesso, eu acredito que as pessoas tenham gostado porque depois do encontro [...] pessoal das outras escola [...] já perguntaram se o evento vai acontecer de novo então eu acho que é sensação de dever cumprido foi de todos os alunos que ficaram envolvidos, mas não só os alunos como a coordenação também as pessoas que participaram eu acho que foi muito interessante [...]"

Neste momento, percebe-se que os/as estudantes de fato internalizaram a missão que foi dada, contribuir na organização de um evento tão importante para a juventude que, contou com a participação de escolas do campo da região, estes protagonizaram

juntamente com outros/as estudantes, sendo dois representantes de cada sala do ensino médio. Observou-se a importância do envolvimento nas práticas pedagógicas desenvolvidas pela escola, que contribuiu de fato para que estes alunos se tornem protagonistas de um evento feito por e para eles.

**Quadro 15 – SOBRE APRENDIZAGEM/CONHECIMENTO.**

<b>Entrevistado/a</b>	<b>Questão 2- Qual foi sua aprendizagem/conhecimento ao participar do encontro da Juventude camponesa?</b>
R.M.	Expandi minha linha de conhecimento com relação a várias temáticas desde diversidade até direitos e legislação.
S.C.F.A	Depois do encontro da Juventude eu vi que o planejamento e organização deve fazer parte da nossa vida, levando em consideração a organização do evento [...] em relação as temáticas discutidas no encontro eu acredito que comecei adar mais valor no lugar onde eu vivo que é o campo, que pormais que seja difícil nós não precisamos sair daqui para ter uma oportunidade no trabalho, porque todas as ferramentasque precisamos está ali mesmo, a terra é o nosso trabalho, e a criatividade também pode ser fonte de renda que vai muito além do que a gente precisa para sobreviver.

Assim, os/as educandos/as de fato internalizaram e trouxeram para o planejamento de suas vidas as temáticas discutidas no evento. Fez com que, o jovem perceba a importância de se planejar para ter uma boa organização pessoal, a partir de contribuir na coordenação de um evento, entendem também, que o Assentamento tem oportunidades e ferramentas que contribuem para a permanência no campo. Desta forma, vejamos que as escolas do campo têm o papel importantíssimo na vida dos estudantes camponeses em proporcionar formações pedagógicas que incentive, contribua e que dê motivos para que o/as estudantes percebam motivos para permanecer e sobreviver na terra.

**Quadro 16 – SOBRE A IMPORTÂNCIA DO II ENCONTRO.**

<b>Entrevistado/a</b>	<b>Questão 3 – Você a importante acontecer o II Encontro da juventude Camponesa e algumas temáticas deveriam ser abordar neste contexto atual?</b>
R.M.	O encontro abriu de forma abrangente nossa visão de mundo indivíduo e sociedade e, nos trouxe uma visão melhor sobre

	<p>nosso papel na sociedade, acho que algo bem interessante a ser debatido em um novo encontro seria debate sobre intolerância religiosa, uma vez que o Brasil é um estado Laico, diversidade e orientação sexual que é um tema muito polêmico, e seria muito bom mostrar para os jovens como funciona a nossa legislação e direitos vigentes na constituição cidadã”.</p>
<p>S.C.F.A</p>	<p>“[...] segunda edição do encontro da Juventude é muito importante, conexão entre os jovens de comunidades diferentes e, porém com a mesma realidade discutindo melhoras, mudanças e sonhos uns com os outros eu acredito que seria de grande valor, temáticas sobre o direito à Terra, a educação ,ampliação de projetos sociais voltados para o campo [...] a quebra do sistema patriarcal e machista, a luta contra homofobia e conversar com os jovens sobre como lidar com o preconceito que, nós que somos Camponeses sofremos que viemos do campo [...].”</p>

Diante desta questão, naquele momento, ficou evidenciado a importância de realizar encontros de formações com a juventude camponesa que trazem presentes as discussões de interesse desta categoria, com este encaminhamentos, podemos reconhecer que a organização e debates com a juventude camponesa é de extrema importância para fortalecer a identidade do jovem do campo e na luta pela transformação social.

Angela, a diretora da Unidade escolar no ano de 2021, em uma entrevista, reafirma a grandeza e representatividade deste encontro, são momentos, de dizer que a educação de fato, feita por todos/as tem um potencial surpreendente.

Na organização do encontro da juventude da Escola, a gente propôs que os estudantes coordenassem os momentos, não só durante o evento, mas os que antecedem. Eles já estão organizados nos grupos e precisam ver o que cada coisa pesa, ou seja, se ele está na infraestrutura, ele tem que pensar as coisas que vai ter que correr atrás. Eles têm que ter essa responsabilidade. Se estão no grupo da divulgação, por exemplo, têm que saber como irão divulgar o evento. A ideia é que sejam protagonistas, e é para isso que a gente quer contribuir. Não tem educador sem educando.

. Essa é uma via de mão dupla. A gente tem que valorizar para ser valorizado. Isso foi algo que nos ajudou a fazer o encontro da Juventude Camponesa. Foi toda essa concepção que eles tinham daquele momento de Educação. Não foi somente os professores, mas todo o coletivo da escola, dos profissionais da limpeza, da cozinha, os técnicos que passaram a se enxergar, também, como educadores. Quando a gente organizou, pensou junto o encontro da Juventude Camponesa, quando a gente reuniu com nossos alunos e foi conversando com ele da proposta de realizar um encontro da juventude, um dos alunos perguntou: 'professora, mas por que nós vamos fazer isso?' Nós respondemos: vamos fazer isso, primeiro, para mudar um pouquinho nossa vida. Aí ele respondeu: 'então vamos fazer sim, porque mudar a vida é o que nós estamos precisando'. Eu falei: 'então eles também estão querendo mudar a vida deles'. Por isso, a gente tem que ter essa atitude de puxar, ter a sensibilidade de perceber isso. E foi maravilhoso porque eu e Angélica, fazendo as avaliações ficamos muito emocionadas no sentido de que os jovens que ficavam no seu canto, que davam problema na escola e passaram a se destacar muito, nos momentos em que estavam envolvidos no encontro, sendo sujeitos do processo todos. Na hora dos agradecimentos teve um deles que ficou muito emocionado dizendo: 'eu nunca ganhei um livro professora'. Então, são coisas que vão fazendo a gente um pouco mais humana e que faz a gente pensar que estamos no caminho certo. Educação humanizadora é isso, ela tem que fazer você se sentir mais humano. Um processo que indigna, que faz movimentar para além do que está acostumado, te desafia a todo momento e te faz movimentar (Ângela Cristina Alves, Roda de Conversa). (MOLINA; PEREIRA & BRITO, 2021, pg. 37).

### **3.3.9 II Encontro de formação da Juventude camponesa de Tangará da Serra**

Entendendo que estes momentos são riquíssimos, a segunda edição do encontro aconteceu nos dias 12 e 13 Dezembro de 2019, tendo como tema: Identidade, Lazer e Diversidade: a juventude e a vida no campo. Mesmo não estando na gestão da escola naquele ano, eu e Angela fomos convidada pelos/as estudantes a contribuir na organização do evento, novamente retornamos as escolas para realizar o convite, e seguimos nos organizando diante de toda programação para que pudéssemos novamente, protagonizar junto com nossos/as estudantes a segunda edição.

Neste segundo encontro, a programação foi um pouco diferente da primeira, tivemos as tradicionais palestras, análise de conjuntura da educação, além disso contamos com questionário sobre as palestras, após cada uma ser proferida, (os participantes ao chegarem a escola foram divididos em grupos) e Olimpíadas: Circuito de atividades, que somaram pontos ao final do encontro.

Outra questão, muito importante, foi a preparação das místicas, formou-se uma equipe antes do evento, e com a orientação de Wagner Farias Torres (Estudante do PPGET/FAIND/UFGD)<sup>4</sup>, uma semana que antecedia o encontro, eles se organizaram para além da preparação das místicas que iriam ser apresentadas no evento, puderam compreender o significado das místicas nestes momentos de formação.

**Figura 23** - FOTO PREPARAÇÃO PARA AS MÍSTICAS DO II ENCONTRO DA JUVENTUDE CAMPONESA.



**Fonte:** Autora (2019).

Não diferente do primeiro encontro, contamos com parcerias que contribuíram nos vários momentos do encontro, sendo: Secretaria de Estado de Educação (SEDUC),

---

<sup>4</sup> Um mês antes do evento, durante o Tempo Universidade do PPGET, dialogamos com Wagner a possibilidade de contribuir com o II Encontro da Juventude, ele, por ter formação específica em artes cênicas e experiências com místicas, aceitou voluntariamente contribuir na organização das místicas do Encontro.

Secretaria Municipal de Educação (SEMEC), Secretaria de Municipal de Agricultura, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e do CEFAPRO (Centro de Formação e Aperfeiçoamento dos Professores).

**Figura 24 - FOTOS DE ALGUNS MOMENTOS DO II ENCONTRO DA JUVENTUDE CAMPONESA.**



**Fonte:** Autora (2019).

No final do encontro, além de todo aprendizado, trocas de experiências, ficou encaminhado que o III Encontro de Formação da Juventude Camponesa iria acontecer em uma outra unidade escolar do campo, porém, devido a pandemia do Covid 19, que intensificou no mundo já no ano seguinte, não foi possível esta realização.

### 3.3.10 Além da Sala de aula: Movimentação BNCC

Outro momento de formação que nos instigou a movimentar no ano de 2018, foi o processo de *articulação da mobilização de repúdio à BNCC*. Um momento destinado e encaminhado pelo CEFAPRO, era que pudéssemos, nos momentos destinados a formação analisar as questões das competências e as contribuições ao Ensino Médio.

Um dos grandes retrocessos e impostos às unidades escolares, esta obrigatoriedade da efetivação da BNCC. Entendo a gravidade em um momento de formação coordenado por mim, os/as educadores/as não aceitaram fazer esta “contribuição”, pois, sabíamos que as coisas já estavam sendo postas. Desta forma os indaguei a ter uma contra proposta, pois precisávamos resistir e lutar. Sendo assim, demos início da este dialogo rico de conhecimentos e troca de experiências entre os/as educadores/as.

Já em outro momento, junto a Diretora professora Angela, Reunimos novamente para que pudéssemos ouvir dela, também suas contribuições em relação a atividade que estava sendo proposta a ser realizada.

Falei com eles, então: **'se a gente não concorda, nós temos que apresentar outra proposta**, não significa a gente não concordar e também não apresentar proposta. Nós não podemos apenas não concordar e a Escola Che Guevara ficar de braços cruzados. **Nós temos que devolver uma contraproposta de vocês'**. ... **nós não temos que ser coniventes** Então, um professor falou assim: 'eu também vou à reunião para definir as ações de mobilização em relação à BNCC e acredito que todos têm que ir nessa reunião. Estão solicitando um representante, mas toda a Escola Estadual Ernesto Che Guevara repudia a BNCC, então o coletivo da Escola Che Guevara vai participar desse momento'. Então, o grupo se organizou e decidiu que todos iriam participar da referida reunião Ao organizar a carta (repúdio à proposta da BNCC), nós **decidimos que iríamos apresentar para os alunos que estavam na Escola, ou seja, para os alunos do Ensino Médio**. Então, todos foram para o refeitório e fizemos apresentação em forma de *slides* Após as várias discussões, saiu de lá o encaminhamento que, ao longo da semana, seriam desenvolvidas **atividades de debate com os alunos e comunidade** e, ... realizado um **Manifesto na cidade** Então, **os nossos professores também já levaram, como proposta, um dia de manifesto nas ruas**. E aí **estavam presentes professores de outras escolas**, que têm uma discussão boa também, que estavam com essa proposta de Manifesto na rua. **Nós temos que mostrar nossa cara lá** (Ângela Cristina Alves, Roda de Conversa). (MOLINA; PEREIRA & BRITO ,2021, p. 32).

Neste sentido, conseguimos conduzir um diálogo com as demais escolas estaduais de Tangará da Serra que repudiava, também as orientações da BNCC. Destaco aqui, um momento de trabalho coletivo e auto-organização dos/as professores/as e estudantes, diante de tal situação.

**Figura 25 - FOTOS DA PASSEATA CONTRA A REFORMA DA BNCC.**



Fonte: Autora (2018).

Estas fotos trazem forte e presente, a grande movimentação que intensificação na cidade naquele momento, fomos as ruas demonstrar nossa indignação pela situação.

Aqui, neste subcapítulo, compartilhamos parte de momentos de tanta riqueza, de luta, resistência, mobilização, protagonismo, trabalho coletivo, auto-organização, gestão democrática etc. Que fomentou um período, que acreditamos que a transformação na forma escolar é possível, quando se tem um coletivo disposto a se posicionar contra o capitalismo e tudo que vem imposto contra a classe trabalhadora. Princípios pedagógicos da educação do MST, está claramente presente no decorrer destes momentos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a proposta de formação continuada protagonizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no Estado de Mato Grosso, com um recorte especial aos educadores/educadoras do Centro Municipal de Educação Ernesto Che Guevara. A proposta inicial desta dissertação tinha como *locus* a Escola Estadual Ernesto Che Guevara, mas devido ao “redimensionamento estrutural”, realizado pela SEDUC/MT no final do ano de 2019, teve que reorganizar para a Instituição Municipal.

Durante este trabalho, ficou evidenciado a partir das realizações das entrevistas e da pesquisa bibliografia que, os objetivos da Educação do Campo é promover uma educação para transformação da forma escolar, que envolva além do ensino/aprendizado, a cultura, o trabalho, além das lutas coletivas dos movimentos sociais. Vale ressaltar que a Educação do Campo vem passando por um processo de conquistas e retrocessos desde seu histórico inicial.

O processo de Política de Reforma Agrária no Brasil, é algo importantíssimo que deve ser debatido, assim, ao se concretizar, tendo como potencial, diminuir e tirar da miséria milhares de famílias que necessitam de programas de assistência familiar.

Sabe-se que as famílias de camponeses organizadas, podem sim, conquistar o seu território, seu espaço de moradia, produção de alimentos, em que possam proporcionar a educação formal de seus filhos. No entanto, este processo não é fácil, só é possível com lutas coletivas, mobilizações e resistência protagonizado e articulado pelos Movimentos Sociais, em especial ao MST.

Ao realizar o levantamento das temáticas realizadas nos encontros de educadores/as da reforma agrária, fica evidenciado a preocupação da organização em discutir temas atuais que acompanha o Movimento da Educação do Campo e que é pertinente para fortalecer a prática docente nas comunidades camponesas. Vale ressaltar, que optou-se por deixar as falas dos sujeitos e sujeitas (realizada entrevista) educadores/as e organizadores/as dos encontros de formação na íntegra, com o objetivo de apresentar o conjunto de material empírico como parte das fontes pesquisadas e que poderão também servir a outras pesquisas futuras.

Neste sentido, ao transcrever e analisar as falas dos envolvidos, é compreensível que os momentos de formações são importantes e pertinentes para que os educadores/as que participam, possam agregar a sua prática educacional com o objetivo de contribuir com os estudantes que estão ligados diretamente as comunidades. É explícito que estes momentos devam ser prioridades para o MST, para que de fato os estudantes recebam dos seus educadores/as uma boa formação escolar que não siga um mero “passar pela escola”, mas sim que adquiram uma educação de qualidade, com as especificidades dos sujeitos do campo.

Outro aspecto relevante é a transformação da forma escolar, que pode-se destacar que, a partir de todo este processo de formação que vem sendo oferecida aos profissionais de Educação das Escolas do Campo, sendo, nominado como *Encontros de educadores da Reforma agrária* e, organizado pelo MST, e um acompanhamento voluntário de Universidades Federais parceiras que se dedicaram por um período ao processo de acompanhamento de reorientação curricular da então, Escola Estadual Ernesto Che Guevara.

Nota-se a importância dos processos formativos únicos que o coletivo de profissionais da educação da referida escola, protagonizaram no Assentamento Antonio Conselheiro, e que foi fundamental e possível através de uma gestão democrática e participativa, fortaleceu a práxis no dia a dia na vida dos sujeitos e sujeitas daquela comunidade.

Ressalta-se que para a escola, houve limites e desafios de continuar promovendo esta transformação da forma escolar. Sendo que, já no final do ano de 2019, com o retorno da escola para responsabilidade do Município e com a chegada da pandemia do Covid 19 que se intensifica no momento, e que ainda continua desestruturando várias famílias, há uma fragilidade e um impacto nos processos formativos que vinham sendo materializados na Escola do Campo, este processo é interrompido.

Diante do exposto, ficou evidente após a realização desta pesquisa que, uma escola de educação do campo que tenha os princípios fundamentais para que se propõe a realizar um trabalho de valorização da vida do sujeito, faz se necessário fortalecer uma educação do *Do/No* Campo. Uma educação pensada e protagonizada pelos povos que ali residem, e além do mais, com contribuições e perspectivas de uma formação humana.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M; FERNANDES, B. *A Educação Básica e o Movimento Social do Campo – Brasília – DF: Articulação Nacional Por uma Educação Básica do Campo*, 1999.

ARROYO, M. Pedagogia em movimento: o que temos a aprender dos movimento sociais? *Currículo sem fronteira*, v3, n1, jan/jun 2003, p. 28-49.

BAZZO, V., & SCHEIBE, L. De volta para o futuro... retrocessos na atual política de formação docente. *Retratos da Escola*, 2019.

BRASIL . *Decreto n. 7.352, de 04 de novembro de 2010*. Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA. Diário Oficial da União, Brasília: 2010.

BRASIL. *Constituição dos Estados Unidos do Brasil*. 1946. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao46.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao46.htm). Acesso em :06 de nov de 2020.

KOLLING, E; CERIOLI, P. e CALDART, R. *Educação do Campo: identidade e políticas públicas*. Brasília: UnB, 2002.

CALDART, R. O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo. *Estudos avançados* 15 (43), 2001.

CALDART R. e SANTOS, C. *Por uma Educação do Campo: campo – políticas públicas – educação– Brasília: Incra; MDA 2008*.

- CALDART, R. Educação do Campo: notas para uma análise de percurso. *In: MOLINA, M. Educação do Campo e pesquisa: questões para reflexão*, Brasília: MDA, 2010.
- CALDART, R. Pedagogia do Movimento. *In: CALDART, Roseli Salete et al. (org). Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 548-555.
- CALDART, R. Educação do Campo. *In: CALDART, R. Dicionário da Educação do Campo..* Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 257 - 264.
- CASSIMIRO, A. *A luta pela construção da imagem do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST (1984-2002)*. 2003. 165f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, 2003.
- CAMACHO, S. *O Ensino da Geografia e a Questão Agrária nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental*. Dissertação (Mestrado em Geografia) –UFMS, Aquidauana, 2008.
- CAMACHO, R. S. O território como categoria da Educação do Campo: no campo da construção/destruição e disputas/conflitos de territórios/territorialidades. *Revista Nera*. Presidente Prudente. V. 22, n.28. p.38-57 Dossiê. 2019.
- CARVALHO, R. Identidade e Cultura dos Povos do Campo no Brasil: Entre Preconceitos e Resistências, Qual o Papel da Educação? *Appris*, 2016
- CRESWELL, J. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e Misto*. Porto Alegre : Artmed, 2010.
- FABRINI, J. Território, classe e movimento sociais no campo. *Revista da Anpege: Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Geografia*, v. 7, n. 7, p. 97-112, jan./jul. 2011.
- FERNANDES, B. *A formação do MST no Brasil – Petrópolis, RJ*. Vozes, 2000.
- FERNANDES, B. Movimentos socioterritoriais e movimentos sócio espaciais: contribuição teórica para uma leitura geográfica dos movimentos sociais. *Revista Nera*, Presidente Prudente: Unesp, ano 8, n. 6, p. 14 – 34, jan./jun. 2005.

FERNANDES, B. *Agronegócio e Reforma Agrária*. Disponível em:[http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/AgronegocioReformaAgrariaA\\_Bernardo.pdf](http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/AgronegocioReformaAgrariaA_Bernardo.pdf). Acesso em: 02 mar de 2020.

FERNANDES, B. Território Camponês. *In: CALDART, R. et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: *Expressão Popular*, 2012. p. 744-748.

FERNANDES, B. Acampamento. *In: CALDART, R. et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: *Expressão Popular*, 2012. p. 23 - 34.

GADELHA, L; SILVA J. *O currículo e a formação de professores na educação do campo*:1º Seminário Internacional Sociedade e Fronteiras. Roraima. 2012.

GERMANI, G. Questão agrária e movimentos sociais: a territorialização da luta pela terra na Bahia. *In: COELHO NETO, A. S.; SANTOS, E. M. C. e SILVA, O. A. (Orgs.). (GEO)grafias dos movimentos sociais*. Feira de Santana (BA): UEFS Editora, 2010, v., p. 269-304.

GOHN, M. *Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola,1997.

HADDAD, S. Direito a Educação. *In: CALDART, R. et al. (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo*. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: *Expressão Popular*, 2012. p. 217-224.

KOLLING E; MOLINA M. *Por uma Educação do campo* (Memória). v.1. 3. ed. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1999.

MACHADO, I. Escola e Movimento Social: a experiência em curso no campo brasileiro. 1. ed. São Paulo: *Expressão Popular*, 2011. p.109-132.

MINAYO, M. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, S. et al. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 09-30.

MOREIRA, A; SILVA, T. *Currículo, cultura e sociedade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

MOLINA, M. Resultados de pesquisas sobre os (as) Egressos (as) das Licenciaturas em Educação do Campo no Brasil. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e13419, 2021.

MOLINA, M; PEREIRA, M. A práxis de egressos(os) da LEdoC UnB na gestão das escolas do campo: caminhos para resistência à Matriz Nacional Comum de Competências do Diretor Escolar. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, 12965, 2021.

*Projeto Político Pedagógico (PPP)*. Escola Estadual Ernesto Che Guevara, Tangará da Serra, Mato Grosso, 2015.

*Projeto Político Pedagógico (PPP)* (Em construção). Centro Municipal de Ensino Ernesto Che Guevara, Tangará da Serra, Mato Grosso, 2021.

SANTOS, C. *Educação do Campo e Políticas Públicas no Brasil: a instituição de políticas públicas pelo protagonismo dos movimentos sociais do campo na luta pelo direito à educação*. 2009. 143f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

SOUZA, A. *Cultivo da Poaia no Assentamento Antonio Conselheiro: Buscando na história uma opção atual de agricultura*. Monografia de Graduação: –Barra do Bugres – MT, 2013.

SOUZA, A; BRICK, E. Ensino de Ciências da Natureza e Matemática a partir da realidade do Assentamento Antônio Conselheiro, Tangará da Serra/MT: reflexões sobre uma prática de Educação do Campo inspirada na perspectiva freiriana. In: MOLINA, M. et al. (org.). *Licenciaturas em Educação do Campo e o ensino de Ciências Naturais: desafios à promoção do trabalho docente interdisciplinar- Volume II*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017. p. 26-76.

STEDILE, J. Reforma Agrária. *In*: CALDART, R. *et al.* (Orgs.). Dicionário da Educação do Campo. Rio de Janeiro: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; São Paulo: *Expressão Popular*, 2012. p. 659 - 668.

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

### **ANEXO 1**

#### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS ORGANIZADORES/COORDENADORES DO SETOR DE EDUCAÇÃO DO MST – MT**

1. Como se dá escolha das temáticas estudadas nos encontros de educadores e educadoras da Reforma Agrária?
2. Como o encontro de educadores/educadoras da reforma agrária pode contribuir na organização e no processo de formação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo?
3. Quais os avanços e limites dos encontros na escola e/ou regiões?
4. A partir de quando se deu o início dos encontros de educadores e educadoras da Reforma agrária e qual sua periodicidade?
5. Atualmente, os encontros de educadores e educadoras estão acontecendo no estado?  
Comente.
6. Há um registro escrito dos encontros de educadores/ educadoras? Estes encontros são certificados? Comente.

## ANEXO 2

### **ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS EDUCADORES E EDUCADORAS EGRESSOS DOS ENCONTROS QUE ATUAM OU ATUARAM NA ESCOLA FOCO DESTA PESQUISA, ESCOLA ERNESTO CHE GUEVARA**

#### **ROTEIRO**

13. Você atua como educador/a hoje? se sim onde?
14. O que o motiva ou motivou a participar dos encontros de educadoras/educadores da reforma agrária?
15. Por que ou como você se tornou educador/a de escolas do campo?
16. Após a participação nos encontros você continua utilizando as práticas formativas que foram desenvolvidas ao longo dos encontros, na escola do campo que atua? Se sim, descreva quais. Se não relate os motivos.
17. Você consegue perceber se as temáticas/assuntos estudados nos cursos de formação se materializa no cotidiano escolar? Se sim, onde e como?
18. Para você, quais temas seriam relevantes estar presente nos encontros de formação dos educadores/educadoras da reforma agrária?